

Recolhas de Contos da Tradição Oral:

A Rainha Moura Virada no Avesso

Ana Beatriz Demarchi Barel

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Ana Beatriz

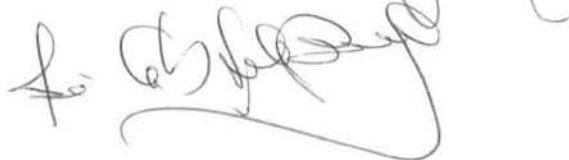
Demarchi Barel

e aprovada pela Comissão Julgadora em
26/06/95


PROFA. DRA. MARISA PHILBERT LAJOLO

Dissertação apresentada ao Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Teoria Literária
Campinas, junho de 1995.





Agradecimentos

À Profa. Dra. Marisa Lajolo, minha orientadora, pelo acompanhamento constante e pela correção cuidadosa ao longo de toda a elaboração deste trabalho.

Aos Profos. Drs. Haqira Osakabe, Vilma Arêas e Modesto Carone, meus modelos de conduta na vida e na profissão.

À Profa. Dra. Ria Lemaire, por incentivar-me na persistência em realizar este trabalho e pelas valiosas sugestões.

À CAPES, pelo apoio financeiro, sem o qual não teria sido possível a realização deste trabalho.

A Iván, pelo companheirismo.

A minha mãe, que me contou histórias.
A meu pai, que me ensinou a lê-las.

Índice

Prefácio.....	01
---------------	----

Parte 1

Capítulo I.....	02
-----------------	----

- 1. Justificativa
- 1.a. Panorama Geral das Recolhas
- 1.b. Escolha de "certas" recolhas
- 1.c. Estabelecimento dos Corpus a Serem Analisados

Capítulo II.....	11
------------------	----

- 2. Metodologia
- 2.a. Instrumentos e Procedimentos
- 2.b. Apresentação das Tabelas
 - de substantivos
 - de campos semânticos

Capítulo III.....	15
-------------------	----

- 3. Leitura Crítica dos Campos Semânticos
- 3.a. Tipologia dos Projetos de Recolha
- 3.b. Análise Interpretativa dos Resultados e Levantamento de Hipóteses

Parte 2

Capítulo IV.....	32
------------------	----

- 4. Escolha do Corpus Narrativo: Um Conjunto de Versões
- 4.a. Análise Comparativa do Conjunto de Versões
- 4. b. Revisão ou Manutenção das Hipóteses Levantadas
- 4. c. Propostas Para Continuidade do Trabalho

Anexos.....	57
-------------	----

- I - Textos Introdutórios às Antologias
- II - Tabelas de Substantivos e de Campos Semânticos
- III - Corpus das Cinco Versões do Conto Analisado

Bibliografia.....	188
-------------------	-----

Lista de Ilustrações.....	194
---------------------------	-----



CAPÍTULO I



PREFÁCIO

Liguei a TV e lá estava ele, um dos maiores ídolos da música brasileira. Numa das mais emocionantes manifestações do público, milhares de pessoas cantaram, sem o ponto do cantor, toda a letra de um de seus grandes sucessos de venda. Sem trocas de palavras. Sem hesitações ou mudanças de tons. Nenhum erro. Nem um erro. Parei então para pensar na memória popular e em seus processos seletivos: o mesmo processo ocorre com as histórias de fadas. Com as histórias "de cuna", diriam os espanhóis. O mesmo, com as histórias sussurradas com a voz quente das negras, há tantos anos atrás.

Se hoje não há mais as vozes negras que nos acalentem os sonhos e a paisagem da janela pouco lembra a imensidão vermelha dos cafezais, no entanto, para frustrar a linha de raciocínio e propor mais um dos paradoxos culturais do Brasil, as pilhas de Chapeuzinhos Vermelhos- e até Amarelo-, de Belas e suas Feras, de Cinderelas e de Brancas de Neve aumentam a cada ano. Assim seja, para os séculos dos séculos, rezam as editoras e os mais afoitos por ver seu nome em mais uma capa de livro, velho fetiche da sociedade brasileira. Rogai por nós, pensam os pesquisadores, particularmente eu, que decidi um dia vasculhar as gavetas entreabertas do meu desejo e espanar alguns papéis escritos e tão interessantes.

As histórias de fadas e de negras, as histórias que a minha e a sua mãe nos contavam, com o livro ou os olhos já semi-cerrados. Com o livro ou com os olhos semi-cerrados? Onde a voz se perdeu ? Onde a imagem e o corpo negro das ilustrações? Onde Tia Nastácia, negra beijuda e de chinelos na tinta do papel? Quem conheceu Tia Nastácia ou Velha Totônia antes de irem para o papel? Perguntas que me faço diante das pilhas de livros de contos, rascunhando respostas...

CAPÍTULO I

1. Justificativa

A decisão de trabalhar com contos da tradição oral está direta ou indiretamente ligada a muitos questionamentos que podemos nos propor, desde uma definição do que seja Literatura até discussões sobre a sociedade global e suas relações com países de cultura periférica, nosso caso.

Minha escolha tenta privilegiar as relações entre materiais de natureza diferente: os contos transmitidos oralmente e a forma de recepção deste material pela Literatura escrita nos projetos de recolha dos séculos XIX e início do XX, em Portugal e no Brasil.

Ainda que em outros momentos históricos tenhamos projetos de utilização deste material de origem oral, interessa-me este espaço de cerca de cem anos - desde a publicação de *O Romanceiro*, de Garrett, em 1843, até os *Contos Tradicionais do Brasil*, de Câmara Cascudo, em 1946 - pois é neste hiato que podemos rastrear o processo de consolidação do movimento Romântico nestes territórios de língua lusa. É também neste momento da história da Literatura que o material de tradição oral é, declaradamente, incorporado ao cânone literário.

1.a. Panorama Geral das Recolhas

Quando se pensa em delimitar um panorama de recolhas de contos de tradição oral, no caso deste trabalho, deve-se ter em consideração que estamos pinçando um período historicamente determinado, o espaço que vai de meados do século XIX até meados do século XX. Isto não significa que os projetos de recolha e resgate das narrativas orais tenham sido preocupação de intelectuais apenas nestes aproximadamente cem anos.

Lembrando Italo Calvino em seu *Fiabe Italiane*, já no século XVI, na Itália, era publicado o *Piacevoli Notti*, de Straparola, sendo seguido por Giambattista Basile e o seu *Pentamerone* no século XVII, duas produções que buscam na tradição oral a base para sua composição

*I grandi libri di fiabe italiane, si sa, sono nati in anticipo sugli altri. Già a metà del secolo XVI, a Venezia, nelle Piacevoli Notti di Straparola, la novella cede il campo alla sua più anziana e rustica sorella, la fiaba di meraviglie e d'incantesimi, con un ritorno d'immaginazione tra gotica e orientale alla Carpaccio, e un'incrinatura dialettale allo stampo della prosa boccaccesca. Nel Seicento, a Napoli, Giambattista Basile sceglie per le sue acrobazie di stilista barocco-dialettale i "cunti", le fiabe "de' peccerille" e ci dà un libro, il Pentamerone...*¹

A partir daí, já próximo do século XVIII, em 1697, será de Perrault a recolha que trará mudanças interessantes ao material tradicional dos contos orais. No fim do século XVII os contos de fadas estavam em voga na França e é com a publicação de Contes de ma mère l'oye que Charles Perrault confere um novo papel aos contos transmitidos pela língua falada: ele os adapta para circularem e serem lidos entre a aristocracia. Como lembra Darnton

*Perrault, mestre do gênero, realmente recolheu seu material da tradição oral do povo (sua principal fonte, provavelmente, era a babá de seu filho). Mas ele retocou tudo, para atender ao gosto dos sofisticados frequentadores dos salões, précieux e cortesãos aos quais ele endereçou a primeira versão publicada de Contes de ma mère l'oye, de 1697.*²

Mais tarde, estes mesmos contos servirão de base para os irmãos Grimm, que se encarregarão de realizar a publicação de seus Kinder-und-Haus- Märchen, na Alemanha.

Isso nos faz pensar nas diferentes empresas realizadas por estes intelectuais e nos muitos serviços a que se prestou este material, questionando os projetos em que era inserido. Alguns dos contos que os Grimm coletaram foram transmitidos por uma vizinha de origem francesa, Jeannette Hassenpflug, mas em grande parte foram reelaborados por eles tendo sido lidos em livros de Perrault, o que nos faz dizer, mais uma vez, com Darnton

*Assim, os contos que chegaram aos Grimm através dos Hassenpflug não eram nem muito alemães nem muito representativos da tradição popular.*³

¹ Calvino, Italo. Fiabe Italiane, Torino, Einaudi, 1990, p. XXX.

² Darnton, Robert. O Grande Massacre de Galos, Rio de Janeiro, Graal, 1988, p. 24.

³ Darnton, Robert. *Op. cit.*, p. 24.

Após a publicação pelos Grimm, na Alemanha, em 1812, dos seus Kinder- und Haus-Märchen - quando muitos volumes de contos populares já haviam sido publicados, um movimento de recolha de contos de tradição oral tomou conta da Europa, como afirma Burke

*Vários volumes de contos populares foram publicados na Alemanha antes do aparecimento, em 1812, da famosa coletânea dos irmãos Grimm... O exemplo dos Grimm logo foi seguido em toda a Europa.*⁴

Este é o momento que nos interessa mais de perto, uma vez que os projetos de recolha deste material no século XIX, os contos que na época eram chamados por muitos intelectuais de "populares", só se desenvolveram nos países que nos interessam, os de cultura periférica - como Portugal, Espanha e Itália -, posteriormente aos movimentos de recolha que aconteceram na França e na Alemanha.

Na Itália, segundo Italo Calvino em seu Fiabe Italiane, as recolhas mais importantes do século XIX foram realizadas em duas regiões, na Toscana e na Sicília

*Raccolte copiose e ben fatte ne esistono soprattutto di due regioni: Toscana e Sicilia. Ed è dalla Toscana e dalla Sicilia che ci vengono le due raccolte più belle che l'Italia possiede. Sono le Sessanta novelle popolari montalesi di Gherardo Nerucci e le Fiabe, novelle e racconti popolari siciliani di Giuseppe Pitre.*⁵

Pitre e Nerucci foram os recolhedores que mais se destacaram neste projeto de recolha de narrativas populares no século XIX - cujas publicações datam de, respectivamente, 1875 e 1880 -, ainda pelas palavras de Calvino, devido ao grau de tratamento científico com que se propuseram a tarefa do resgate deste material

Qual è il segreto della raccolta? È che con essa usciamo dall'astratta idea del "popolo" raccontatore, e ci poniamo di fronte a personalità di narratori e narratrici ben distinte, segnate quasi sempre con nome e cognome, età e mestiere, di modo che possiamo, sul calco delle storie senza tempo né volto,

⁴ Burke, Peter. *A Cultura Popular na Idade Moderna*. SP: Companhia das Letras, 1989, p. 34.

⁵ Calvino, Italo. *Op. cit.*, p. XXXV.

di tra il grezzo anonimo parlato dialettale, scavar fuori qualche scoperta o sia pur qualche accenno d'un mondo d'immaginazione più sofferto, d'un ritmo interiore, una passione, una speranza che s'esprimano attraverso quest'attitudine a favoleggiare. Una tale via, che ebbe i suoi primi maestri in Italia nel Pitre e nel Nerucci, entrò poi nei canoni della raccolta "scientifica" ed è seguita in tutte le raccolte più recenti...⁶

Em Portugal, é Almeida Garrett, em 1843, o pioneiro neste tipo de trabalho intelectual, com a publicação de seu Romanceiro. Após o lançamento do Romanceiro temos, em 1877, Contos Para a Infância, de Guerra Junqueiro, em 1883, a primeira edição de Contos Tradicionais do Povo Português de Teófilo Braga e, já no século XX, em 1957/8, Contos Tradicionais Portugueses, uma antologia de vários autores, dentre eles, Teófilo Braga, Alexandre Herculano e outros, organizada por Carlos Oliveira e José Gomes Ferreira, o que indica um outro momento da história das recolhas de contos de tradição oral, a publicação de contos já recolhidos anteriormente.

No Brasil, algumas das publicações que se dedicaram à recolha de contos de tradição oral são Contos Populares do Brasil, em 1885, de Silvio Romero, Histórias da Velha Totônia, em 1936, de José Lins do Rego, Histórias de Tia Nastácia, em 1937, de Monteiro Lobato e Contos Tradicionais do Brasil, em 1946, de Luís da Câmara Cascudo.

Este momento de resgate das narrativas de tradição oral tomava parte em um projeto mais amplo que marcou toda a Europa do século XIX e o qual Burke denomina "a descoberta do povo" e que se fortalece no momento em que as classes subalternas definiam um movimento de saída do campo e invasão das cidades

Foi no final do século XVIII e início do século XIX, quando a cultura popular tradicional estava justamente começando a desaparecer, que o "povo" (o folk) se converteu num tema de interesse para os intelectuais europeus. Os artesãos e camponeses decerto ficaram surpresos ao ver suas casas invadidas por homens e mulheres com roupas e pronúncias de classe média, que insistiam para que cantassem canções tradicionais ou contassem velhas histórias.⁷

⁶ Calvino, Italo. Op. cit., p. XXXV e XXXV.

⁷ Burke, Peter. Op. cit., p.31.

PREFÁCIO

"Desaparecer" talvez não seja o termo adequado, ou talvez seja definitivo em excesso. As manifestações da cultura popular, em toda parte onde elas se manifestem, podem sofrer alterações, podem ser "desnaturadas", tornar-se mais raras, diminuir a frequência com que são captadas, mas sempre permanecem, de uma forma ou de outra.

Parece-me que Burke tenta caracterizar aquele momento histórico, em que, para os intelectuais que se debruçam nesta tarefa de resgate das narrativas populares - e aqui a palavra "resgate" é utilizada no clima do texto de Burke - o campo *parece* estar se esvaziando, o rural, dissolvendo-se e as cidades, inchando; o urbano, absorvendo o "povo" para devolvê-lo "contaminado", "distorcido", "desfigurado". Diante de tal perspectiva, o resgate destas tradições ditas "populares" define-se em função de parâmetros e ideais pré-estabelecidos. Este é, talvez, o traço que nos dê mais informações sobre os projetos destes intelectuais neste período que vai de meados do século passado até meados deste nosso século XX. A imagem que Burke constrói é, então, resumidora dos projetos da época

*Assim, ler o texto de uma balada, de um conto popular ou até de uma melodia numa coletânea da época é quase como olhar uma igreja gótica "restaurada" no mesmo período. A pessoa não sabe se está vendo o que existia originalmente, o que o restaurador achou que existia originalmente, o que ele achou que devia ter existido, ou o que ele achou que devia existir agora.*⁸

Muitos outros projetos similares podem ser detectados na Europa neste período e em muitas regiões como a Hungria, a Polônia, a Rússia, a Escócia e sobre os quais o livro de Peter Burke nos fornece dados interessantes⁹ assim como o já citado livro de Italo Calvino que elenca várias publicações e relata com detalhes a "história" das mesmas na Itália,¹⁰ em especial, na Sicília.

Este trabalho, porém, tem como objetivo fixar sua atenção em textos produzidos em língua portuguesa, escritos por intelectuais portugueses e brasileiros e que tomaram para si a tarefa de transposição, pela língua escrita, de um material que era construído na oralidade.

⁸ Burke, Peter. *Op. cit.*, p. 47.

⁹ Para mais informações sobre estes projetos e os livros publicados cf. Burke, P. *Op. cit.*, p. 31 a 49, especialmente.

¹⁰ Para mais dados sobre as recolhas realizadas na Itália, em especial, na Sicília, cf. Calvino, Italo. *Op. cit.*, p. XXXIII a XXXV.

Parece-me importante que este panorama geral seja previamente delimitado para que possamos

a. tendo um quadro geral dos projetos que se desenvolviam no período histórico que nos interessa, iluminar as costuras aparentemente invisíveis ou esgarçadas que sustentam esta grande teia de recolhas que se esparrama pelo território europeu e, posteriormente americano.

b. estabelecer hipóteses para os projetos que serão privilegiados em língua portuguesa, evidenciando os contrastes e as semelhanças para os quais possam apontar.

1.b. Escolha de "certas" recolhas

A escolha destes intelectuais para representar o movimento de recolha destas narrativas de origem oral e a sua transposição para a língua escrita tanto em Portugal como no Brasil deve-se, em primeiro lugar, ao fato de estas serem as obras constantes de todos os acervos consultados no momento de seleção do material que serviria como fonte para a delimitação de um corpus de contos recorrentes e que se prestariam à etapa de análise neste trabalho, o que parece apontar para a representatividade destes escritos no conjunto de antologias que se dedicaram à recolha dos contos de tradição oral em língua portuguesa.

Outra razão para privilegiar estes textos nesta pesquisa é a escolha do público adulto como leitor virtual destas narrativas de tradição oral. Dos oito autores selecionados, apenas dois escrevem tendo como público-leitor virtual as crianças: Monteiro Lobato e José Lins do Rego. Um dos focos de interesse de minha tese é o de verificar o percurso que este material trilhou e a que leitores se destinava este material, dependendo do idealizador da recolha e do momento histórico em que foi realizada.

Parece-me, também, que sejam nomes importantes para a definição da sensibilidade Romântica em Portugal e no Brasil, bem como para a formação de conceitos fundamentais na discussão da identidade cultural como nacionalismo, povo, popular, língua nacional, nação e que determinaram muitos caminhos da literatura nesses países.

1.c. Estabelecimento dos Corpus a Serem Analisados

Se meu objetivo era o de verificar como se deu a recepção deste material de tradição oral, os contos, pelos intelectuais que os recolheram através da língua escrita, o primeiro passo foi o de tentar encontrar dados que me permitissem restaurar, na medida do possível e o máximo possível, como se estabeleciam as relações entre, de um lado, a intelectualidade, o universo que envolve a literatura escrita, erudita e, de outro, os que criavam as narrativas chamadas no século passado de "contos populares" e sua forma de ler o mundo.

Em outras palavras, era preciso clarear aquele terreno tantas vezes nebuloso que define o que é de quem: o limite, neste caso, entre o que pertencia ao universo das letras e era definido pelos que faziam parte dele e - contrariando a simetria - não o que pertencia ao universo oral e era definido por ele mas o que pertencia ao oral e era definido pelos eruditos.

Todas as narrativas transmitidas oralmente e definidas pelos iletrados são, neste caso, irrecuperáveis diretamente uma vez que as antologias de contos que nos chegaram são recriações das narrativas transmitidas oralmente. Mas, também é o que nos restou delas, de uma forma ou de outra, e isso é o que temos.

No dizer de Darnton

As grandes coletâneas de contos populares, organizadas no fim do século XIX e início do XX, oferecem portanto uma rara oportunidade de se tomar contato com as massas analfabetas que desapareceram no passado, sem deixar vestígios. Rejeitar os contos populares porque não podem ser datados nem situados com precisão, como outros documentos históricos, é virar as costas a um dos poucos pontos de entrada no universo mental dos camponeses...¹¹

A afirmação de Darnton é irrefutável se dissermos que aquilo com o que temos contato é parte do universo mental dos camponeses. A tarefa deste trabalho de pesquisa que realizei é precisamente esta: a tentativa de identificar o que pertence ao universo dos iletrados e que foi redefinido pelo universo das letras - "o fundo de cultura popular que sofre perdas notavelmente pequenas no decorrer dos séculos" como ensina Darnton - e o que é

¹¹ Darnton, Robert. *Op. cit.*, p. 32.

definido e definidor do universo letrado: a literatura crítica produzida pela intelectualidade sobre este material, os contos da tradição oral.

O material de que me valho para tentar a restauração deste imenso mosaico narrativo inclui:

a. prefácios, introduções, notas e comentários dos recolhedores, organizadores, escritores, intelectuais que se debruçaram sobre estes contos (Anexo I) . Através deles podemos recuperar a forma pela qual se definiam as relações ideológicas entre, de um lado, a intelectualidade e, de outro, o que a mesma intelectualidade então definia como o "povo" e sua produção característica, as narrativas transmitidas oralmente, bem como o projeto que idealizaram os intelectuais que os recolheram.

b. alguns dos contos da tradição oral propriamente ditos, recolhidos no código escrito, selecionados por serem presença constante nas antologias: as versões que se repetiam nestes recolhedores e que formaram um corpus de dez versões recorrentes em cinco das sete coletâneas privilegiadas, num total de cinquenta narrativas. Destas cinquenta versões de contos, minha análise vai se deter sobre um conjunto de cinco versões, para refletir sobre as hipóteses cogitadas nas etapas anteriores (Anexo III). Os contos permitem a confirmação ou reavaliação das hipóteses levantadas a partir da leitura do material listado no item anterior uma vez que são a fonte das informações deixadas pelos recolhedores sobre suas idéias, intenções e forma de abordagem das narrativas de tradição oral.

O trabalho de pesquisa aqui desenvolvido tem, portanto, duas partes bastante demarcadas uma vez que parte da análise de dois corpus de textos fundamentalmente diferentes: o primeiro, formado por textos de crítica literária e o segundo, composto pelas versões dos contos recorrentes nas antologias.

Os textos que formam o primeiro corpus a ser analisado são: a introdução de Almeida Garrett ao seu Romanceiro, de 1843, os prefácios de Guerra Junqueiro ao seu Contos Para a Infância, de 1877, de Contos Tradicionais do Povo Português, de 1883, escrito por Teófilo Braga, de Contos Tradicionais Portugueses, publicado em 1957/8 e organizado por José Gomes Ferreira e Carlos Oliveira e de Contos Tradicionais do Brasil, de Câmara Cascudo, publicado em 1946; a introdução dos Contos Populares do Brasil, de Sílvio Romero, em 1885, e a pequena nota introdutória do Histórias da Velha Totônia, de

1936, de José Lins do Rego. Do Histórias de Tia Nastácia, de 1937, de Monteiro Lobato, utilizarei a introdução ao livro, um diálogo entre Emília e Pedrinho.

O segundo corpus é constituído por versões dos dez contos seguintes

1. O Aprendiz de Mago
2. Frei João Sem Cuidados
3. O Figueirinho da Figueira
4. O Bicho Manjaléu
5. João e Maria
6. A Princesa que Adivinha
7. A Mulher Dengosa
8. Manuel da Bengala
9. A Moura Torta
10. Pele-de- Cavalo

Destas dez narrativas, escolherei uma para realizar uma leitura atenta que comprove ou contradiga as hipóteses levantadas a respeito dos projetos de recolha em que se inserem.

O próximo capítulo exporá os princípios teórico-metodológicos que subjazem à análise do primeiro destes corpus, delimitando o material a ser analisado e que permitirá a elaboração de hipóteses sobre a natureza dos projetos de recolha dos contos da tradição oral por diferentes intelectuais em Portugal e no Brasil.

CAPÍTULO II



CAPÍTULO II

2. Metodologia

Num certo sentido, para podermos aplicar uma metodologia a um determinado material textual, devemos definir previamente quais as expectativas que se tem em relação a este material. Neste caso, e como foi dito no capítulo anterior, a expectativa é que a análise de prefácios, notas e introduções revele:

- a. as relações entre a intelectualidade, neste caso, os organizadores das antologias, e as produções de narrativas curtas da tradição oral
- b. de que forma se organizam a linguagem e o discurso da intelectualidade para estabelecer relações com e se referir ao universo das tradições orais

Para isso, procedeu-se a uma análise do discurso dos intelectuais ao se referirem a estas narrativas de origem iletrada acreditando, com isso, poder recuperar um dos ângulos de visão que definiam esta produção em diferentes momentos de seu resgate pela palavra escrita.

O procedimento analítico por que optei foi o levantamento dos campos semânticos envolvidos na tessitura dos prefácios, introduções e notas introdutórias. Tais textos moldurais, são marcadamente metalingüísticos, uma vez que fornecem informações sobre o trabalho que o intelectual desenvolveu na recolha da tradição oral e por constituírem, assim, espaço aberto pela tradição letrada para falar sobre o material que "o miolo" apresenta ao seu leitor, justificando sua publicação.

Assim, é, por hipótese, nos textos moldurais que se explicitam pressupostos e intenções do intelectual ao realizar a tarefa de recolha do material da tradição oral, bem como o viés utilizado para recriá-lo, incorporando-o ao universo das letras.

A identificação preliminar dos campos semânticos privilegiados nas falas moldurais da recolha de contos de tradição oral, realizou-se através do levantamento de todos os *substantivos* utilizados na elaboração destes textos moldurais. A hipótese metodológica é que, através deste procedimento, pode-se chegar ao agrupamento de certos substantivos

que, por gravitarem todos em torno de uma idéia ou significado principal, configuram um *campo semântico*¹²; hipótese metodológica subsequente é que, na articulação de diversos campos semânticos, explicitam-se os pressupostos conceituais do texto, no caso, os pressupostos relativos aos pares *literatura, tradições orais, contos, produção literária, escrita ou oralidade*.

Num certo sentido, acredita-se que tal procedimento favorece a recuperação dos pressupostos conceituais do texto transcrito no nível superficial da tessitura léxica deste mesmo corpo que é o texto, na eleição de uma certa palavra e não de outras, de uma certa expressão em detrimento de tantas equivalentes.

Para favorecer a visualização do procedimento do qual resultou o estabelecimento dos campos semânticos relevantes, organizam-se tabelas onde se indicam os substantivos utilizados, a frequência com que se repetem, os campos semânticos a partir daí estabelecidos, e indicados especificamente em cada autor. Ou seja, inicialmente, apresentarei análises individualizadas, identificando os substantivos utilizados em cada um dos textos para, posteriormente, reagrupá-los em um quadro geral.

2.a. Instrumentos e Procedimentos

Para o levantamento dos campos semânticos sinalizados nos textos introdutórios, foi utilizado um programa específico de computador¹³ que montasse as tabelas e fizesse os quadros da frequência com que os substantivos aparecem. Vale notar que a recorrência de um determinado substantivo não implica necessariamente no estabelecimento de um campo semântico para o texto em questão pois, o que caracteriza a conformação de um campo semântico, não é a presença maciça de um único substantivo e sim o estabelecimento de um vínculo semântico comum em torno de um conjunto de substantivos.

Após o levantamento de todos os substantivos de todos os textos moldurais das recolhas a serem privilegiadas, procedeu-se, pois, à delimitação dos diferentes campos semânticos bem como sua nomeação.

¹² O conceito aqui utilizado para a expressão *campo semântico* não mantém, intencionalmente, relações com os estudos de teóricos que se dedicaram a esta temática, como por exemplo Ducrot, Pêcheux.

¹³ O programa utilizado para a definição das tabelas foi o Excel.

É importante lembrar que a delimitação dos campos semânticos, bem como sua nomenclatura estão sujeitas a oscilações dependendo do pesquisador que as realize. As deste trabalho, são as que me pareceram mais pertinentes, por mais refletirem as intenções do texto-base.

2.b. Apresentação das Tabelas

Apresentam-se, agora, as tabelas construídas, a saber:

- tabelas de substantivos e suas frequências
- tabelas de campos semânticos

sendo que o critério utilizado para a apresentação das tabelas será o de autor. Desta forma, teremos oito tabelas referentes às oito obras privilegiadas nesta pesquisa. Os autores aparecem por ordem crescente de cronologia, do mais antigo para o mais recente (Anexo II)

As tabelas de substantivos foram formadas a partir da aplicação do programa já citado, Excel. Este programa oferece um recurso que permite ao usuário a localização de palavras, selecionando-as em todo o texto. No caso desta pesquisa, interessava-me localizar todos os substantivos existentes nos textos introdutórios, o que me levou a desconsiderar todas as outras palavras pertencentes a outras classes gramaticais e que não seriam aproveitadas.

Vale lembrar que *todas* as palavras de *todos* os textos introdutórios foram lidas pelo computador para que a identificação dos substantivos fosse possível. Num exemplo prático, se a primeira palavra do texto fosse *conto*, ela deveria ser selecionada, seguindo-se um rastreamento de todos os outros substantivos *conto* por todo o texto, até a última linha. Mas, antes de passar para a segunda palavra do texto, o usuário *tem* que reduzir a palavra a seu *radical*, pois será esta a parte que se mantém fixa em todas as formas derivadas. Assim como há *conto*, há *continho*, *contas*, *contar*, *contarei*, *contadeira*. Mantendo-se o radical, selecionam-se, mais uma vez, as palavras que se repetem e o número de vezes em que isso se dá naquele texto específico.

Após ter concluído a contagem do substantivo, no caso deste exemplo, *conto*, coloca-se o cursor sobre a tabela oferecida pelo Excel e registra-se a palavra e a frequência com que se repete. Este trabalho é realizado mantendo as duas telas abertas no visor do micro, ou seja, a que contém o texto de onde se selecionam os substantivos e a que oferece a tabela do Excel.

O próximo passo após a feitura de todas as tabelas de substantivos foi uma leitura dos substantivos encontrados, tentando identificar o vínculo semântico comum que poderiam apresentar. Tendo sido agrupados os substantivos em torno deste vínculo comum, definem-se os campos semânticos existentes em cada um dos textos introdutórios, formando-se as tabelas de campos semânticos e que aqui vão anexadas (Anexo II). ¹⁴

¹⁴ Há substantivos que foram registrados em mais de um campo semântico, o que justifica sua repetição e a existência de zonas de intersecção entre os balões, no caso específico do texto de *Guerra Junqueiro*.

CAPÍTULO III



CAPÍTULO III

3. Leitura Crítica dos Campos Semânticos

A partir do levantamento dos substantivos presentes nestes textos introdutórios e do estabelecimento campos semânticos que me pareceram mais operacionais, elaborei hipóteses para possíveis interpretações dos projetos intelectuais em que se inserem a organização e publicação das antologias e, ainda, tentei identificar e discutir um fio condutor, que servisse de elo de ligação entre as pesquisas destes vários intelectuais.

De acordo com o que pude identificar, os campos semânticos que se constroem a partir da leitura destes textos introdutórios são

- A) Literatura Escrita/Saber Institucionalizado
- B) Oralidade/Folclore/Etnografia/Antropologia/Ciência/Jargão Científico
- C) Religião/Misticismo/Espiritualismo
- D) Natureza
- E) Geografia
- F) Guerra/Luta/Poder/Confronto
- G) Infância/Lar/Relações Familiares
- H) História do Brasil/Brasilidade
- I) Universo Lobatiano
- J) Sentimentos
- L) Educação
- M) Moral

Pela observação das tabelas de campos semânticos é possível afirmar que todos os textos introdutórios foram elaborados remetendo a dois campos semânticos comuns, os campos relativos a Literatura Escrita/Saber Institucionalizado e/ou a Oralidade/Etnografia/Folclore.

A partir de uma análise destes campos, pude verificar que os substantivos que mais se repetem são

A) Literatura Escrita/Saber Institucionalizado

1. nomes de eruditos, intelectuais, escritores, poetas da literatura escrita: *Schiller, Shakespeare, Calderón, Virgílio, Petrarca, Platão*.

2. nomenclatura utilizada para uma divisão didática da Literatura, vista como disciplina, o que inclui características de estilo de época, gêneros literários, recursos poéticos e títulos de obras de renome nesta tradição erudita: *xácaras, quadrinhas, fábulas, perífrase, facécias, maneirismos, Romantismo, Arcádia, gongorismo, quinhentista, História da Litteratura, Escola Mitológica, Etnografia Portuguesa, metrificação*.

3. títulos de antologias de contos populares publicadas por intelectuais: *Contes de la mère l'Oie, Contos Tradicionais do Povo Português, Contos Populares do Brasil, Contos Populares Portugueses*.

4. títulos de contos populares recolhidos por eruditos: *"A Princesa que Rompia Sete Pares de Calçado", "Os Dois Irmãos", "Maria Borracheira"*.

5. vocabulário científico: *agente, fenômenos, disciplina, categorias, ciência, método, investigação*.

B) Oralidade/Folclore/Etnologia/Antropologia

1. nomes de eruditos, intelectuais, escritores e poetas da literatura escrita e que se dedicam de alguma forma ao estudo, recolha, compilação de materiais da tradição oral: *Aarne-Thompson, Adolfo Coelho, Perrault, Jorge Ferreira de Vasconcelos, Jacob Grimm, Max Muller*.

2. nomenclatura relativa à divisão didática do material de tradição oral em gêneros: *fabliau, fábulas, facécias, contos, patranhas, chistes, conseja*.

3. títulos de antologias de contos populares recolhidas ou compiladas por eruditos: *Contos Populares do Brasil, Cuentos Populares Españoles, Contos Populares Portugueses, Kinder-und-Hausmärchen*.

4. títulos de contos populares recolhidos por eruditos: *"A Gata Borracheira", "Os Dois Irmãos", "Pedro de Malas Artes", "As Três Cidras do Amor", "O Bicho Manjaleú", "A Onça e o Bode", "A Bilha de Leite", "O Sargento Verde"*.

5. nomes de divindades mitológicas, personagens de contos populares: *Caipora, Cobra Grande, Mãe d'Água, Ranci, Tane-Mahuta, Tu-Matuenga, Curupira*.

6. vocabulário científico característico das ciências sociais como Antropologia, Etnologia e das ciências naturais como Biologia: *dialectologia, mitos, raças, caboclos, costumes, nacionalidade, folclore, elementos, selvagem, parentes, mestiços, indivíduos, gêneros.*

C) Religião/Misticismo/Espiritualismo

1. palavras relacionadas à história das religiões: *Vaticano, protestantismo, paganismo.*

2. palavras relativas à Religião enquanto Instituição: *claustro, curia, Vaticano, discípulos, frade, monges.*

3. nomes de divindades: *anjos, Deus, Providência.*

4. nomes de objetos ligados ao universo místico-religioso: *estandarte, grinalda, sudário, anjo, milagres, santuário.*

5. palavras que pressupõem a aceitação de dogmas como verdades incontestáveis: *adoração, idolatria, preceitos, fê.*

D) Natureza

1. palavras que pertencem ao universo natural através da manifestação da natureza: *rosa, manancial, estrelas, caminho, bosques, frutos, terra, luz.*

E) Geografia

1. nomes de regiões, cidades, ilhas, continentes, acidentes geográficos: *Açores, Alemanha, Ilha da Madeira, arquipélago, ilhas.*

F) Guerra/Luta/Poder/Confronto

1. palavras pertencentes ao universo bélico, como nomes de objetos de guerra: *armas, cavalaria, espada, munições, malha, contingente, lança.*

2. palavras que pressupõem a existência de relações de assimetria entre duas partes: *ascendência, tutela, supremacia, escrava, desigualdade, domínio, posse, jugo, servidão.*

3. palavras que expressam o exercício do poder e suas consequências: *centralização, divisão, despotismo, independência, domínio, revolução, expulsão.*

4. palavras que indicam sistemas de governo: *monarquia, império, partido.*

5. títulos de nobreza: *D. Affonso III, D. Sebastião, D. Filippa, rei Arthur, Marquês de Santilhana, príncipe, rainha, senhores.*

6. nomes de representantes de sistemas monárquicos: *D. Henrique, D. Sebastião, Luís XIV, rei Arthur, D. Pedro I.*

7. palavras que indicam a divisão da sociedade em castas: *plebe, senhores, nobres, nobreza, senhorio.*

8. palavras relacionadas ao universo político: *doutrinas, partidos, instituição.*

9. palavras que expressam relações de servilismo ou submissão: *cativeiro, tutela, servidão, escrava, senhores.*

10. palavras ligadas ao universo do poder enquanto instituição: *império, foraes, documentos, regime, doutrinas.*

G) Infância/Lar/Relações Familiares

1. palavras pertencentes ao universo infantil, como objetos exclusivos de crianças, brinquedos: *boneca, berços.*

2. palavras que indiquem relações de parentesco: *mães, avô, filhos, tia, pais.*

3. palavras que expressem relações de afetividade entre pessoas que pertencem a uma mesma família: *vovó, tetéia, Emilinha, velhinha, mamãe, Pedrinho.*

4. palavras que resgatem o universo infantil gravado na memória do escritor adulto e que expressem uma experiência única e individual: *engenho, Velha Totônia, Esméria.*

H) História do Brasil/Brasilidade

1. nomes de estado brasileiro: *Sergipe.*

2. palavras que fazem parte de episódios da História oficial brasileira, como por exemplo, a utilização do sistema escravagista como relação de trabalho e meio de geração de riquezas: *escrava, negras, Esméria, engenho.*

3. nome de intelectual brasileiro: *Silvio Romero.*

I) Universo Lobatiano

1. nomes de personagens de obras de Monteiro Lobato: *D. Benta, Emilia, Tia Nastácia, Pedrinho*.

J) Sentimentos

1. palavras representativas de sentimentos: *alegria, ansiedade, prazer*.

L) Educação

1. palavras que remetem ao universo letrado: *escola, pedagogos, educadora*.
2. palavras que estão associadas ao mundo científico, do pensamento, da razão: *analogia, livros, escola*.
3. nomes de intelectuais: *Froebel, Guerra Junqueiro*.

M) Moral

1. palavras representativas de valores morais: *bem, vontade*.

3. a. Tipologia dos Projetos de Recolha

Uma vez realizada esta leitura crítica dos campos semânticos identificados, podemos buscar interpretações para estes resultados que nos auxiliem a compreender a relação que mantinham as intelectualidades portuguesa e brasileira com este material de origem oral, os chamados, então, contos populares.

A partir da observação deste panorama geral que nos proporcionam as tabelas dos substantivos recorrentes em cada um destes textos e dos campos semânticos definidos - e através das quais pode-se verificar o inter cruzamento dos vários campos semânticos, o que se reflete na presença simultânea de substantivos em campos distintos - poderíamos dizer que estes projetos de recolha apontam, ao menos, duas linhas diferentes, dois tratamentos distintos para o material que recolheram.

Uma primeira classificação divide este conjunto de recolhedores de contos de tradição oral em dois grupos, de acordo com o ângulo pelo qual constróem seu discurso

1. os que realizam um trabalho de recolha dos contos de tradição oral e que concebem-no sob o viés da erudição e da investigação científica

2. os que publicam os contos de tradição oral, recriando-os ou adaptando-os para tomar parte em projetos literários voltados para o público-leitor infantil

Dentre os projetos pertencentes ao primeiro grupo, de acordo com esta classificação proposta, podemos ainda estabelecer algumas particularidades

- os que estabelecem como parâmetros para a pesquisa de todo material que não seja constituído pela tradição escrita e erudita a Etnografia, a Antropologia, a Ciência e que tentam definir uma leitura deste corpus a partir de conceitos pré-estabelecidos pela, definidos na e definidores da cultura letrada. Neste grupo podemos encontrar Teófilo Braga e Silvio Romero, ainda que seus projetos apresentem nuances que os diferenciem um pouco.

- os que aproximam este material da tradição oral da Literatura Escrita, inserindo-o numa historiografia literária que tem como ponto de partida e diretriz única a escrita e cujo saber é construído sob o olhar da cultura letrada, valorizando, especialmente a *intelligenza*, a elite intelectual nacional. Este é o caso de Almeida Garrett e José Gomes Ferreira.

- os que utilizam como parâmetros para o desenvolvimento desta pesquisa áreas de conhecimento como a Etnografia, a Antropologia, a Literatura Escrita e o Folclore e identificam a Universidade e os intelectuais que a formam como os abalizadores do Saber Institucionalizado, deslocando o eixo de centro gerador e detentor da cultura letrada das Academias do século XIX para as Universidades no século XX. Grande destaque ao conhecimento científico norte-americano e seus centros de estudo universitários. Bom exemplo é o trabalho de Luís da Câmara Cascudo no conjunto de intelectuais privilegiados nesta pesquisa.

Estas observações a respeito da tipologia dos projetos aos quais me dediquei podem ser enriquecidas, voltando às tabelas dos substantivos e dos campos semânticos formadas.

Nas tabelas de Braga, pode-se constatar a alta frequência com que se repetem nomes de diferentes regiões, inúmeros países e cidades, definindo o estudo das tradições orais na linha dos estudos etnográficos e antropológicos. Uma das principais idéias deste trabalho de Teófilo é a de buscar equivalentes mitológicas em vários pontos do globo e, assim, estabelecer relações entre estruturas míticas, o que incluiria os mitos de origem européia. Todo seu texto e sua linha de trabalho são, portanto, evadas pelo vocabulário científico que também permeia o terreno da Atropologia e da Etnografia.

Seu texto apresenta um grande número de substantivos que nomeiam cidades, regiões, povos e raças, como pode-se perceber pela leitura das tabelas formadas. Alguns dos substantivos deste tipo que poderíamos apontar são: *Açores, Algarve, Coimbra, Entre Douro e Minho, Estremadura, Europa, França, Minho, Ilha da Madeira, Portugal, San Jorge, San Miguel, San Pedro*, bem como as denominações que recebem em vários países os diferentes tipos de produções características da tradição oral, dentre eles, *Caso, Conto, Canções, Chistes, Ditos, Conseja, Conti, Contrafavole, Cuento, Exemplo, Exempi, Facécias, Fabliau, Lendas, Märchen, Mitos, Racconti, Sagen, Storie*.

A presença destes tipos de substantivos parecem indicar uma preocupação com um olhar mais amplo no tocante às tradições de origem oral, estabelecendo comparações entre as várias produções da tradição oral e buscando o traço distintivo de cada região ou povo estudado e fixando critérios científicos que abalizam o estudo, como o conceito de *analogia, determinismo e origem das raças*, que também percorre os estudos científicos.

O trabalho de Romero vai fundo neste sentido, e, à semelhança de Braga, também tem como uma de suas maiores preocupações a origem dos mitos, suas características convergentes e divergentes entre os povos.

Silvio tentará estabelecer uma teoria que desse conta de organizar as raízes míticas presentes no Brasil de seu tempo, apontando o mestiço como agente transformador de nossas tradições. Para ele, haveria raças superiores e inferiores, e a partir daí, se estabeleceriam, também, as relações entre as culturas de cada raça. Um de seus objetivos, neste estudo das tradições brasileiras, é a reflexão sobre as origens de nossa poesia e de nossos contos populares, tendo em vista as raças que se estabeleceram no país. Em seu texto são frequentes os substantivos que designam povos e raças como: *africanos, americanos, brancos, brasileiros, caboclos, caborés, cabra, Emboabas, europeus, galego, gerérés, indígenas, mamelucos, mestiços, mulatos, moçárabes, pardos, portugueses, tupis*, assim como substantivos retirados do ou relacionados ao

universo científico, tais como: *adaptação, alterações, analogia, análogos, aspectos, assimilação, cruzamento, ciclo, Darwin, extinção, fatores, ente, elemento, descendentes, indivíduos, fenômenos, espécimes, origem, populações.*

Já no caso de Almeida Garrett, o traço mais marcante é o modo como apresenta a historiografia literária, definindo-a a partir da escrita e valorizando a elite letrada que a representa. A Literatura é apresentada em termos sucessórios, ou seja, numa linha de ascendentes e descendentes, os que antecedem e os que sucedem, o que se revela nos recorrentes nomes de eruditos e intelectuais, por exemplo: *Ariosto, Arnaldo de Merveil, Bernardim Ribeiro, Bocage, Boileau, Byron, Calderón, Camões, Dante, F. Schlegel, Goethe, Horacio, Petrarca, Racine, Schiller, Virgílio, Walter Scott.*

Aliados aos nomes de escritores e intelectuais, sempre constam nomes de monarcas, imperadores, governantes, como: *Augusto, Carlos Magno, D. Affonso III, D. Affonso V, D. Filippa, D. Henrique, D. João I, D. João II, D. João III, D. Pedro I, D. Sebastião, D. Duarte, duque de Rivas, Luiz XIV, Marquês de Santilhana, rei Arthur*, o que parece apontar, também, para a estreita relação, sempre existente, entre poder e escrita.

Este traço é recorrente, ainda que após um intervalo de cem anos, no texto de José Gomes Ferreira, que elenca, também, nomes de intelectuais e escritores: *Adolfo Coelho, Alfredo Apell, Ana Alves Leite, Bernardim Ribeiro, Boccacio, Consiglieri Pedroso, Jacob Grimm, Jorge Ferreira de Vasconcelos, Luís da Câmara Cascudo, Max Muller, Perrault, Teófilo Braga, Timoneda.*

O caso de Câmara Cascudo indica outro caminho das pesquisas sobre as tradições orais, a institucionalização deste saber nas Universidades. As narrativas e outras manifestações das tradições orais passam a ser vistas como material a ser estudado em Universidades e o texto introdutório de Cascudo nos dá exemplos do contexto norte-americano, através da menção de Instituições, publicações e estudiosos dos Estados Unidos empenhados nesta direção: *American Folklore Society, Artur L. Campa, Brugsch, Folk Lore Society, Folklore as an Historical Science, Folklore Fellows Communications, Indiana University, Miss Mary Frere, Portuguese Folk-Tales, Prof. Archer Taylor, Prof. Ernst Philippson, prof. Lindolfo Gomes, Prof. Ralph S. Boggs, Prof. Stith Thompson, Prof. Aurelio Espinosa, Psychology and Folklore, Stanford University.*

No segundo grupo podemos distinguir basicamente dois tipos de projetos

- os que recriam estes contos da tradição oral, direcionando-os para um leitor ainda pouco valorizado, a criança, redirecionando o público-alvo deste material e engrossando as fileiras da Literatura Infantil. Este é o caso de Guerra Junqueiro e de Monteiro Lobato.

- os que recriam estas narrativas da tradição oral aliando aos mesmos objetivos dos acima relacionados tom memorialista, individual a seu trabalho. Apresentam a tarefa de resgate destes contos como "missão" do escritor moderno. Estas as linhas gerais do trabalho de José Lins do Rego.

3. b. Análise Interpretativa dos Resultados e Levantamento de Hipóteses

Parece-me interessante discutir, também, a identificação destes campos semânticos na tessitura destes textos introdutórios e tentar interpretar alguns resultados que podem parecer surpreendentes à primeira vista. Dos doze campos semânticos que elegi, trabalharei, mais detidamente, três, para realizar uma análise interpretativa dos resultados, discutindo algumas hipóteses possíveis para os projetos de recolha de contos populares estudados neste trabalho. Os quatro campos semânticos que me parecem importantes, definidores de todos os projetos são

- Literatura Escrita/Saber Institucionalizado
- Oralidade/Folclore
- Guerra/Luta/Poder/Confronto
- Natureza

Proporia, assim, três questões a fim de buscar hipóteses plausíveis para os projetos destes intelectuais Românticos de recolha de contos populares

1. Por que muitos dos substantivos que definem o campo semântico Literatura Escrita/Saber Institucionalizado também são recorrentes no campo semântico Oralidade/Folclore?

2. Por que a existência de tantos substantivos relativos ao campo semântico que nomeei Guerra/Luta/Poder/Confronto em textos como prefácios e introduções a contos de tradição oral?

3. Por que, em textos literários que apresentam contos populares, são utilizados tantos substantivos que estão ligados à idéia de natureza, vegetal, animal, mineral?

Podemos começar por dizer que um dos traços definidores dos textos introdutórios escritos por intelectuais que abordavam o material de origem oral sob o viés da erudição, do trabalho científico e da tradição literária, é a preocupação em *descrever, enumerar, classificar, relacionar*.

Descrever características; enumerar títulos de obras, nomes de autores, períodos histórica e didaticamente pré-definidos; classificar em movimentos, escolas, correntes as obras escritas em determinado espaço de tempo; relacionar, principalmente, obra e autor, características do período e obras. Em suma, estes intelectuais apresentam a Literatura e sua Historiografia sob a forma de um sistema *descritivo* que se resume a enumeração de fatos, a classificação de obras e ao estabelecimento de relações entre estas e seus respectivos criadores. Esta tendência da historiografia literária é apontada por muitos estudiosos como um dos equívocos dos estudos literários e, quando tal historiografia se "apossa" da literatura de origem oral, tal tendência tem consequências de importância fundamental.

As Histórias Literárias, de maneira geral, apresentam a Literatura como um todo homogêneo construído por autores ilustres, representantes da tradição letrada e que produzem obras-primas que servirão como modelo da estética da época. Nelas, não há espaço para as produções das inúmeras tradições orais, apenas citadas quando já adaptadas ao código escrito. Esta maneira de construir a Historiografia da Literatura pressupõe uma origem única, contínua e homogênea, tomando como ponto de partida a escrita e marginalizando as manifestações das tradições orais as quais muitas vezes foram utilizadas como substrato para muitas obras da Literatura Escrita. A este respeito lembra Ria Lemaire

Enquanto a história da literatura continuar sendo apresentada como uma história única e contínua, como um cânone de obras escritas cuja origem está numa cultura, ancestral e distante, transmitida através de uma elite intelectual, a existência das tradições orais e das culturas populares nativas vai permanecer excluída da historiografia cultural.

No mesmo sentido, a perspectiva scripto-cêntrica vai continuar dispensando os pesquisadores da tarefa de estudar o impacto inegável das culturas orais (onde as elites masculinas muito se inspiraram para criar sua tradição escrita) no próprio cânone literário.
15

Não é de espantar, portanto, que, de acordo com as tabelas de campos semânticos que pude identificar a partir dos textos introdutórios às antologias de contos publicadas por intelectuais no século passado e no início deste, os substantivos que compõem os campos semânticos relativos a Literatura Escrita/Saber Institucionalizado e a Oralidade/Folclore sejam, em grande número, recorrentes.

A Literatura Oral ou as produções das tradições orais são descritas *em função* de parâmetros e conceitos pré-existentes e definidores da Historiografia da Literatura Escrita. Desta forma, os contos que constam das obras relacionadas pela Literatura Escrita são os mesmos que constam da produção das tradições orais, assim como os nomes dos intelectuais que os recolheram e adaptaram à escrita.

Além do fato de que esta forma de construir a História da Literatura é criticável pois assume o ponto de vista da cultura letrada, apagando todo o percurso realizado entre a oralidade e a forma final do texto impresso, podemos também apontar outro traço definidor da Historiografia Literária que é a idéia de genealogia, de paternidade.

Nomes de autores e de obras nas tabelas referentes ao campo semântico da Literatura Escrita/Saber Institucionalizado são muito frequentes, fazendo-nos pensar nesta quase obsessão classificatória, neste cacoete enumerador de escritores ilustres por parte dos autores que escreveram estes prefácios e estas introduções aos contos de origem oral a cuja recolha se dedicaram.

Estes textos introdutórios às antologias de contos compartilham, com textos que compõem a Historiografia da Literatura, a obsessão por registrar um percurso único e linear, determinando o rumo da História da Literatura, e que aponta sempre na direção de nomes de escritores excepcionais e que são representantes da cultura letrada. Exemplo disso é o texto de Almeida Garrett, que, em vários momentos, assim discorre sobre a tradição literária. Numa das passagens de seu texto consta

A poesia e a litteratura portugueza precisavam retemperadas nos principios do seculo passado; que estavam uma coisa informe e laxa:

¹⁵ Demaire, Rita. "Repensando a História Literária" in *Historiography of Women's Cultural Traditions*, trad. H. Buarque de Hollanda, Dordrecht, Holanda/USA, Foris Publications, 1987, p. 6.

*eram cordas castelhanas em segunda mão, cordas italianas de má fabrica, as unicas da lyra portugueza. Veio o Garção, o Diniz, Francisco Manuel, depois o Bocage, com todos os satellites d'estes quatro grandes planetas, e restauraram a lingua e a poesia - a prosa não - mas nos antigos modos classicos, agora de duzidos pela reflexão franceza, bem como no seculo XVI o tinham sido pela reflexão italiana.*¹⁶

E ainda

*E quem ousará pôr os olhos fitos no sol de Camões para lhe rastrear alguma leve mancha, se a tem? Todavia esses tres grandes poetas, grandes homens, grandes cidadãos e grandes philologos, são os que, cheios de Virgilio, de Ariosto e de Petrarcha, com os olhos cravados no antigo Lacio e na moderna Italia, de todo esqueceram e fizeram esquecer os tons e os modos da genuina poesia da nossa terra.*¹⁷

Ficam excluídos desta genealogia literária discursos que não sejam propriamente o discurso desta cultura letrada, como as manifestações da tradição oral. A idéia de sucessão, de descendência e de paternidade é, portanto, a estratégia utilizada por estes intelectuais para legitimar a continuidade de uma tradição nos estudos literários e o tratamento indiferenciado para Literatura Escrita e Literatura Oral, o que justifica a recorrência de tão grande número de substantivos em ambos os campos semânticos, Literatura Escrita/Saber Institucionalizado e Oralidade/Folclore. Em outras palavras, podemos afirmar com Lemaire, mais uma vez

*A história Literária, da maneira como vem sendo escrita e ensinada até hoje na sociedade ocidental moderna, constitui um fenômeno estranho e anacrônico. Um fenômeno que pode ser comparado com aquele da genealogia nas sociedades patriarcais do passado: o primeiro, a sucessão cronológica de guerreiros heróicos, o outro, a sucessão de escritores brilhantes... Tanto a genealogia quanto a história literária revelam a tendência masculina de justificar seu poder atual através do recuo às origens e do mapeamento de uma evolução, factual ou hipotética, até o presente. Desta forma, o poder político e cultural masculino passa a ser entendido como apenas um momento de uma tradição venerável e secular. Ou seja, é através da idéia de ancestralidade que são legitimadas situações atuais.*¹⁸

¹⁶ Garrett, Almeida. *Romanceiro*. Porto, Livraria Simões Lopes, 1949, p. 16.

¹⁷ Garrett, Almeida. *Ibidem*.

¹⁸ Lemaire, Rio. *Op. cit.*, p. 2.

Aliando a descrição da Literatura em termos patrilineares e apresentando a Literatura Oral como um sub-sistema ou uma sub-divisão da Literatura Escrita e que, portanto, pode ser definida em função desta última, descaracterizando-se - o que também se sugere através da leitura crítica dos campos semânticos que revelam um grande número de substantivos recorrentes entre Literatura Escrita e Oralidade - podemos lembrar Ria Lemaire, em seu já citado "Repensando a História Literária"

A Genealogia e a História Literária criam a ilusão de uma só história, de uma única tradição. Este mito é reforçado continuamente em cada descrição genealógica, e cada versão da história literária.¹⁹

Passemos, agora, à discussão do problema que identificamos como questão de número 2, ou seja: como podemos interpretar a existência de uma quantidade tão significativa de substantivos que relacionamos com idéias como Guerra/Luta/Poder/Confronto?

Uma interpretação possível para esse comportamento do texto, em especial o de Almeida Garrett, que utiliza frequentemente expressões, substantivos que remetem a este universo bélico, da disputa pelo poder, do confronto aproxima-se a formulações de alguns estudiosos relativas à descrição genealógica a que me referi anteriormente. A História da Literatura até o momento em que Garrett escreve o texto introdutório ao seu *Romanceiro*, 1843, parece mostrar uma tradição em descrever-se em termos semelhantes aos utilizados nas descrições genealógicas das sociedades patriarcais do passado, ou seja, do ponto de vista masculino, viricêntrico. As sociedades patriarcais se confirmavam elencando os nomes de grandes guerreiros e a História da Literatura, em contrapartida, apontando nomes de escritores brilhantes. Este paralelo parece ter contaminado os estudos literários de tal forma que não raro encontramos textos que, como os de Garrett, estão impregnados de construções metafóricas ou não e que envolvem, misturam, justapõem literatura e conflito armado, luta pelo poder, onde se definem aliados e inimigos e assim por diante. Não é de espantar, portanto, que este grupo de substantivos relativos a Guerra/Luta/Poder/Confronto tenha sido identificado.

Além desta semelhança no método descritivo das duas ciências, é bastante significativo que um texto que prefacia um livro de romances, produção em versos

¹⁹ Lemaire, Ria. *Op. cit.*, p. 3.

²⁰ Lemaire, Ria. *Op. cit.*, p. 5.

²¹ Burke, Peter. *Op. cit.*, p. 37.

²² Burke, Peter. *Op. cit.*, p. 49.

²³ Burke, Peter. *Op. cit.*, p. 49.

característico da literatura oral, registre uma presença tão maciça de substantivos como estes. Afinal, é propriamente no Romantismo que teremos um momento de interesse pelas tradições orais, até então, como já foi dito, desvalorizadas e marginalizadas pela Literatura Erudita. Neste período muitos intelectuais se interessarão por estas tradições, buscando adequá-las ao cânone literário, o que resulta, principalmente, nos projetos de recolha de contos populares aos quais venho me referindo neste trabalho bem como nos projetos de recolha de baladas, músicas populares e mitos. Até o século XIX, não houve nenhum movimento de peso na avaliação e na retomada deste material de origem oral por parte de intelectuais e escritores.

A História da Literatura pode ser lida, portanto, como uma ciência scriptocêntrica, viricêntrica e etnocêntrica em que se estabelece o domínio da escrita, do homem e de certos grupos de uma elite intelectual. O Romantismo, por ser um dos momentos em que surge e se desenvolve o interesse pelas tradições orais, permite o afloramento de contradições, o que, então, se expressa pela utilização deste tipo de substantivos que formam o grupo que denominei campo semântico da Guerra/Luta/Poder/Confronto.

Este desnivelamento, esta assimetria das relações entre grupos sociais e suas formas de representação através da escrita ou da oralidade se lê nos textos literários através da presença de palavras que traduzam esta situação. Mesmo as mudanças que se processam entre a alternância de grupos de intelectuais e que defendam certos valores estéticos, certas correntes científicas e que acabam por definir sensibilidades - quer sejam a barroca, a árcaica ou a romântica - são relatadas por meio deste grupo de substantivos.

Esta situação de assimetria entre as tradições orais e a literatura escrita continua, desde o Romantismo, praticamente a mesma, segundo alguns especialistas, o que mantém a relação de poder já descrita. Lembrando Lemaire

A política de edição de textos, concentrando-se no estabelecimento do texto único, verdadeiro e autêntico, é uma parte essencial dessa tendência de definição da paternidade cultural. Por este motivo ainda, muitos textos medíocres foram incluídos no cânone e usados na consolidação do mito da continuidade e unidade de uma tradição que dataria dos tempos de Homero. Por esta mesma razão, as literaturas não-ocidentais, assim como a contribuição feminina, foram, até muito recentemente, excluídas do cânone e das discussões acadêmicas. A história literária tem sido - com pequenas exceções - fundamentalmente etnocêntrica e viricêntrica.

Da mesma forma, foram subestimadas as numerosas tradições orais das línguas vernaculares, outra parte importante da história cultural do

*mundo europeu. A reabilitação destas tradições, só vem ocorrer, durante o período romântico, depois de séculos de discriminação pelas elites, empenhadas em destruí-las ou em adequá-las às suas próprias visões de mundo. Depois do romantismo, as tradições orais voltaram a ser marginalizadas, tornando-se, agora, alvo de uma reação ainda mais intolerante, de descaso ou negação, como pode-se observar na redefinição teórica do discurso das humanidades, no final do século XIX, situação que mantém-se quase inalterada desde então. Uma característica desta redefinição foi a separação entre o estudo da literatura escrita, que na Europa Ocidental concentrou-se nas Universidades, e o estudo das tradições populares e orais, relegados aos folcloristas, geralmente não admitidos como professores nas universidades. Assim, as abordagens e as disciplinas tradicionais das humanidades ainda refletem a luta entre as tradições populares europeias nativas, com suas visões de mundo e sabedorias próprias, e a tradição escrita, de origem estrangeira, imposta pela elite*²⁰

Tentando agora algumas interpretações para a terceira das questões que propus logo acima, ou seja: por que em textos literários que prefaciam ou introduzem antologias de contos de tradição oral, então chamados frequentemente populares, são utilizados tantos substantivos que remetem à idéia de natureza?, podemos formular hipóteses bastante instigantes.

Parece que os textos introdutórios privilegiados nesta pesquisa expressam uma visão idealizada do que fossem *a cultura* das classes populares - como eles definiam os produtores destas narrativas às quais se dedicaram a recolher - *o povo* e *as narrativas* de tradição oral. Este modo de encarar as tradições orais e o "povo" vai se refletir, na forma pela qual a intelectualidade vai se relacionar com este grupo e suas produções narrativas, na maneira pela qual os eruditos vão definir o que serão os "contos populares", o que acaba por aflorar nos textos introdutórios aqui privilegiados.

Poderíamos começar por dizer, então, que o conceito de povo utilizado pelos Românticos quando da escritura destes textos introdutórios não implica necessariamente - e eu diria mesmo quase nunca implica - um critério de classe. Isso quer dizer que povo não era igual a pobre, necessariamente. No caso dos Românticos do século XIX, o conceito parece mais correspondente ou aproximado ao homem do campo, ao lavrador, ao pequeno proprietário que não vive na cidade e nas aglomerações urbanas. O conceito de povo está estreitamente associado, colado ao de natural. Desta forma, *povo* seria um grupo de pessoas que são radicalmente diferentes do homem do centro urbano, do artificial, do sofisticado, de letrado. O sapateiro, o ferreiro, o mendigo, a lavadeira -

todos personagens da cidade - não são mencionados como tipos que resumam a idéia Romântica de povo. Como ensina Peter Burke

O que significava exatamente o povo para os intelectuais? Naturalmente não existe uma resposta simples a tal pergunta...A maioria deles... provinha das classes superiores, para as quais o povo era um misterioso Eles, descrito em termos de tudo o que os seus descobridores não eram (ou pensavam que não eram): o povo era natural, simples, analfabeto, instintivo, irracional, enraizado na tradição e no solo da região, sem nenhum sentido de individualidade. ²¹

Burke chama este movimento de valorização da cultura popular, de suas manifestações religiosas e artísticas, "descoberta do povo", cujos "descobridores" eram os intelectuais e os eruditos que se dedicavam a estudá-las. Herder, considerado por Burke um destes "descobridores", assim define o seu conceito de povo

o povo não é a turba das ruas, que nunca canta nem compõe, mas grita e mutila. ²²

Sobre a visão de quem seria este povo para os Românticos, ainda escreve Burke

Para os descobridores, o povo par excellence compunha-se dos camponeses; eles viviam perto da natureza, estavam menos marcados por modos estrangeiros e tinham preservado os costumes primitivos por mais tempo do que quaisquer pessoas. ²³

Este tipo de raciocínio parece equivocado se pensamos que o sapateiro, o ferreiro, o mendigo, a lavadeira a quem me referi algumas linhas atrás também podem ser considerados, de um outro ângulo de visão, como povo. Mas, para os intelectuais deste período, a associação parece que se faz da forma descrita por Peter Burke. Isto explica porque a cultura popular é via de regra qualificada como ingênua, espontânea, natural, primitiva, adjetivos que, além, muito além de qualificarem, produzem uma visão distorcida do que sejam a cultura popular e as tradições orais.

Esta associação entre tradições orais e natureza é equivocada até mesmo porque a idealização do mundo bucólico embaça muitos aspectos da vida no campo e que não são nem nunca foram mais amenos do que os da vida urbana. As relações de trabalho e as condições de vida das populações camponesas sempre revelaram, em todo o percurso

histórico, ao menos desde a Idade Média, uma estrutura perversa de poder que nem ao longe faz pensar na ingenuidade e no idílico das definições dos intelectuais do Romantismo que se dedicaram às tradições orais, em especial, às do camponês e do artesão do século passado.²⁴

São estas as observações que faço em resposta às questões propostas no início deste capítulo. Estas são as hipóteses interpretativas que levanto a respeito deste material privilegiado, os textos introdutórios às antologias de contos de tradição oral publicadas pelos intelectuais enumerados ao longo destes capítulos.

O próximo capítulo cuidará da análise comparativa de um conjunto de versões de contos recorrentes entre os escritores que adaptaram à escrita estas narrativas transmitidas oralmente, buscando, neste conjunto de textos narrativos, índices que confirmem ou contradigam as hipóteses levantadas neste Capítulo III.

²⁴ A este respeito, consultar o cuidado estudo de Raymond Williams, *O Campo e A Cidade*, em particular, os capítulos 8, 9 e 10.

CAPÍTULO IV



CAPÍTULO IV

4. Escolha do Corpus Narrativo: Um Conjunto de Versões

Este capítulo tratará da realização de uma leitura interpretativa de um conjunto de versões de um conto de tradição oral adaptado ao código escrito e que toma parte em antologias publicadas por alguns dos intelectuais do século XIX e deste nosso século XX. O conjunto é formado por cinco versões diferentes de um mesmo conto que é mais comumente divulgado no Brasil sob o título de "A Moura Torta". As versões deste conto de tradição oral são de

1. Teófilo Braga e é intitulada "As Trez Cidras do Amor", no seu Contos Tradicionais do Povo Português, de 1883.
2. Silvio Romero e o título é "A Moura Torta", em Contos Populares do Brasil, de 1885.
3. Monteiro Lobato e a sua "A moura-torta", em Histórias de Tia Nastácia, de 1937.
4. Luís da Câmara Cascudo e se intitula "A Moura Torta", nos Contos Tradicionais do Brasil, de 1946.
5. Gomes Ferreira e se chama "As Três Cidras do Amor", em Contos Tradicionais Portugueses, de 1957/8.

Decidi pelas variantes deste conto (Anexo III) , principalmente, por pensar que o conjunto de cinco versões é exemplar como manifestação dos procedimentos do trabalho realizado pelos eruditos que se dedicaram a recolher este material de tradição oral. *Que* indícios e explicitadores de *que* trabalho é o que veremos no próximo item.

4. a. Análise Comparativa do Conjunto de Versões

À luz da leitura dos textos introdutórios às antologias de contos privilegiadas neste estudo, levantam-se como hipóteses dos princípios que nortearam projetos de recolha de contos de tradição oral de 1843 a 1958, em Portugal e no Brasil que

a. a Literatura Escrita apropria-se do material das tradições orais, aplicando a este material conceitos e princípios que, por se terem desenvolvido na tradição letrada, tornam-se impróprios ou inadequados às tradições orais.

b. há, subjacente ao discurso das instituições literárias, um léxico que, evocando *luta, confronto, desigualdade entre partes*, aponta a intimidade das relações de poder e que se explica pela aceitação-exclusão de grupos na construção da história e do saber literários.

c. através da associação entre *povo e natureza*, postula-se que as tradições orais apresentam as mesmas características do grupo que as transmite e, portanto, são consideradas ingênuas, primitivas, pouco elaboradas, naturais.

A partir destes resultados, interessa verificar se é possível recuperar, pela leitura do conjunto de versões do conto escolhido, indícios que comprovem ou contradigam as hipóteses que, construídas através do levantamento de substantivos e da conformação dos campos semânticos, foram discutidas no capítulo anterior.

Para isso, realizei uma leitura comparativa das cinco versões do conto que denominarei "A Moura Torta" - pois este é o nome mais familiar ao leitor brasileiro - buscando estabelecer pontos de convergência e divergência entre elas e que, simultaneamente, pudessem constituir hipóteses que dialogassem com as hipóteses e questões já formuladas, confirmando ou não minha interpretação sobre os projetos de recolha de contos de tradição oral que realizaram os Românticos aqui citados.

Começamos pelo título que cada intelectual escolheu para sua versão e que se resumem, basicamente, a dois: "As Três Cidras do Amor" e "A Moura Torta". Disse *basicamente*, pois este conto apresenta outras versões que têm outros nomes, como "As Nozes", também na obra de José Gomes Ferreira.

Os três escritores portugueses optaram pelo primeiro título enquanto que os dois brasileiros optaram pelo segundo o que já indica que a divergência tem bases territoriais. O que levanta uma questão: por que entre portugueses o nome mais familiar parece ser "As Três Cidras do Amor" e entre brasileiros, "A Moura Torta"? E ainda, por que as versões brasileiras têm este nome se, nas versões portuguesas, base a partir da

qual se formaram as versões existentes no Brasil²⁵, em nenhum momento a criada é designada "a moura"? De onde veio a personagem moura torta?

Estas questões parecem-me as primeiras que poderíamos nos propor para tentar começar a desenovelar a estrutura deste conto, bastante intrincado.

De que maneira podemos relacionar estas cinco versões desenvolvidas a partir de uma estrutura narrativa básica e que dá origem a três contos que são intitulados "As Três Cidras do Amor" e a dois outros que foram chamados "A Moura Torta"? A resposta mais convincente, parece partir do título: que elemento poderia estar ligando os dois nomes escolhidos?

Resolvi buscar, em diferentes dicionários, o significado para a palavra "moura". No dicionário de Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira, Novo Dicionário da Língua Portuguesa, assim consta

Mouro [Do lat. mauru.] S. m. 1. Indivíduo dos mouros, povos que habitavam a Mauritânia; mauritano, mauro, sarraceno. 2. P. ext. Ant. Aquele que não é batizado, que não tem a fé cristã; infiel. 3. Fig. Indivíduo que trabalha muito. Adj. 4. Relativo ou pertencente a, ou próprio de mouros; mauro, mauresco, mauriense, mouresco, mourisco. 5. V. mourisco (1). 6. Ant. Que não é batizado, que não tem a fé considerada verdadeira; infiel. 7. Mudéjar (4). 8. Bras. Diz-se do cavalo de pêlo preto salpicado de branco. [Var.: moiro] ~ V. mouros. ²⁶

De todos os significados atribuídos ao substantivo "mouro", o único que desconhecia era o de número 7, Mudéjar. No mesmo dicionário pode-se encontrar

Mudéjar. [Do ár. mudajjan, part. pass. de dagana, 'permanecer', pelo esp. mudéjar.] S. m. 1. Ornato arquitetônico de linhas entrelaçadas em forma de figuras geométricas. S. 2 g. 2. Designação árabe dos mouros que ficaram habitando a Península Ibérica depois da reconquista pelos cristãos. Adj. 2 g. 3. Pertencente ou relativo aos mudéjares. 4. Feito ao gosto mourisco; mouro. [Pl.: mudéjares.]. ²⁷

²⁵ Em nota à versão de Sílvio Romero, assim consta: "Tivemos o conto via Portugal onde há muitas variantes...". *Contos Populares do Brasil*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1954, p. 113.

²⁶ Ferreira, Aurélio Buarque de H., Novo Dicionário da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1986, p. 1165.

²⁷ Ferreira, Aurélio Buarque de H., *Op. cit.*, p. 1167.

Se esta palavra, "mudéjar", existente na língua portuguesa, chegou-nos via espanhol, deveria existir também em espanhol, e com o mesmo significado. Isso nos atesta o dicionário de María Moliner, Diccionario de Uso del Español

Mudéjar. (Del ár. "mudeyyen", el que ha sido autorizado para quedarse, participio de "dayan", permanecer. Adj. y n.) Se aplica a los musulmanes que vivían en territorio reconquistado por los cristianos, sin mudar de religión, y a sus cosas. (Ant., "modéjar".) Particularmente, al estilo de decoración arquitectónica que ellos desarrollaron, consistente en dibujos hechos con los mismos ladrillos haciendo resaltar algunos de ellos sobre la superficie formada por los demás.²⁸

Esta coincidência de significados deste substantivo no Português e no Espanhol sugeriu-me que devesse continuar estabelecendo este paralelo entre as duas línguas, mesmo porque, os mouros viveram em Portugal e na Espanha por vários séculos, e ao longo dos quais este material de tradição oral foi transcrito e adaptado. Seguindo nesta pesquisa bilingue, podemos encontrar, no verbete correspondente a "mouro", "moro", no dicionário de María Moliner

Moro, -a. (Del lat. "maurus"; v. "morcillo".) 1. (adj. y n., aplicado a las personas, t.n.). Natural del África Septentrional frontera con España, donde estaba la provincia romana llamada Mauritania, de la que el Marruecos que fue español es una parte. 2. (id.). Por extensión, musulmán. 3. (id.). Se aplica a los musulmanes que invadieron España y vivieron en ella entre los siglos VIII y XV, y a sus cosas.... 4. (adj. y n.). Se aplica a los indígenas de Mindanao y de otras islas de la Malasia. 5. (fig. e inf.) Se aplica al vino que no ha sido agitado o "bautizado". 6. (id.). Se aplica a la persona, niño o mayor, que no está o que no ha sido bautizada. 7. (adj.). Se aplica al caballo o yegua negro con una estrella blanca en la frente y calzado de una o dos extremidades. ... V. "HIERBA mora, REINA mora".²⁹

Os significados encontrados neste verbete coincidem com os que encontramos em Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira, com exceção da indicação para procurar os significados de "HIERBA mora" e "REINA mora", ou erva moura e rainha moura. Para a primeira expressão, assim indica Moliner

²⁸ Moliner, María. Diccionario de Uso del Español. Madrid, Editorial Gredos, 1990, p. 469.

²⁹ Moliner, María. *Op. cit.*, p. 456.

H. mora (I) ("Solánium nígrum"). Planta solanácea, de tallos vellosos, con flores blancas en corimbos, que se ha empleado en medicina como calmante. (T., "solano".) (II) (Filipinas). Espicanardo (planta valerianácea).³⁰

E, para a segunda,

R. mora. *Tejo (juego de niñas).*³¹

Para tão suscinto verbete, decidi ir à cata de seu único significado, tejo.

Tejo. 1. Trozo de teja o baldosa que se emplea para jugar a distintos juegos; como el chito o el llamado también "tejo".... 6. Juego del chito o la chita. 7. "Infernáculo". Juego de niñas que se juega sobre una figura con varios compartimientos dibujados en el suelo y consiste en ir pasando de uno a otro de estos un trozo de baldosa que se empuja con un pie saltando sobre él a la pata coja; toma distintos nombres, como "aeroplano, caracol", etc., por la figura dibujada. (V.: Coroneja, coxcojilla, infernáculo...)³²

Se voltarmos ao que nos motivou esta pesquisa, voltamos à questão proposta: como se explica a presença da criada nomeada "a moura" nas versões brasileiras, se nas portuguesas a criada jamais é apresentada como desta origem e sim apontada como "a negra", "a preta"?

No conto recolhido por Teófilo Braga a criada é caracterizada pelas seguintes expressões e na frequência indicada

- uma preta, l. 22.
- a preta, l. 27.
- uma preta feia e suja, l. 33.
- a preta, l. 36.
- a sua preta Maria, l. 46.
- a preta Maria, l. 76.
- a preta Maria, l. 81.

³⁰ Moliner, María. *Op. cit.*, p. 41.

³¹ Moliner María. *Op. cit.*, p. 980.

³² Moliner, María. *Op. cit.*, p. 1276.

O substantivo "preta" aparece, portanto, sete vezes no texto, sendo que estas são todas as oportunidades em que o narrador ou os demais personagens do conto se dirigem a ela ou a mencionam.

Já no conto de José Gomes Ferreira, a criada é assim qualificada

- uma preta, l. 51.
- a preta, l. 54.
- a preta, l. 55.
- preta, preta tão bonita, l. 57.
- a preta, l. 61.
- preta, preta tão bonita, l. 63.
- a preta, l. 67.
- a preta, l. 70.
- a preta, l. 77.
- a preta, l. 82,
- a preta, l. 86.
- a preta, l. 90.
- uma preta tão feia, l. 94/5
- a preta, l. 95.
- uma preta muito feia, l. 97/8.
- a sua preta, negra, cachorra e torta, l. 106.
- a sua preta, negra, cachorra e torta, l. 116.
- a preta, l. 148.
- a preta, l. 160.

Só para esclarecer, as duas vezes em que a expressão "preta, preta tão bonita" aparece, respectivamente nas linhas 57 e 63, ela está sendo dita pela própria personagem, ao ver o reflexo da moça na água, e crendo que fosse o seu. As dezessete outras vezes em que há referência a ela são utilizados os substantivos "preta" e "negra", passando pelo adjetivo "cachorra".

Como podemos verificar, nestas duas versões portuguesas, a criada que nas versões brasileiras é chamada "a moura" só é caracterizada como "preta" e "negra" - isso, no que se refere à sua origem, à sua raça.

Se observarmos o verbete que aparentemente parecia não ter relação com esta história, "Hierba Mora", do dicionário de Moliner, podemos encontrar que seu nome científico é "Solánium nigrum" e também que, nos verbetes relativos a "mouro" e "moro", é indicado um significado recorrente, o de número 8, em Aurélio B. de Holanda Ferreira, e, de número 7, em María Moliner, respectivamente, a respeito da coloração do pêlo dos cavalos negros e com manchas brancas.

Portanto, os substantivos "mouro" ou "moro" estão fortemente associados à cor negra, conforme nos indicam os verbetes citados o que pode ter sido sugerido pela cor da pele dos árabes, mais morena que a dos europeus. Isso explica a presença em textos portugueses desta designação ao invés da utilização da palavra moura, a qual talvez tenha constituído, por muito tempo, um exemplo de tabú linguístico, tendo sido substituída por outras equivalentes como "negra" ou "preta". Nas versões brasileiras o substantivo "moura" poderia ser mais facilmente encontrado por não termos tido o mesmo tipo de contacto com os árabes, o que não criou conflitos religiosos, culturais e de poder como na Europa. A palavra não assumiria, no Brasil, o valor que teria no contexto europeu, podendo ser mencionada sem surtir efeitos desagradáveis ao leitor e a quem a escreveu.

Se para esta questão parece haver uma resposta bastante satisfatória e convincente, o que dizer sobre a expressão que se fixou como quase indissociável em textos brasileiros "moura torta"? Que quer significar nesta expressão o adjetivo "torta"? Percorrendo o mesmo caminho entre os dicionários, podemos chegar a algumas conclusões bastante interessantes, de acordo com a leitura dos verbetes em Aurélio B. de Holanda e em María Moliner. Assim indica o primeiro

Torto (ô). [Do lat. *tortu*, 'torcido'.] Adj. 1. Que não é reto, direito; sinuoso, torcido, tortuoso: rua torta; pernas tortas. 2. Que está de través; obliquo: poste torto. 3. V. estrábico (2). 4. Fig. Errado, enganado. 5. Fig. Sem lealdade; desleal. 6. Bras. Pop. Que só tem um olho.... 7. De maneira errada; erradamente. 8. Com falta de respeito. S. m. Ant. 9. Ofensa, injúria, agravo, dano.... ³³

Este, o verbete de "tuerto"

³³ Ferreira, Aurélio Buarque de H. Op. cit., p. 1693.

Tuerto, -a. (Del lat. "tortus", partic. de "torquere"; v.: "torcer; entortar".) 1. (popular). Participio de "torcer", usado sólo como adjetivo. Se emplea en forma sufixa en palabras compuestas: 'ojituerto, patituerto'. 2. (adj. y n.). Se aplica a la persona o animal a quien falta un ojo o lo tiene fulto de vista.... 3. "Entuerto". Ofensa, injusticia o atropello inferidos a alguien....³⁴

É extremamente interessante a relação de significados elencados em ambos os dicionários, especialmente se considerarmos a passagem da versão de Câmara Cascudo, linhas 36 e 37, em que descreve a criada

Nesse momento chegou uma escrava negra, cega de um olho, a quem chamavam a Moura Torta.³⁵

E ainda, linhas 70 a 72

*A Moura Torta disse:
_ O sol queimou minha pele e os espinhos furaram meu olho. Vamos esperar que o tempo melhore e eu fique como era antes.³⁶*

O adjetivo "torta" é como uma palavra coringa, isto é, uma palavra que pode assumir múltiplos significados, se levarmos em conta todos os sinônimos apresentados nos dicionários consultados e a estrutura narrativa do conto. Seguindo a relação elencada por Aurélio, a criada poderia ser "torta" pois há muito deveria cumprir as tarefas que lhe eram atribuídas como escrava, dentre elas, a de encher os potes de água na fonte, carregando-os. Lembrando o texto de Silvio Romero, linhas 43 e 44,

A moura torta, espantada, olhou para cima e disse: "Ah! é você, minha netinha!.." ³⁷

podemos deduzir que a moura já era uma mulher velha.

Mas, "torta" também poderia ter o valor de desleal como indica Aurélio, afinal, a escrava traiu a confiança da moça, que, deitando-se em seu colo para deixar-se catar,

³⁴ Moliner, María. Op. cit., p. 1404.

³⁵ Cascudo, Luís de Câmara. *Contos Tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro, Edouro, s/d, p. 87.

³⁶ Idem, ibidem.

³⁷ Romero, Silvio. *Contos Populares do Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1954, p. 111.

foi encantada em pombinha. A escrava também é "torta" se pensarmos que ela está errada, enganada pela imagem que vê refletida na água e julga ser a sua.

O significado mais apropriado, no entanto, penso que seja mesmo o apontado tanto por Aurélio B. de Hollanda como por Maria Moliner, que é o mais conhecido em espanhol e também o mais representativo do brasileiro popular e que é o de caolho e que se confirma, se encaixa perfeitamente na passagem de Cascudo.

Voltando à pergunta que motivou a pesquisa do adjetivo "torta" e ao título completo das versões chamadas "A Moura Torta", a personagem é uma escrava, velha, árabe e caolha. Uma descrição bastante desfavorável da personagem que, no final da história, ainda que tendo sido descrita como uma figura frágil - é escrava, estrangeira, velha, parcialmente cega e "negra" - será cruelmente punida.

Completando o meu trabalho de pesquisa sobre os títulos dos contos, gostaria de citar o verbete "caolho" que indica o Dicionário de Símbolos, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant

Caolho (v. ciclope) Um herói romano, Horatius Cocles, era caolho: o olhar temível de seu único olho bastava para paralisar o inimigo e interditar-lhe a passagem pela ponte Sublicius, que dava acesso à cidade. Um deus da mitologia escandinava, Odin, havia igualmente perdido um olho: mas adquiriu a visão do Invisível, tornando-se o deus da soberania mágica; na guerra, Odin imobilizava ou fulminava o inimigo com seu poder de fascinação.

O olho único do caolho é um símbolo de clarividência e do poder mágico encerrado no olhar. Do mesmo modo, o zambro, o coxo e o maneta parecem possuir, por causa de sua enfermidade ou de sua amputação, capacidades excepcionais no membro que lhes resta, como se fossem capacidades não diminuídas e nem mesmo apenas duplicadas, e sim decuplicadas, ou, antes, como se estivessem transpostas para um outro plano. Na dialética do símbolo, tudo acontece como se a privação de um órgão ou de um membro fosse compensada por um desenvolvimento de intensidade no órgão ou no membro restantes.

Nos Edas, Allfodr vem à fonte Mina, que contém a ciência e sabedoria. Ele pede para beber da fonte, porém só o consegue após ter dado um de seus olhos como penhor. Sacrifica um certo poder de visão por um outro poder - aquele que lhe confere uma visão sublimada, o acesso à ciência divina.

Gustave Coubert observava, em sentido inverso: Vejo tudo com demasiada clareza, seria preciso que vazasse um de meus olhos. Tanto

*em um caso como no outro, existe abandono da visão noturna, que é a do visionário.*³⁸

A moura, igualmente, é descrita como uma feiticeira dotada de poderes mágicos, conhecedora da ciência da magia capaz de transformar pessoas em pássaros através do uso de objetos encantados. Também ela paralisa seu inimigo, impedindo-o de prosseguir o seu caminho. Literalmente, imobiliza-o com seu poder de fascinação.

Se fizermos uma consulta à História, a figura da moura torta pode nos trazer rapidamente à memória, a imagem de inúmeras mulheres mortas nas fogueiras, acusadas de *bruxaria*, expressão que recobria a condenação pelo domínio de um outro saber, de outra ciência, muitas vezes, de raiz popular, como o uso de ervas, de plantas com poderes curativos e de rituais mágicos.³⁹

A este respeito, Silvio Romero lembra em uma nota à sua versão do conto

*"A Moura Torta", nome mais popular da estória, denuncia sua antiguidade, alusiva à escravaria moura, com as velhas feiticeiras, cegas de um olho, misteriosas e sinistras.*⁴⁰

³⁸ Chevalier, J. e Gheerbrant, A., *Dicionário de Símbolos*, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1989, p. 182.

³⁹ A este respeito, consultar o prefácio de Carlos Byington e a introdução histórica de Rose Marie Muraro ao livro *O Martelo das Feiticeiras*, o *Malleus Maleficarum*, manual dos inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger, escrito em 1484 e traduzido para o português em 1991. Nesta introdução histórica há informações generosas sobre o processo de julgamento e condenação de mulheres acusadas de bruxaria pela Santa Inquisição. Um dos motivos mais frequentes para a condenação de mulheres à fogueira era a detenção de um conhecimento sobre concepção, anatomia e uso de ervas que era visto pela religião católica como herético. Sobre este tema lembra Rose Muraro: "Desde a mais remota antiguidade, as mulheres eram as curadoras populares e as parteiras, enfim, detinham saber próprio, que lhes era transmitido de geração em geração. Em muitas tribos primitivas eram elas as xamãs. Na Idade Média, seu saber se intensifica e aprofunda. As mulheres camponesas pobres não tinham como cuidar da saúde, a não ser com outras mulheres tão camponesas e tão pobres quanto elas. Elas (as curadoras) eram as cultivadoras ancestrais das ervas que devolviam a saúde, e eram também as melhores anatomistas do seu tempo. Eram as parteiras que viajavam de casa em casa, de aldeia em aldeia, e as médicas populares para todas as doenças. Mais tarde elas vieram a representar uma ameaça. Em primeiro lugar, ao poder médico, que vinha tomando corpo através das universidades no interior do sistema feudal. Em segundo, porque formavam organizações pontuais (comunidades) que, ao se juntarem, formavam vastas confrarias, as quais trocavam entre si os segredos da cura do corpo e muitas vezes da alma. Mais tarde essas mulheres vieram a participar das revoltas camponesas que precederam a centralização dos feudos, os quais, posteriormente, dariam origem às futuras nações... A religião católica e, mais tarde, a protestante contribuem de maneira decisiva para essa centralização do poder. E o fizeram através dos tribunais da Inquisição que varreram a Europa de norte a sul, leste e oeste, torturando e assassinando em massa aqueles que eram julgados heréticos ou bruxos." Kramer, H. & Sprenger, J., *O Martelo das Feiticeiras*, trad. de Carlos Byington, Rio de Janeiro, Editora Rosa dos Ventos, 1991, p. 14.

⁴⁰ Romero, Silvio. *Op. cit.*, p. 114.

Recuperando o final da versão de Luís da Câmara Cascudo, o castigo impingido à moura é propriamente o mesmo que sofriam as mulheres que, na Idade Média, eram apontadas como bruxas pela Santa Inquisição. Das linhas 89 a 93 conta-nos o fim da moura

O Principe ficou sabendo da malvadeza da negra escrava. Mandou prender a Moura Torta e contou a todo o mundo a perversidade dela, condenando-a a morrer queimada e as cinzas atiradas ao vento.

Fizeram uma fogueira bem grande e sacudiram a Moura Torta dentro, até que ficou reduzida a poeira. ⁴¹

Ainda no Dicionário de Símbolos podemos encontrar, no verbete "olho", a seguinte passagem

Todas as feiticeiras que aparecem nas lendas insulares são zanolhas do olho esquerdo. ⁴²

Parece muito sugestivo que a descrição da moura possa ser identificada com as descrições e atribuições listadas como pertinentes à imagem de feiticeira. Uma passagem do texto de Gomes Ferreira - linhas 77 e 78 - reforça esta imagem que se quer construir para a personagem

A preta, como era bruxa, começou a fazer ainda mais festas à menina e a dizer-lhe... ⁴³

Registre-se ainda que este conto de Gomes Ferreira, dentre as várias categorias nas quais se dividem os textos elencados em sua antologia, inclui-se na categoria que ele denominou "O Livro das Artes Mágicas" .

Tentando agora identificar outros elementos de ligação entre os títulos e, por consequência, entre os textos, encontramos, no Dicionário de Símbolos informações sugestivas no verbete referente à cidra, cidreira

⁴¹ Cascudo, Luís da Câmara. *Op. cit.*, p. 88.

⁴² Chevalier, J. e Gheerbrant, A. *Op. cit.*, p. 656.

⁴³ Ferreira, José Gomes. Contos Tradicionais Portugueses. Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1958, p. 302.

Cidra, Cidreira. Esta fruta, que serve para preparar a essência da bergamota, e de cuja casca se faz um doce muito apreciado, é chamada no Extremo Oriente de Mão de Buda. É um símbolo de longevidade. Por homofonia entre o carácter fo, fu e o carácter fu (felicidade), é também um símbolo da felicidade.

Tal como a maioria dos frutos que têm pevides numerosas (v. abóbora, romã, laranja), é igualmente símbolo de fecundidade. Na iconografia indiana, é um dos atributos específicos de Sada-Xiva, do qual indicaria a potência criadora.

Moisés ordenou que se entrelaçassem ramos de cidreira e de palmeira junto com galhos de salgueiro para fazer os tirso consagrados por ocasião da festividade dos Tabernáculos. Para os judeus, a cidreira era uma árvore sagrada, cujo fruto não estava sujeito ao dizimo; costumava-se levá-lo na mão, ao entrar no Templo.

Na Idade Média, a cidra era utilizada nas operações mágicas⁴⁴

Interessa sublinhar, no simbolismo da cidra, dois aspectos que podem iluminar passagens recorrentes em diferentes versões do conto da moura torta ou das três cidras: ensina o dicionário que ela representa a fecundidade e que era utilizada em rituais de magia, durante a Idade Média. Vale ainda assinalar que a cidra tem um simbolismo também equivalente ao da laranja, como diz o verbete. Isso é mais ou menos claro, uma vez que a cidra é uma das variedades de laranja. Verificando os simbolismos possíveis para laranja, temos

Laranja. A laranja é, como todas as frutas de numerosos caroços, um símbolo de fecundidade. No Vietnã, davam-se outrora laranjas aos jovens casais.

Na China antiga, provavelmente pela mesma razão, a oferenda de laranjas às moças significava um pedido de casamento.⁴⁵

Na versão brasileira de Luís da Câmara Cascudo, nomeada "A Moura Torta", o príncipe que sai em andanças pelo mundo encontra uma velhinha que lhe oferece laranjas como paga pelo dinheiro que o rapaz lhe dá, de acordo com as linhas 13 e 14

*Tirou do alforje sujo três laranjas e entregou ao Príncipe que as guardou e continuou sua jornada.*⁴⁶

⁴⁴ Chevalier, J. e Gheerbrant, A., *Op. cit.*, p. 240.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 536.

⁴⁶ Cascudo, Luís da Câmara. *Op. cit.*, p. 86.

Nas versões brasileiras, de Silvio Romero, (linhas de 1 a 4), e Monteiro Lobato, linhas de 1 a 4, intituladas respectivamente "A Moura Torta" e "A moura-torta", o presente oferecido pelo pai aos filhos que partem em viagem pelo mundo é uma melancia.

Uma vez havia um pai que tinha três filhos, e, não tendo outra coisa que lhes dar, deu a cada um uma melancia, quando eles quiseram sair de casa para ganhar a sua vida.⁴⁷

Era uma vez um pai de três filhos, que não tendo dinheiro com que dotá-los deu a cada um uma melancia, quando eles falaram em sair a correr mundo.⁴⁸

fruta que apresenta o mesmo simbolismo das outras frutas citadas nas outras versões, como nos indica o Dicionário de Símbolos

***Melancia.** A melancia é um símbolo de fecundidade em razão das numerosas pevides que contém. É por isso que antigamente, no Vietnã, oferecia-se sementes de melancia aos jovens esposos, junto com laranjas, que têm a mesma significação. No mundo helênico, é o grão da romã que desempenha este papel de símbolo de fecundidade.⁴⁹*

Faz sentido, portanto, que as versões portuguesas se intitulem "As Três Cidras do Amor" e, penso que este é o ponto em que podemos reconhecer como se estabelecem ligações entre os dois títulos dados às versões deste conto, afinal as três frutas que são mencionadas nas versões do conto remetem à idéia de fecundidade, de matrimônio, de união entre homem e mulher.

Algumas páginas atrás, deixamos de lado um dos verbetes aos quais chegamos após consultar no dicionário de Maria Moliner a palavra "moro" e que a ela se liga. O verbete de "moro" sugeria ao leitor que buscasse também duas outras expressões derivadas e que eram "hierba mora" e "reina mora". Transcrevi o sinônimo desta última expressão e que equivale a um jogo infantil que conhecemos aqui no Brasil por Caracol, devido à figura que se desenha no chão. Porém, este não é o único nome que se atribui a

⁴⁷ Romero, Silvio. *Op. cit.*, p. 110.

⁴⁸ Lobato, J. B. Monterio. *Histórias de Tia Nastácia*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1990, p. 25.

⁴⁹ Chevalier, J. e Gheerbrant, A., *Op. cit.*, p. 605.

esta brincadeira infantil na Espanha; também pode ser chamado Tejo ou Infernáculo, uma vez que o jogador deve percorrer um trajeto entre Céu e Inferno. Entre as duas extremidades se enrola o caracol. Qual a relação entre a figura de um caracol que liga o céu ao inferno e o nome "Reina Mora" ou Rainha Moura? Por que este jogo teria recebido este nome? Para isso, é necessário saber os simbolismos possíveis do caracol e estabelecer relações com as informações que já temos.

Caracol, no Dicionário de Símbolos assim consta

***Caracol.** Símbolo lunar, universalmente. Indica a regeneração periódica: o caracol mostra e esconde seus chifres assim como a Lua, que aparece e desaparece: morte e renascimento, tema do eterno retorno.*

Significa também a fertilidade: a espiral, ligada às fases da Lua, e o desenvolvimento do chifre. Como tal, o caracol torna-se o lugar da teofania lunar, como por exemplo na antiga religião mexicana em que o deus da lua, Teczistecalt, é representado dentro de uma concha de caracol.

E, do mesmo modo que os moluscos em geral, o caracol apresenta um simbolismo sexual: analogia com a vulva, matéria, movimento, mucosidade.

Simboliza também o movimento na permanência. A forma helicoidal da concha do caracol terrestre ou marinho constitui um pictograma universal da temporalidade, da permanência do ser através das flutuações da modificação.

Entre os astecas, o caracol simbolizava comumente a concepção, a gravidez, o parto. No Daomé, ele é considerado um receptáculo de esperma.

Nos hieróglifos egípcios, a espiral era representada por um caracol. Poderia simbolizar, tal como essa figura geométrica tão difundida na natureza, a evolução da vida.

Na África do Norte, costuma-se confeccionar terços com as conchas dos caracóis... O caracol lembra o chifre dos carneiros... Além do mais, ele participa do (elemento) úmido e só sai da terra, como costumam dizer os homens do campo, depois da chuva. Está ligado ao ciclo da lavoura, e tornou-se símbolo da fecundidade propiciada pelos mortos, o adorno quase indispensável do ancestral que retornou à terra dos homens para fecundá-la, portador de todos os símbolos da face do céu e das chuvas benfazejas.⁵⁰

Todos estes elementos parecem suficientes para estabelecer uma relação entre os diferentes títulos dados pelos escritores em questão e, talvez mais importante que isso,

⁵⁰ *Ibidem, p. 186.*

compreender informações simbólicas que carregam os elementos que formam a teia narrativa do conto.

Se as cidras, as laranjas e as melancias são símbolos de fecundidade, o caracol também o é. Se no conto são as cidras que fazem germinar as moças e, dentre elas, a futura Rainha, o caracol, jogo da rainha moura, também representa o ciclo da vida e, portanto, da fecundidade. O céu e o inferno a moura conheceu, neste curto relato em que chegou a ser a rainha moura e foi queimada na fogueira.

Mas, a moça só consegue aparecer de dentro da cidra e sobreviver pela intervenção do príncipe, o que não acontece à nossa moura.

Parou e descascou a última laranja que a velha lhe dera. A terceira moça era bonita de fazer raiva. Muito e muito mais bonita que as duas outras. Foi logo pedindo água e o Príncipe mais que depressa lhe deu. A moça bebeu e desencantou, começando a conversar com o rapaz e contando sua história. ⁵¹

Ao contrário da moça que simboliza a continuidade do ciclo da vida representado na laranja que se abre pelas mãos do príncipe, ela, a moura, é a quem vai bloquear a continuidade deste ciclo, dominando sua rival. A cidra era, não nos esqueçamos, um dos objetos utilizados nas artes mágicas e, portanto, por hipótese, conhecida da moura, descrita como bruxa e feiticeira.

Contra a magia das cidras, a moura oferece um outro encantamento, o do alfinete mágico que transforma moça em passarinho. Contra esperteza, esperteza e meia. É a moura quem detém o conhecimento da ciência da magia e do encantamento e o utiliza em seu favor, para assim poder substituir a moça sobre a árvore, e junto ao príncipe. As cidras são, afinal, a essência potencialmente ativa de onde surge a sua rival. Ela deve dominá-la e o faz, temporariamente, eliminando-a da competição amorosa ao transformá-la em pomba.

*A preta começou a olhar para todos os lados sem ver ninguém, até que por fim olhou para cima e viu a menina em cima da árvore.
Começou a fazer-lhe muita festa e a pedir-lhe que descesse.
A menina não queria, porque dizia que estava à espera do príncipe.
A preta, como era bruxa, começou a fazer ainda mais festas à menina e a dizer-lhe:
— Anda cá, minha menina, deixa-me ao menos catar-te a cabecinha!*

⁵¹ Cascudo, Luís da Câmara. *Op. cit.*, p. 87.

*Tanto fez, tanto fez, que a menina desceu.
A preta assim que apanhou a menina, principiou a fingir que a catava e
a fazer-lhe muitas perguntas a respeito do príncipe, a que a menina
respondia com toda a verdade.
A preta, assim que soube tudo, tirou um grande alfinete que tinha
pregado em si e espetou-o na cabeça da menina.
Imediatamente a menina se transformou numa pomba e desapareceu.
A preta subiu para a árvore em lugar da menina e pôs-se a esperar
pelo príncipe, que chegou daí por um bocado.⁵²*

Ao ocupar o lugar da outra sobre a árvore e no papel de princesa, a moura vence a disputa através dos seus conhecimentos da arte da magia e por seus esforços, por sua astúcia.

O "erro" da moura - e o que é mais interessante, o elo que possibilita o desenvolvimento do conto - é a sua pouca crueldade pois, se quisesse, poderia ter matado a princesa, como esta, ao final o fará e de maneira truculenta.

O encantamento em passarinho não detém a competição, prosseguindo a moça, sob forma de pomba, as tentativas de reconquista, como atestam suas falas ao jardineiro. Este ponto da narrativa é importante também para explicitar uma adaptação da narrativa transmitida oralmente ao ser transcrita. As quadrinhas rimadas da versão de Teófilo Braga são transformadas, nas demais versões, numa estrutura paragrafada que, ao desrespeitar, a estrutura em versos, perde todo o seu apelo mnemônico. As quadrinhas rimadas que Braga registra

*Hortelão da hortelaria,
Como passou o rei
E a sua preta Maria?*

*Comem e bebem,
Levam boa vida.*

*E a pobre pombinha
Por aqui perdida! ⁵³*

Vão se transformar nos parágrafos

*Jardineiro, jardineiro, como vai rei, meu senhor, com a sua moura torta?*⁵⁴,
em Romero

⁵² Ferreira, José Gomes. *Op. cit.*, p. 302 e 303.

⁵³ Braga, Teófilo. *Contos Tradicionais do Povo Português*, p. 111.

*Jardineiro, jardineiro, como vai o rei meu senhor e mais a sua moura-torta?*⁵⁵
, no texto de Lobato

*Todas as tardes o Príncipe vinha despairecer no jardim e notava que uma rolinha voava sempre ao redor dele, piando triste de fazer pena.*⁵⁶ , em Cascudo

E mantém apenas a rima, transformando-se em parágrafo na versão de Gomes Ferreira

*— Hortelão da minha horta, como passa o príncipe com a sua preta,
negra, cachorra e torta?
O hortelão respondeu-lhe:
— Passa bem e leva boa vida!
A pomba então disse:
— Coitadinha de mim, que ando aqui perdida!*⁵⁷

Desde o início, a princesa seduz pela beleza, pela graça das formas enquanto que a moura vence pelo conhecimento, pela sabedoria. Seduzindo pela beleza, a pombinha é capturada após várias tentativas; o encantamento se desfaz depois de encontrado o alfinete mágico o que conduz a análise para a descrição das personagens femininas do conto.

Analisando a trajetória da moça e da moura, podemos dizer que se para a primeira a beleza é gratuita, um dom, para a segunda, o conhecimento da magia é adquirido, construído, elaborado. Se todas as ações da moça se definem *em função de e por* outras pessoas, a moura, ao contrário, é quem define as suas próprias ações e o eixo em torno do qual partem as ações das demais personagens. A moça é caracterizada como passiva, não sendo dona de seu próprio destino que, afinal, se estabelece como consequência das atitudes dos outros. Em contrapartida, a moura sabe o que quer e luta com armas próprias para conseguir seu objetivo.

A moura é a personagem que traça toda a sequência de ações da história, a partir de seu aparecimento, indo à fonte para encher o pote de água. A ordem que lhe foi dada não foi cumprida por julgar que não deveria cumpri-la. É ela também quem

⁵⁴ Romero, Sílvio. *Op. cit.*, p. 112.

⁵⁵ Lobato, J. B. Monteiro. *Op. cit.*, p. 26.

⁵⁶ Cascudo, Luís da Câmara. *Op. cit.*, p. 88.

⁵⁷ Ferreira, José Gomes. *Op. cit.*, p. 304 e 305.

controla as ações da moça, convencendo-a a deixar-se pentear ou descer da árvore para que ela pudesse catá-la. E também será a moura quem convencerá o príncipe a levá-la como futura esposa ao palácio.

O que quer? foi o sol que me queimou!... Você custou tanto a vir me buscar! ⁵⁸

Detalhe valioso é notar a relação entre o espaço físico e as personagens. Há, no texto, uma divisão muito clara em duas partes: a primeira, que se desenrola no espaço aberto, junto de elementos da natureza, como a fonte, a árvore, a estrada, o local da caça por onde anda o príncipe; a segunda, o espaço fechado, o palácio. Na primeira parte, quem tem o controle da situação é a moura, o que se inverte, na segunda, quando a ação se passa dentro do ambiente do palácio. Nele, o poder se define por outros meios, desconhecidos da moura. Aí será descoberto o seu encantamento e será decidida a sua morte.

Se a moura luta pelo que quer ou merece, a moça, não. Desde o início até mesmo sua existência é determinada pela ação de outra pessoa. Ela fica sobre a árvore, aguardando a volta do príncipe que lhe trará roupas que ela também não tem. Em todas as versões, com exceção da de Cascudo onde ela se limita a estar "piando triste de fazer pena", a moça, transformada em pombinha, não dirige ao príncipe suas perguntas diárias e sim ao jardineiro ou hortelão, indiretamente. É através deste criado, ou seja, de forma enviesada, que a moça se comunica com o príncipe o que revela mais uma vez sua passividade.

As demais personagens também só agem por uma fatalidade do destino ou por acaso. Desde o início do conto o príncipe é uma personagem que não define, previamente, seus caminhos e as atitudes que tomará, agindo sempre em consequência de fatos que acontecem sem sua ação direta.

Era uma vez um Rei que tinha um filho único, e este, chegando a ser rapaz, pediu para correr mundo. Não houve outro remédio senão deixar o Príncipe seguir viagem como desejava.

Nos primeiros tempos nada aconteceu de novidades. O Príncipe andou, andou, dormindo aqui e acolá, passando fome e frio. ⁵⁹

⁵⁸ Romero, Sílvio. *Op. cit.*, p. 111.

⁵⁹ Cascudo, Luís da Câmara. *Op. cit.*, p. 86.

Era uma vez um príncipe, que andava à caça; tinha muita sede, e encontrou trez cidras; abriu uma, e logo ali lhe appareceu uma formosa menina, que disse..⁶⁰

Seja saindo para caça seja para andar pelo mundo afora, sua vida é determinada pelo fado de encontrar pelo caminho uma velhinha que lhe dá as frutas de onde espontânea, natural e gratuitamente, brotam as três moças ou, também gratuitamente, como herança paterna, ou seja, obtida sem esforços seus. Aceita a desculpa da moura, sem questionamentos, levando o que não queria para casa.

O moço deu um suspiro; mas como se tratasse de sua sina, não podia evitar coisa nenhuma. Levou a moura para o palácio e com ela se casou, tudo na maior tristeza.⁶¹

A reforçar mais ainda a passividade do príncipe, nas versões de Romero, de Lobato e de Gomes Ferreira, ele quase é convencido pela moura a matar a pombinha para que ela a comesse. Só por acaso ele descobre o alfinete sob as penas da pombinha, e por acaso também é que esta pode voltar à sua forma de mulher.

Passados tempos, a moura fingiu-se pejada e pôs matos abaixo para comer a pombinha. No dia em que deviam botá-la na panela, o rei, com pena, se pôs a catá-la, e encontrou-lhe aquele carocinho na cabecinha, e, pensando ser uma pulga, foi puxando e saiu o alfinete e pulou lá aquela moça linda como os amores. O rei conheceu a sua bela princesa.⁶²

O final do conto, em todas as versões, mas em especial nas de Teófilo Braga e Gomes Ferreira, nos choca, leitores de fim de século XX, pela truculência. Vale lembrar aqui um comentário de Robert Darnton a respeito dos contos franceses e da violência que neles se retratava antes das recolhas de Grimm e Perrault, que adaptaram muitos contos aos leitores e à moral de suas épocas

...E por aí vai, do estupro e da sodomia ao incesto e ao canibalismo. Longe de ocultar sua mensagem com símbolos, os contadores de histórias

⁶⁰ Braga, Teófilo. *Op. cit.*, p. 110.

⁶¹ Lobato, J. B. Monteiro. *Op. cit.*, p. 26.

⁶² Romero, Silvio. *Op. cit.*, p. 112.

*do século XVIII, na França, retratavam um mundo de brutalidade nua e crua.*⁶³

Talvez possamos entender este desfecho na construção da história como a única forma de resolução da situação narrativa. Dizendo melhor, para competir com a determinação da moura, personagem de voz própria, dona de sua vontade e detentora de conhecimentos - ela é a única personagem que domina alguma forma de saber dentre as personagens - lança-se mão do poder, ao qual só tinham acesso príncipe e princesa. O poder de matar e escolher a forma da morte. Contra o saber, contra a *ousadia* de controlar o próprio destino e de conquistar o poder por si mesma, o abuso do poder, a truculência. Ainda que a moura seja descrita como monstro, cruel, feia, caolha, velha, bruxa, será das personagens que têm a beleza, a riqueza, o poder que partirá a decisão de matar, de punir o que nos leva a pensar nas mensagens do conto, reavaliando conceitos como poder, saber, crueldade, beleza.

As descrições feitas da moura e os comentários dos narradores a respeito de sua conduta revelam um aspecto importante dos recolhedores deste material de tradição oral e que eles chamavam de contos populares. Todas as menções feitas à personagem, a personagem escrava do conto, são depreciativas e, no mínimo, profundamente preconceituosas. As cinco versões apresentam exemplos deste comportamento dos recolhedores. Os textos de Braga e Cascudo são os que mais frisam esta idéia.

Podemos começar mencionando uma passagem da versão de Teófilo Braga em que o narrador relata o momento em que o príncipe encontra ao invés da menina, a moura sobre a árvore, linhas 32 a 35

*Quando o príncipe chegou, em vez da menina achou uma preta feia e suja, e perguntou muito admirado:
_ Que é da menina que eu aqui deixei? ⁶⁴*

Estas observações a respeito do aspecto da escrava moura são absolutamente dispensáveis de serem feitas pois seria de espantar que uma mulher escrava tivesse suas roupas limpas, trabalhando todo o tempo e que fosse um padrão de beleza. As contingências do trabalho escravo, a arbitrariedade do jugo, a perversidade da

⁶³ Darnion, Robert. *Op. cit.*, p. 29.

⁶⁴ Braga, Teófilo. *Op. cit.*, p. 111.

exploração do outro são apagadas, sendo atribuída à moura a "culpa" por sua feiúra e por seu aspecto pouco asseado.

Além desta passagem gostaria de retomar alguns trechos da versão de Câmara Cascudo. Nas linhas 68 e 69

*Encontrou a Moura Torta, feia como a miséria.*⁶⁵

seguem o mesmo raciocínio arbitrário. Não há nada na miséria ou na riqueza que faça com elas sejam mais ou menos bonitas. As pessoas que vivem na miséria ou na riqueza podem ou não ser bonitas; o que as torna feias, o que apaga a beleza são as condições de vida de que desfrutam. Mas, a frase, colocada como está, faz pensar que é uma característica intrínseca de quem é miserável ser feio. É como se a quantidade de beleza se determinasse pela classe social, previamente. Isso é o que a moura vive a repetir, ao ver refletida na fonte a imagem que pensa ser sua, linha 40

*Meu Deus! Eu tão bonita e carregando água? Não é possível...*⁶⁶

E aí reside todo o problema. Se a lógica deste raciocínio diz que

- os pobres são feios, por isso, servem os ricos

- os ricos são belos, por isso, são servidos pelos pobres, então, ao ver-se refletida, bela, na água da fonte, julga que não deve servir.

Ao dar-se conta de seu engano, usou o conhecimento que tinha das artes da magia para conseguir seu objetivo, vencendo sua rival. Outros dois comentários do narrador revelam a dificuldade em aceitar a vitória da moura, respectivamente, nas linhas 73 e 74 e 78 a 80

*O Príncipe acreditou e lá se foi a Moura Torta de carruagem dourada, feito gente.*⁶⁷

*A Moura Torta não acreditava nos olhos. Vivia toda coberta de seda e perfumada, dando ordens e ainda mais feia do que carregando o pote d'água. Todos antipatizavam com a futura Princesa.*⁶⁸

⁶⁵ Cascudo, Luís da Câmara. *Op. cit.*, p. 87.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 87.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 87.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 88.

Estes dois trechos sugerem que, para quem escreve este conto, o único papel possível para a moura é o de acatar ordens. Se ela já era feia - afinal ela era feia como a miséria, o que, no entanto, já é um pleonasmo - ela fica ainda mais feia quando tenta ocupar um papel que não lhe cabe, pois quebra a lógica estabelecida.

Finalizando esta parte de meu trabalho, o próximo item cuidará da revisão ou manutenção das hipóteses levantadas no capítulo anterior sobre os projetos de recolha deste material popular.

4. b. Revisão ou Manutenção das Hipóteses Levantadas

De alguns aspectos convergentes e de outros divergentes nas cinco versões do conto, pudemos levantar alguns traços do trabalho dos intelectuais do século passado e do início deste, em Portugal e no Brasil, que se dedicaram a recolher este material de tradição oral.

Os quatro pontos básicos que dão sustentação ao conto "A Moura Torta" ou "As Três Cidras do Amor" são, como havia apontado anteriormente, e como ficou demonstrado pela análise acima,

1. repressão do questionamento da ordem social e eliminação do saber popular
2. utilização do poder arbitrário como punição para a vitória do conhecimento
3. dissociação de beleza e inteligência como atributos femininos incompatíveis
4. vitória da beleza sobre a inteligência

Os dois primeiros tópicos confirmam uma das hipóteses sobre o tratamento dado ao material de tradição oral pelos eruditos que o recolheram, revelando-se na tessitura do texto "A Moura Torta", independentemente do recolhedor. Ou seja, o conto materializa o discurso de poder subjacente ao discurso literário através da eliminação do saber popular e feminino personificados na personagem moura. Este é um exemplo de exclusão - definitiva, por sinal - de grupos, impedindo seu acesso ao poder estabelecido e à

construção da História e do Saber Literários. Um exemplo de relações assimétricas entre as partes e de confronto de culturas.

A exclusão de grupos da participação na construção da História e da Literatura também se faz pela depreciação das figuras femininas do conto, afinal, nenhuma das duas mulheres do conto são descritas de maneira favorável, positiva. A moura é inteligente porém feia, perversa e bruxa, devendo ser punida por isso e a moça é bela porém, ingênua e boba.

Outra das hipóteses, que identifica o povo com a natureza, qualificando ambos de ingênuos, primitivos, naturais, espontâneos parece também reforçada na maneira depreciativa pela qual a personagem moura é descrita e que apontei acima e por seu conhecimento dos elementos da natureza, podendo criar com eles seus encantamentos e magias.

Confirma-se também a última de minhas hipóteses, relativa ao tratamento que os intelectuais dispensam a este material de tradição oral, como podemos verificar pela eliminação de quadrinhas rimadas, características das narrativas orais e sua transformação em estrutura paragrafada.

4.c. Propostas Para a Continuidade do Trabalho

O trabalho de pesquisa que pretendo realizar dando continuidade ao projeto iniciado com esta tese tentará estabelecer inter-relações entre conceitos já abordados nesta primeira etapa e utilizará, em parte, material privilegiado anteriormente.

O trabalho aqui realizado, que se dedica a estabelecer hipóteses interpretativas acerca dos projetos de recolha dos contos de tradição oral realizados por intelectuais e representantes da literatura erudita em Portugal e no Brasil, nos séculos XIX e XX, pode descrever, através de minucioso trabalho de análise do discurso construído pela Literatura escrita, as relações existentes e os conceitos envolvidos entre materiais de natureza diferente, a palavra escrita e uma das manifestações da cultura popular, os contos transmitidos oralmente.

Para dar continuidade a este trabalho, pretendo desenvolver algumas questões que foram levantadas no mestrado e que merecem maior atenção e maior detalhamento.

Minha pesquisa terá, como um de seus maiores objetivos, a preocupação em descrever as relações entre a intelectualidade do século XIX europeu, em especial a de

Portugal, e as tradições orais de origem européia e o desenvolvimento na América Latina, predominantemente, no Brasil, de conceitos e valores estéticos que determinaram a ótica e influenciaram a sensibilidade Românticas nestes países de cultura periférica, como o são os latino-americanos.

Para isso, será necessário o enriquecimento de minhas leituras através de uma bibliografia específica a respeito das tradições orais e daquilo que se conhece como "orality - literacy debate" que tem como seus principais teóricos Albert Lord, Walter Ong, Ruth Finnegan, Jack Goody, Erik Havelock, dentre outros.

Um dos pontos que pretendo pesquisar e que é abordado pelas discussões do "orality - literacy debate" é a maneira pela qual a literatura escrita se apropria de materiais da tradição oral para compor seu próprio material literário, ou seja, quais os mecanismos de que lança mão a intelectualidade para reelaborar os códigos e a retórica das tradições orais, incorporando-as em sua retórica, de natureza diferente pois que se define pela linguagem escrita. A partir deste ponto, verificar como isso se dá no caso das literaturas portuguesa e brasileira, em questão neste trabalho.

Ainda iluminada pelos pressupostos do "orality - literacy debate", minha pesquisa discutirá os princípios que norteiam a definição das Histórias Literárias e o caráter "scriptocêntrico" das ciências humanas, em especial, da historiografia literária que sempre coloca à margem a possibilidade de desconstrução da História das Literaturas Ocidentais tal como até hoje se vê, descrita apenas em função de uma cultura da escrita e despreza a existência em paralelo de tradições orais que influenciaram-na.

Além destas questões de caráter teórico, minha tese de doutorado pretende discutir também outro importante elemento para o período observado, o público-leitor. A maioria das antologias de contos populares selecionadas para servirem de objeto de pesquisa em minha tese de mestrado foram idealizadas para serem lidas pelo público-leitor adulto, posteriormente, adulto feminino.

No entanto, este é um material que será, em um dado momento histórico, redirecionado e reelaborado para outra fatia do mercado editorial, ainda pouco explorado, o do público -leitor infantil. Interessa-me verificar como se deu este momento de virada no mercado editorial a analisar mais detalhadamente, que mudanças operou no material de origem oral, os contos, chamados pelos eruditos Românticos, populares. Afinal, vale lembrar, estes contos eram transmitidos oralmente por adultos mas não eram direcionados, nas tradições orais, exclusivamente a crianças.

Estas questões são de absoluta relevância para a discussão dos parâmetros que norteiam a construção do Saber e da Literatura Escrita no Ocidente bem como de sua Historiografia.

A relação entre a intelectualidade e os representantes da Literatura Escrita e esse material de tradição oral interessa-me de perto uma vez que, é através do levantamento e da análise das estratégias de construção da retórica do século XIX, que se torna possível avaliar o percurso realizado a fim de incorporar ao cânone literário um material que, até o século XIX, não era reconhecido como literário.

Essa discussão torna-se ainda mais justificada quando se trata de verificar como se estabelecem essas relações do ponto de vista estético-cultural em países como os que serão privilegiados em minha pesquisa de doutorado, Portugal e Brasil, ambos na periferia da produção cultural.

A estes questionamentos vêm se juntar outros como, por exemplo, o de contextualização desta problemática entre países europeus considerados periféricos - Portugal, Espanha e Itália - e os centros de hegemonia cultural - França e Alemanha -, de onde retiram seus modelos, adaptando-os ou não à sua realidade e entre países periféricos europeus e países-colônias, no caso deste trabalho, Portugal e Brasil.

Estas são as principais linhas que nortearão minha pesquisa no doutorado e que serão enriquecidas com leituras e trabalhos futuros na mesma direção, acolhendo novos questionamentos que surgirão à medida que a tese avance.

ANEXOS

ANEXO I

ALMEIDA GARRETT

INTRODUÇÃO

Pretendo supprir uma grande falta na nossa litteratura com o trabalho que intentei nesta collecção. Não quero compôr uma obra erudita para me collocar entre philologos e antiquários, e pôr mais volume na estante de seus gabinetes. Desejo fazer coisa útil, um livro popular; e para que o seja, tornál-o agradável quanto eu saiba e possa. As academias que elaborem dissertações chronologicas e criticas para uso dos sabios. O meu officio é outro: é popularizar o estudo da nossa litteratura primitiva, dos seus documentos mais antigos e mais originaes, para dirigir a revolução litterária que se declarou no paiz, mostrando aos novos engenhos que estão em suas fileiras os typos verdadeiros da nacionalidade que procuram, e que em nós mesmos, não entre os modelos estrangeiros, se devem encontrar.

É obrigação de consciência para quem levanta o grito de liberdade n'um povo, achar as regras, indicar os fins, apparellhar os meios d'essa liberdade, para que ella se não precipite na anarchia. Não basta concitar os animos contra a usurpação e o despotismo; destruído elle, é preciso pôr a lei no seu logar. E a lei não há-de-vir de fóra; das crenças, das recordações e das necessidades do paiz deve sahir para ser a sua lei natural, e não substituir uma usurpação a outra.

Eu, que ousei levantar o pendão da reforma litterária n'esta terra, soltar o primeiro grito de liberdade contra o dominio oppressivo e antinacional da falsa litteratura, dóe-me a consciência de vêr a anarchia em que andamos depois que elle foi aniquilado; pêza-me vêr o bom instincto dos jovens talentos, desvairado em suas melhores tendências, procurar na imitação estrangeira o que só pode, o que só deve achar em casa.

A revolução não está completa nem consolidada. É preciso indicar-lhe o caminho natural e legal, pôl-a em marcha para os pontos a que lhe convém chegar; e ella se aperfeiçoará a si mesma no progresso regular que assim ha-de seguir para um norte fixo.

Fiz para isto esta collecção de exemplares, de documentos, de estudos e observações. Não respondo nem por sua exacta classificação, nem por uma certeza em todos elles acima dos escrúpulos austeros da critica, e das desapledadas negações da

chronologia. Respondo pelo espirito, pela tendencia, pela verdade moral do trabalho. Sente-se muitas vezes, vê-se clara a verdade e exacção moral de uma coisa cuja exacção material não póde provar-se por falta de documentos de indisputavel authenticidade.

Eu reuni, juntei, puz em alguma ordem muitos elementos preciosos. Trabalhadores mais felizes, e sobretudo mais repousados que eu de outras fadigas, virão depois, e emendarão e aperfeiçoarão as minhas tentativas, Tomará-os eu já vêr n'esse empenho. então entenderei déveras que fiz um grande serviço á minha terra e á minha gente. Sem vagar de tempo nem de cuidados para coisas tanto de meu gosto e tão fóra de minha possibilidade, vou lançando no papel as observações que me lembram, as reflexões que me ocorreram, sem curar ás vezes nem do fio que levam, nem do logar em que as ponho. Quizera poder fazer á lingua e á litteratura portugueza serviço igual ao que fez M. Raynouard á dos seus provençaes. Mas nem posso eu, nem o resultado seria tam prompto como elle hoje se precisa.

Tomára que estas paginas se fizessem lêr de toda a classe de leitores; não me importa que os sabios façam pouco cabedal d'ellas, comtanto que agradem á mocidade, que as mulheres se não enfadem absolutamente de as lêr, e os rapazes lhes não tomem medo e tedio como a um livro profissional. Eis aqui o que eu desejo, o em que puz fito, e o porque intersachel a prosa com o verso, a fábula com a historia, os raciocinios da critica com as inspirações da imaginação.

Tenho alguma esperanza no methodo.

A primeira parte e volume do presente ROMANCEIRO deve ser considerada como a Introdução d'esta segunda e das que se lhe seguirem.

Alli del a tradução em lingua a estylo moderno de alguns dos nossos romances populares; aqui vão os proprios textos d'esses e de muitos outros romances.

Horacio, cuja arte poetica hade sempre ser para a poesia de todas as edades, de todas as escolas e de todas as nações, o que são para o moral os Versos de oiro de Pythagoras, um codigo eterno de regras inalteraveis -- Horacio louva, sobre todos, aos poetas romanos que ousaram desviar-se do trilho batido dos gregos, e celebrar emfim nas acções da sua propria gente, deixando em paz as Medeas e Jasons, a interminavel guerra de Troia e essa perpetua familia dos Attridas.

Os nossos primeiros trovadores e poetas, que mal sabiam talvez se tanto, o latim mosárabe dos bons monges de Lorvão ou de Cucujães, e que decerto nunca tinham lido Horacio -- nem o entenderiam -- seguiram comtudo melhor, por mero instincto do coração, as doutrinas do grande mestre que não conheciam, do que depois o

fizeram os poetas doutos e sabidos que no século XVI nos transmudaram e corromperam todas as feições de nossa poesia.

Longe de mim a ingrata e presumpçosa vaidade de desacatar as venerandas barbas dos nossos dois Boileaus de Quinhentos, Ferreira de Sá e Miranda!

E quem ousará pôr os olhos fitos no sol de Camões para lhe rastrear alguma leve mancha, se a tem? Todavia esses tres grandes poetas, grandes homens, grandes cidadãos e grandes philologos, são os que, cheios de Virgílio, de Ariosto e de Petrarcha, com os olhos cravados no antigo Lacio e na moderna Italia, de todo esqueceram e fizeram esquecer os tons e os modos da genuina poesia da nossa terra.

Os nossos visinhos de Castella nunca chegaram, no seculo XVI, á perfeição classica da litteratura portugueza; mas por isso ficaram mais nacionaes, mais originaes; e por consequencia, maior e mais perdurável e mais geral nome obtiveram e conservaram no mundo.

Toda a Europa lê hoje os LUSIADAS: é verdade. E porque? Será pelas fôrmas virgilianas do poema, pelos deuses homericos do seu maravilhoso, pela belleza dos modos que só nós sentimos bem? Não é pelo que alli ha de poesia original, propria, primitiva: portanto, era o Camões poeta tam portuguez n'alma, que as mesmas harmonias homericas e virgilianas, os mesmos sons classicos se lhe repassavam debaixo dos dedos n'aquella sincera e maviosa melodia popular que respira das nossas crenças nacionaes, da nossa fé religiosa, do nosso fanatico -- e inda bem que fanatico! -- patriotismo, da nossa historia, meio historia, meio fábula dos tempos heroicos. Dominou-o, mas não pôde pervetê-lo a escola do seu tempo.

A poesia e a litteratura portugueza precisavam retemperadas nos principios do seculo passado: que estavam uma coisa informe e laxa: eram cordas castelhanas em segunda mão, cordas italianas de má fabrica, as unicas da lyra portugueza. Veio o Garção, o Diniz, Francisco Manuel, depois o Bocage, com todos os satellites d'estes quatro grandes planetas, e restauraram a lingua e a poesia -- a prosa não -- mas nos antigos modos classicos, agora deduzidos pela reflexão franceza, bem como no seculo XVI o tinham sido pela reflexão italiana.

Falou portuguez e falou bem, cantou alto e sublime a nossa poesia; mas ainda não era portugueza.

Estava corrido o primeiro quarto d'este seculo, quando a reacção do que se chamou Romantismo, por falta de melhor palavra, chegou a Portugal.

Vamos a ser nós mesmos, vamos a ver por nós, a tirar de nós, a copiar de nossa natureza, e deixemos em paz.

"Gregos, romãos e toda a outra gente".

Que se ha-de fazer para isto? Substituir Goëthe a Horacio, Schiller a Petrarcha, Shakspeare a Racine, Byron a Virgilio, Walter-Scott a Delille?

Não sei que se ganhe n'isso, senão dizer mais sensaborias com menos regra.

O que é preciso é estudar as nossas primitivas fontes poeticas, os romances em verso e as lendas em prosa, as fábulas e crenças velhas, as costumeiras e as superstições antigas: lê-las no máo latim mosárabe meio suevo ou meio godo dos documentos obsoletos, no máo portuguez dos foraes, das leis antigas e no castelhano do mesmo tempo -- que até bem tarde a litteratura das Hespanhas foi quasi toda uma. O tom e o espirito verdadeiro portuguez esse é forçoso estudal-o no grande livro nacional, que é o povo e as suas tradições, e as suas virtudes e os seus vícios, e as suas crenças e os seus erros. E por tudo isso é que a poesia nacional ha-de ressuscitar verdadeira e legitima, despido, no contacto classico, o sudario da barbaridade, em que foi amortalhada quando morreu, e com que se vestia quando era viva.

Reunir e restaurar, com este intuito, as canções populares, xácaras, romances ou rimances, solãos, ou como lhe que queriam chamar, é um dos primeiros trabalhos, que precisavamos. É o que eu fiz -- é o que eu quiz fazer ao menos.

Para entrar com alguma ordem, e com algum nexos, ainda que seja apenas hypothetico, no ajuntar e examinar dos documentos, vejamos e resumamos, em poucas palavras como, da litteratura da civilização velha se fez, na chamada Meia idade, a transição para a nova e imperfeita, mas muito mais original, muito mais creadora litteratura da sociedade christã, d'esta civilização que é tam outra e tam distincta d'aquella, e, por forçosa necessidade, tam diversamente tem de formular-se em sua mais natural expressão, a poesia.

Roma e Grecia tinham cahido na segunda meninice, os barbaros do norte estravam em vigorosa juventude de entendimento. Chamou-se a este periodo, tam notavel e interessante na historia do espirito humano, a Edade-média. Mas não foi elle, como ha tres seculos se escrevia, e se cria sem mais exame, não foi uma epoca de trevas em que toda a arte e sciencia pereceram, foi uma crise de transformação e regeneração em que os elementos da sociedade, purificados no fogo de um grande incendio, começaram a

tender para ordem nova, para uma organização que era extranha a todas as idéas e concepções antigas.

Observa um elegante escriptor contemporaneo que naturalmente são objecto da nossa curiosidade e nos excitam vivo interesse dos costumes, os sentimentos, a literatura de aquella epoca singular em que, passo a passo, vêmos o progresso do entendimento humano caminhando para a civilização christã, essa que depois havia de confundir-se com as reminiscencias da antiga, desvairar-se em seu caminho, retrogradar, perder-se tantas vezes na senda, chegar a ser desconhecida e desconhecer-se ella a si mesma.

Abstractamente consideradas as maneiras e as instituições d'aquella idade, pouco ha n'ellas de louvar, muito que reprovar: e todavia as que mais pareciam deformidades na infancia dos povos, vieram a produzir resultados tam beneficos, a amadurecer em fructos de tanta benção, que hoje nos deleita e interessa contemplar e examinar essas mesmas aberrações.

Saudavel e reanimadora foi a influencia das tribus gothicas na politica e na literatura da Europa. A antiga luz da civilização velha ardia ainda na caliginosa atmosphaera de Constantinopla; e a ascendencia que, de tempos a tempos, readquiria na Europa o crapuloso imperio do Oriente, por vezes fez, sumir a luz nova e verdadeira que, sob o reinado de Theodorico, se tinha acendido na Italia, que depois, ressurgindo de novo as remotas regiões do norte, d'esses claustros da Islandia onde jazera latente, veio propagando-se até nós. Um soberano theutonico, Carlos Magno, suscitou o genio nacional que deu existencia, fôrma e cultura á lingua vernacula no centro da Europa para substituir a corrupta algaravia das fezes latinas, em que mal se póde dizer que já falava, senão que gaguejava a nossa decrepitude. Um rei saxonio, Alfredo, formulou, como os primeiros elementos da lingua, a primeira civilização inglesa. Os nossos reis gordos, visigodos e asturianos crearam nas Hespanhas estas linguas e estas litteraturas, -- hoje resumidas em duas irmãs gémeas -- tam caracterisadas e originaes ainda, apesar dos longos e teimosos esforços de uma reacção de cinco seculos que por todos os modos as quiz desnaturalizar e fazer renegar sua nobre e legitima ascendencia, para somente as reconhecer bastardas e adulterinas de corrupção romana, quando ellas são legitimas filhas, havidas em um matrimonio, sim forçado pela conquista mas util e vantajoso aos contrahentes e á pro genie que d'elles veio.

Durante todo o undecimo, duodecimo e decimo terceiro seculo os elementos de civilização da Europa estiveram fermentando, separando-se e moldando-se

para receber nova fôrma: os principios eram ainda crús e indigestos, mas os sentimentos fortes e vivazes, O fervor do zêlo religiosos transviava a miudo o espirito e inflammava as paixões; mas essa religião era tambem o symbolo, e era o meio, o instrumento mesmo da civilização; era o anjo Custodio que velava nos sanctuarios da sciencia, que os protegia contra o pder ignorante e desenfreado.

Offendem o senso commum aquelles sonhos da cavallaria andante; mas onde não havia mais lei que a força, n'ella só podiam os descalidos achar protecção, só ella podia contêr os que outra lei não conheciam. D'essa instituição phantastica derivou todavia, modificado pelo tempo, este principio de cortezia, de honra e de civilidade, que é a base e o fundamento da sociedade moderna.

Aquelles rendimentos de adoração para com o bello sexo, a solemnidade com que se lhe prostava todo o entendimento e vontade faz-nos hoje sorrir desdenhosamente; mas d'ahi nasceu a importante revolução social que veio a fixar, nas firmes bases de uma religiosa justiça, os destinos de metade da raça humana.

Hoje, certo, nos parece ridiculo vêr de repente transformar a mulherm de escrava abjecta, em divindade sublime, poderosa para salvar, onnipotente para destruir... E ainda assim as cadeias voluntarias, com que d'este modo se prendiam reis, imperadores e guerreiros, não os traziam em desagradavel captiveiro. Sentiram-se amansar e humanisar aqueles meio-selvagens; e sem saberem porquê nem como, aprenderam a respeitar-se uns aos outros: gradualmente vieram a acabar por se respeitar a si proprios.

Então começou a ter valor e importancia a opinião publica; até as "Côrtés d'Amor" concorreram para este grande fim, ajudando a curvar a propotencia dos grandes e a submeter a anarchia dos poderosos aos regulamentados da disciplina social. Quando a poesia tinha tamanha influencia, que poderoso instrumento de civilização não devia de ser o energico escriptor de Sirventes que honesta e despejadamente seguia sem medo as lições e o exemplo do famoso trovador Pons Barba!

Sirventes no es leials,
S'om no i ausa dir l'os mals
Dels menors e dels communais,
E maiorment dels maioraais.

A Sirvente não é leal

Se não ousa home expor o mal
Dos menores do communal
E mormente do maioral

Vê-se quanto era o poder de tal influencia pelo modo que a animavam os politicos imperadores da Alemanha, oppondo-a de barreira á superstição dos ignorantes e ás pretensões da curia romana. A força com que ella operava poude avaliar-se pela resistencia de opinião publica que tantas vezes excitou.

Todos os elementos da sociedade, unidos assim por sympathias communs, tendiam simultaneamente a aperfeçoar-se, temperando-se uns aos outros pela propria acção e reacção de suas forças. Principes, senhores e povo rivalisavam no campo das contendias poeticas; as desigualdades de condição eram mitigadas pela valia que se dava ao talento onde quer que elle apparecia. Então o Oriente patenteou as suas maravilhas, o mundo foi encantado e a historia se fez romance. Foi a primavera do espirito, a estação da florescencia d'alma. O coração do homem era mais arrojado, o seu braço mais firme do que nos dias da prosaica realidade. O espirito da aventureosa cavallaria abrandou-se em heroica gentileza e amoroso galanteio. A belleza da mulher foi estimada como thesoiro, exaltada como triumpho, adorada como divindade. Chegou a hora de despontar a flôr mais bella de toda a grinalda, a rosa que as corôa e domina a todas, aquelle espirito de poesia que desenferrujou e puliu o barbarismo accumulado das edades, que suscitou o espirito da emulação, que o preparou para as melhores cousas. Está aberto emfim o manancial dos sentimentos generosos e elevados, d'onde ha-de correr a civilização pelo mundo.

A cavallaria e a poesia d'esses tempos foram pois inseparavelmente ligadas, são fructos de uma grande revolução moral, nasceram juntas, mutuamente se explicam e definem, os mesmo senões as maream, qualidades iguaes as ilustram.

Mas, tendo-se discorrido tanto sobre uma, não se estudou ainda bastante a outra; e todavia n'essa poesia da Edade média está a melhor explicação do estado da sociedade que a creou, d'essa pasmosa mistura dos sentimentos fortes, das associações religiosas, e do galanteio metaphysico que revestia de uma forma angelica o objecto da adoração do poeta, e em seus olhos punha as estrellas em que o homem lia o seu destino, que abria o céu aos amantes felizes, e fazia os bosques e os prados testemunhas participantes de sua alegria. com que expressão de terno contentamento começa aquella gentil canção do trovador Arnaldo de Merveil:

Oh que doce abril respira
Quando maio vê chegar!
Pelas noites soggadas
Se escuta o doce cantar;
E nas frescas manhãs puras
Brandas aves gorgear.
Tudo em torno alegre folga,
Tudo ri, tudo suspira:
Como hei-de eu conter no peito
Affectos que amor me inspira!

Que festivas alegrias não folgam n'essa outra canção do velho minnesinger, o conde Conrado de Kirckberg quando, ao voltar de maio, chama pelas festivas coréas que saíam ao campo:

Seus thesoiros de alegria
Todos maio derramou,
Pelas seves que florece,
Pelas sombras que copou;
Onde rouxinol amante,
Em cada ramo que pende,
Em cada flor que recende,
Sua doce melodia
Faz soar pela espessura.
Vinde, maio é o mez d'amor,
Da belleza e da ternura;
Cantemos, vinde, cantae-o:
Deus te salve, lindo maio!

A coincidência de tom entre a sociedade e a poesia do tempo observap-se também nas phantasticas instituições a que deu nascença a paixão reinante da galanteria. Aprazia-se, diz outro escriptor moderno, a sociedade, nova ainda, em formalidades cerimoniaes que então eram signal de civilização e que hoje matariam de enfado: é o

mesmo caracter que se acha na lingua procençal, na difficuldade e no enrevezado das suas rimas, nas suas palavras femininas e masculinas para expressar o mesmo objecto, até no infinito numero de seus poetas. Tudo o que era formalidade e alinhamento, coisa hoje tam insipida, tinha então toda a frescura e sabor da novidade.

Veja e examine com paciencia os exemplares que nos restam d'essa escola entre nós, o Cancioneiro dito do Collegio dos Nobres, o de Dom Diniz, o de Rezende, e conhecerá quanto é exacta a observação.

N'este periodo se observa tambem o fundamento de uma das mais caracteristicas distinções que separam a poesia moderna da antiga, a que vulgarmente se diz romantica, da que tambem vulgarmente se cha classica. Essa, a poesia grega e latina tinha um caracter essencialmente masculino, a todos os respeitos: em seus mais ternos desafogos a mulher sómente apparece como subserviente aos caprichos e aos prazeres do "sexo mais nobre". A nossa poesia, ao contrario, deve os mais de seus encantos ao suave caracter que lhe infundiu a diferente posição da mulher na sociedade. Nos primeiros tempos este novo sentimento transbordava extravagante e inculto; mas depois abrandando-se e cultivando-se, veio a aquietar-se n'essas tranquilas pinturas de affeição social, de felicidade doméstica, de goso ora sereno ora apaixonado, de que pouco ou nada apparece na litteratura chamada classica.

A poesia dos trovadores ainda não foi imparcialmente avaliada nem sequer por aqueles (e poucos são) que a foram examinar nos proprios originaes. Os mesmos que se extasiavam com as rimas de Petrarcha e de seus imitadores, esses mesmos a tractaram de resto. Os minnesingers da Allemanha, contemporaneos dos trovadores, apenas, se tanto, serão conhecidos de nome entre nós. De nossos vizinhos castelhanos, aragoneses e galegos ha muito que se apagou a memoria já tam familiar á gente portugueza. Aos nossos proprios cantores e juglares só ficou fiel a saudosa recordação do vulgo, da plebe que, de geração em geração, foi transmittindo, mas corrompendo tambem suas composições, delicias outr'ora de damas bellas e de cortezãos cavalheiros, hoje entretenimento de alguma pobre velha d'aldeia que as canta ao serão aos esfarrapados netos.

O maior senão de todas estas poesias primitivas é a sua uniformidade e monotonia. Responde a esta accusação, por parte dos seus minnesingers, o erudito e elegante F. Schlegel: a defeza serve para todos.

A accusação de uniformidade, diz elle, parece-me singular: é o mesmo que desdendar da primavera pela multidão de suas flores. Certo é que em muita especie

de ornatos, elles agradam mais separados do que amontoados em massas. A propria Laura não era capaz de lêr, sem fadiga e fastio, todos os seus louvores se lhe appresentassem de uma vez quantos versos inspirou a Petrarcha no decurso de sua vida. -- A impressão de uniformidade nasce de vêrmos estes poemas reunidos em volumosas coleções que talvez não pensaram nem desejaram fazer seus auctores. Mas em verdade não é só canções d'amor, todo o poema lyrico, se elle realmente fôr fiel á natureza e não pretender mais do que expressar sentimentos individuaes, ha-de circunscrever-se a muito estreitos limites tanto de sentir como de pensar. A prova e exemplo está nos mais altos generos da poesia lyrica de todos os povos. O sentimento ha-de ocupar o primeiro lugar para poder expressar-se com poesia e fôrça: e onde o sentimento predomina, variedade e riquezas de pensamento são de importancia muito secundaria. Grandes variedades em poesia lyrica não se acham senão nas epocas de imitação em que se capricha de tratar a casta de assumptos em toda a sorte de fórmulas.

Os trovadores do sul da França foram decerto os primeiros inventores da nova arte e nova lingua poetica que em breve se difundiu por toda a Europa e se popularizou de tal modo que o seu alahude fez calar as harpas dos bardos theutonicos e quebrar a última desafinada corda da lyra romana. Da brutal idolatria do norte, do profligado paganismo do meio dia, a sociedade europêa fugia para o espiritualismo christão. Exagerados e falsos muitas vezes, os trovadores eram comtudo os poetas d'este culto, os formuladores d'essa ideia; d'aqui sua popularidade e supremacia.

De nenhum ponto na historia litteraria do mundo se falou e escreveu mais do que d'este. E todavia os documentos necessarios para julgar do verdadeiro merito e caracter da poesia dos trovadores eram, até ha pouco, tam mesquinhos que justamente observou Schlegel: "todo o mundo falava dos trovadores e ninguem os conhecia." Os criticos francezes, e Millot especialmente, occultaram com empenho os poucos originaes que tinham consultado, manifestamente para que ninguem podesse ajuizar da fidelidade de suas traduções e da justiça de seus conceitos.

Guinguené contentou-se com o trabalho que achou feito por Millot; rara vez se aventurou a traduzir por si, e algum fragmento original que por acaso apresenta, não o escolheu com o fim de mostrar o talento, o estylo ou o gôsto da escola poetica que examinava: forma tomados á sorte e offerecidos como simples exemplo de linguagem e de fórmula metrica; certamente não conheceu, não avaliou nem a fôrça nem a belleza d'aquella lingua, que, se a não julgarmos, como entendeu M. Raynouard, continuada e revivente na lingua portugueza, se póde considerar uma lingua hoje morta.

Seria absurdo e injusto assentar juízo sobre os trabalhos de um auctor que pouco ou nada leu das obras que se metteu a julgar, e que confessa, como este confessou e Sismondi tambem, que nos manuscritos em que se achavam as poesias dos trovadores não estava para as ir lêr, e se fiava descansadamente nos extractos e traduções de Millot.

Sismondi comtudo já na segunda edição da sua obra é mais extenso, e mudou de tom a respeito dos trovadores, porque tinha apparecido o primeiro volume dos trabalhos de M. Raynouard, que porfim veio esclarecer esta tam obscurecida parte da historia litteraria.

Com effeito Raynouard fixou o vago destes exames, reformou os antigos erros, suppriu as deficiencias de seus predecessores, formou a grammatica da lingua, imprimiu correctamente os originaes e reuniu os principaes monumentos da lingua e da poesia provincial com deligencia, gosto e critica.

Póde-se dizer que só depois de apparecer o seu livro é que verdadeiramente começámos a conhecer a litteratura dos trovadores d'onde a nossa descende, ou com a qual se ligou estreitamente quasi desde o principio da monarchia e pouco menos que o comêço da lingua.

E viesse ella por Catalunha e Aragão, e, atravessando d'ahi a Castella, a Gaia-sciencia nos chegasse por Galliza ou directamente nol-a trouxesse o conde D. Henriquem, o certo é que nos primeiros reinados da monarchia nós trovavamos já á provençal; e ahi está a Carta do marquez de Santilhana para fazer fé, que primeiro e melhor que ninguem o fizemos em todas as Hespanhas, e que na mesma côrte de Castella o portuguez era a lingua da poesia culta.

Mas não acharia essa poesia provincial quando cá chegou e se aclimatizou tam depressa como em chão seu proprio, não acharia nenhuns restos da poesia indigena que já os romanos aqui acharam, que sempre foi vivendo com elles e adoptou a sua lingua, que não consta que morresse, assim como não morreu a nova lingua com o senhorio godo, nem era para acabar sob os arabes, -- que antes esses lhe dariam da sua côr oriental e phantastica, segundo em tudo o mais nos fizeram?

Estou convencido que sim; e que os vestigios d'essa poesia indigena ainda duram, desfigurados e alterados pelo contacto de tantas invasões sociaes e litterarias, nos singelos poemas narrativos que o nosso povo conserva, que ama com tanto affindo, e que não são nem mais vulgares em nenhuma outra parte das Hespanhas.

Como porem no seculo XIII começa a apparecer a lingua portugueza propriamente dita, e n'esse tempo já o estylo provençal tem o predominio, as duas litteraturas da côrte e do povo vistas hoje d'esta fistança se confundem aos olhos inexpertos; mas o observador ilustrado bem depressa as extrema logo.

A's apalpadellas quanto aos periodos mais remotos, eu parece-me achar que a poesia original portugueza -- comprehendendo n'esta designação a aborigene, a provençal e a mixta -- tem passado por oito phases differentes, cujas transições e duração constituem sete epochas naturaes.

Na primeira collocarei tudo o que, mais ou menos authenticico, tem parecido ser anterior á predominação da escola provençal, quasi absoluta no reinado de D. Affonso III e D. Diniz: e comprehende portanto as poucas e incertas relliquias que se dizem existir dos seculos XI e XII. Na segunda epocha já pisâmos terreno historico, e sômos alumiados por um grande e inquestionavel documento, o Cancioneiro dito do Collegio dos Nobres, e o chamado de D. Diniz que ultimamente se imprimiu em Paris pelo manuscripto do Vaticano. Dura esta epocha até d. Pedro I. E alguma cousa portanto poderemos tambem já haver do Cancioneiro de Rezende, Mas certo e fixo tudo é lyrico, são canções ou cantares. O pouco de épico ou de romance narrativo que se attribue a esta epocha é a puro advinhar, porque tudo é havido da tradição oral, nada escripto.

Começa a terceira epocha em D. Fernando com a introdução do gosto inglez, isto é, normando; e por consequencia com uma certa reacção a favor do genero narrativo.

Aqui triumpho a moda dos romances da Tavola-redonda; el-rei Arthur é o typo de toda a cavallaria e de toda a poesia; o Condestavel, o Mecenas d'esta escola, e D. João I o seu Augusto. Já na tradição oral apparecem muitos romances que, sem grande risco de errar, se podem attribuir a este periodo. Da rainha D. Filippa, de seu filho D. Duarte temos versos escriptos e authenticicos; de seu neto, o outro famoso Condestavel, um Cancioneiro inteiro.

Nos reinados de D. Affonso V e D. João II predomina o genero germanico. No Cancioneiro de Rezende e em outras colleções temos exemplares bastantes no genero lyrico, algum raro porem do narrativo.

Reputo fechada a epocha com a terminação da Edade-média, que todos collocam por esta data, pouco mais ou menos, e que nós portuguezes positivamente devemos pôr no fim do reinado de D. João II.

A quarta época é aberta por Bernardim Ribeiro e Gil Vicente. Agora o Palmétrim e a literatura normando-byzantina triumpham. Pouco depois já é menor o sabor normando nos nossos romances, e já começam a ganhar influência os romancistas italianos. Parte do Cancioneiro de Rezende pertence também a esta época: é todo d'ella o mesmo Garcia.

Logo após vem a renascença da literatura classica. A poesia culta e da côrte perpetuamente se separa da popular, toma as fórmulas italianas e triumpham com Antonio Ferreira. Sá de Miranda fica no meio das duas escolas; Camões populariza o genero classico repassando-o, quanto era possível, do gosto nacional. Temos muitos romances, lendas e canções d'esta época, tanto escriptos como conservados pela tradição oral. Mas no reinado de D. João III a affectação bucolica invade o proprio romance, que despe a malha e depõe a lança para vestir o surrão e empunhar o cajado de pastor. O gosto popular, mal satisfeito com a escola classica, dominante, lança-se no romance castelhano, cuja sinceridade e rudeza epica lhe agrada mais. Muitos romances castelhanos se nacionalisam entre nós.

O genio cavalheiresco de D. Sebastião, a calamidade nacional da sua perda dão outra vez tom e vida ao romance historico e aventureiro. Conclue-se a quarta época com o fim do seculo XVI e da independencia nacional.

O dominio castelhano e a mais forte influencia da sua literatura formam a quinta época. O genero moirisco tinha tomado posse da poesia popular de Castella, e agora invade a de Portugal. Apparecem ainda hoje na tradição oral imitações e traduções dos romances granadinos. Francisco Rodrigues Lobo e depois d. Francisco Manuel de Mello estão á frente d'esta escola. A arcadia é comtudo mais forte do que Granada, os moiros são expulsos do romance e da canção popular, e o genero pastoril triumpham. O povo fica espectador desinteressado n'estas luctas; nem chorou pelos vencidos, nem sancionou a victoria dos triumphadores. Nem uns nem outros fallavam ao seu coração, ás suas paixões; nem o consolavam em suas desgraças, nem lhe animavam as esperanças. Mas como nenhum povo vive sem poesia, o nosso povo foi achá-la onde nem os grandes nem os sabedores do tempo de certo imaginavam que ella estivesse, mas estava, a verdadeira, a unica nacional d'então, a das trovas e prophcias que lhe falavam de um libertador, de um vingador, de um salvador que a Providencia tinha reservado á nação portugueza, e no qual se haviam de cumprir as imaginadas e suspiradas promessas do Campo de Ourique.

São d'este tempo as Prophecias do Bandarra e outras que em si resumem quasi toda a poesia popular da epoca, se exceptuarmos as lendas de milagres e as canções ao divino de que agora apparecem mais exemplares do que nunca.

O romance porem não estava morto, só desconsiderado e sem popularidade. Na insipidez da vida pastoril, o povo desprezou-o, a côrte mostrou-lhe, ao principio, agrado e protecção, mas infastiou-se d'elle e abandonou-o. O infeliz recorreu ao expediente commum dos baixos parvenus e dos nobres degenerados: fez-se truão e bobo; os gracejos, os equívocos, as facecias burlescas foram as suas armas, e á força de ridiculo, conseguiu reconquistar alguma attenção do público. Tal o achamos no fim d'esta epoca, tal apparece nas volumosas colleções do tempo, de que na Phenix renascida ha alguns exemplares curiosos.

Sem melhorar ou talvez empreiorando de stylo, mas muito alterado o tom, torna o romance a rehabilitar-se na opinião nacional, volta a ser quasi popular., porque se inspira do genio redivivo da nação para cantar os seus triumphos e a sua gloria na expulsão dos castelhanos e nas continuas victorias que sobre elles alcança. O seu enthusiasmo porém é sem dignidade, sem nobreza, não é o povo que conta as suas victorias, são os poetas que querem cortejar o povo no dia da sua gloria e que o não sabem fazer senão com grosseiros motejos aos inimigos vencidos.

As prophecias e as legendas continuam a ser a verdadeira poesia nacional. Tudo o mais é corrompido pelo máo gôsto dos cultos, que, arregimentados em infinidade de Academias dos nomes mais extravagantes e incríveis, conseguem tirar toda a côr á litteratura portugueza de todos os géneros e fazer da lingua uma algaravia affectada e ridicula, vã de toda a expressão, assoprada em phrases tam descommunaes, em conceitos tam oucos, que nenhum sentido se lhe acha, se algum tiveram os que tam absurdas coisas escreviam.

E todavia ainda ressurge, ainda brota, aqui, alli, por entre estes matagaes, o antigo genio do romance peninsular inspirando alguma rara composição menos desnatural. Mas o gongorismo, a affectação, os conceitos presumidos incham, assopram, desfiguram tudo. Porfim até a metrificacção natural e privativa é abandonada, o romance faz-se a gralha da fabula para vestir as pennas do pavão da fórmula endecassyllaba; e com este esforço de vaidade se torna absurdo, desprezível, é apupado por todos os partidos litterarios, e morre esquecido e miseravel.

O triumpho classico foi completo: reina a Arcadia; o seu dominio academico obtem o consenso e o concurso geral: tamanho era o cansaço e fastio que os

desvarios d'aquella anarchia sem sabor tinham causado. Popularizam-se de novo as fôrmas latinas e italianas, o stylo e o pensamento francez por tal modo, que ninguem se lembrava já siquer de que tivesse havido ou podesse haver outra coisa.

Só os povo, o povo dos campos, as classes menos ilustrada da sociedade protestaram em silencio contra este injusto abso de uma justa victoria, guardando na lembrança, e repetindo entre si, como os hymnos de uma religião proscripta, aquelles primitivos canteres das antigas éras que os doutos desprezavam e perseguiam, confundindo-os no anathema geral que só tinham merecido seus degenerados limitadores e corruptores.

No resto de Hespanha succedia o mesmo. Madrid e Lisboa rivalizavam a qual havia de proscrever e escarnecer mais a sua verdadeira poesia nacional.

A falsa e ridicula imitação da antiguidade classica, amaneirada pelas regras francezas, dominava tudo. Os escriptores do grande rei e os seus alumnos reinavam absolutos. E não só á peninsula iberica se estendia a sua auctoridade: a Italia, a Alemanha, a propria tam ciosa Gran'Bretanha se deixaram avassallar d'estes novos Roldans e Oliveiros que, em singular mas pouco leal batalha, pareciam ter vencido a todos os paladins trovadores do mundo, juglares, menestreis, bardos, minnesingers e tutti quanti. A propria religião de Camões esfriava em Portugal; um máo Luther -- frade e graciano como o outro -- chegou a ter a ousadia de proclamar o protestantismo contra a sua catholica auctoridade! Calderon era quasi esquecido, quasi desprezado ás margens do Mançanares; ao Dante não o entendiam já nem juravam por elle os seus; o proprio Shakspeare esteve a ponto de succumbir ás traições de Dryden, e de ver Covent Garden e Drurylane occupados exclusivamente pelas traduções e imitações dos classicos de Luiz XIV; Goëthe nem Schiller não tinham erguido ainda bem desfraldado o estandarte da reacção; toda a litteratura da Europa era franceza, amaneirada, monotona, servil, e reduzida a uma esteril, unidade rotineira que nada creava, nada sentia, e nada ousava dizer senão por aquellas fôrmas pautadas que lhe impunha o fatal regimen da centralização absoluta.

Senão quando, a revolução se levantou no Norte; a Alemanha foi a primeira a sacudir o jugo; quasi ao mesmo tempo a Inglaterra; por fim a Italia; e até na propria França se levantou um grande partido contra esse despotismo que a não avassalava menos a ella do que ás nações estrangeiras.

Nós luctavamos então contra a usurpação franceza e a tutella ingleza que, ensinando-nos a combater mais regularmente e com mais certa fortuna, ao mesmo

tempo comprimia o impulso popular com seus bons e máos effeitos; apagou o incendio que não queimasse, mas tambem o impediu de purificar e alumiar. A arcadia já não existia, mas a sua sombra e o seu nome, ainda reinavam. bocage teria sido o poeta mais popular de Portugal, o verdadeiro restaurador da nossa poesia se elle e os seus discipulos, que poetica e litterariamente reinaram na segunda metade d'esta epoca, não fossem dominados d'aquelle temor, d'aquelle respeito, d'aquelle deferencia com que se inclinavam deante dos preceitos e exemplos da Arcadia em que reconheciam a infallibilidade eucumenica.

Quasi se podia dizer destruida toda a nacionalidade, apagados os últimos vestigios originaes da poesia, quando no fim do primeiro quartel d'este seculo essa influencia da renascença alleman e ingleza se começou a fazer sentir.

Não quero por muitos motivos, e alguns d'elles personalissimos, não quero entrar aqui em disputas de preferencia, e prioridade com os nossos vizinhos e parentes mais proximos: direi sómente que em Hespanha portuguezes e castelhanos despertaram quasi ao mesmo tempo, e começaram a abrir os olhos sobre a triste figura que estavam fazendo na Europa em renegar da fidalga origem de suas bellas linguas e litteraturas, prostituindo-as em tam humilhante servidão franceza que por fins tinham chegado a nem já quasi ousar imitar os seus modelos: traduziam palavra a palavra; e da propria phrase, do genio de seu idioma se envergonhavam. Despertármos porém; e commum nos foi o pensamento, quasi simultaneo o esforço, a castelhanos e aportuguezes; foi uma verdadeira reacção iberica; as duas linguas cultas da peninsula appareceram unidas por um tacito pacto de familia, animadas do espirito redivivo de seus avós communs na causa da restauração commum.

Pede todavia a verdade historica, a justiça manda que se faça uma grande e notavel distincção no apreciar do respectivo contingente de esforços com que cada uma d'ellas contribuiu para esta guerra de independencia.

Assim como na resistencia ao dominio da espada franceza, os portuguezes foram mais ajudados pelos seus antigos alliados os inglezes, e o resto de Hespanha luctou mais de proprio marte e por singular esforço seu: tambem no sacudir o jugo academico estrangeiro e em proclamar a independencia da litteratura patria, os castelhanos foram poderosamente auxiliados pelos inglezes e allemães, especialmente e largamente pelos últimos: a nós ninguem nos ajudou, ninguem combateu o nosso lado, ninguem nos ministrou armas, munições, soccorro ou mais minimo.

Seja me permittido tomar aqui, n'este ponto de historia litteraria já contemporanea, a mesma liberdade de que para si usou, na historia politica, o illustre conde de Toreno. Historiador coevo, elle teve de falar de si e de seus feitos como soldado e como humem publico n'esta honrosas lides da guerra peninsular: eu forçosamente tenho de falar de meus pobres trabalhos escriptor, trabalhos quasi infantis, é verdade, mas com os quais e por cuja voz tímida e balbuciante, rompeu todavia a primeira acclamação da nossa independencia litteraria.

Desde 1825-26, que foi publicada a Dona Branca e o Camões, datam as primeiras tentativas da revolução; em 1828 com a Adozinda e o Bernal-francez se firmou o estendarte da restauração. Separado logo depois e por mais de dez annos, pelos cuidados e lidas politicas, de quasi todo o trabalho litterario, tive comtudo a satisfação de aplaudir aos muitos illustres combatentes que foram entrando na lice; vi lavrar milagrosamente o fogo santo e juntei o meu retirado clamor aos hymnos da victoria que derrotou para sempre os pretendidos classicos os zangãos academicos, os estrangeiros de todas as côres e feitios.

Antes que, excitado pelo que via e lia em Inglaterra e Allemanha, eu começasse a comprehendere n'este sentido a rehabilitação do romance nacional, já Grimm, Rodd, Bepping, Muller e outros vários tinham publicado importantes trabalhos sobre as tam preciosas quanto máo estimadas antigas collecções castelhanas: já M.me de Staël e Sismondi tinham exautado sua grande importancia litteraria. E todavia só muito depois d'isto publicou em França o sr. duque de Rivas o seu Moro exposito, que foi o primeiro signal de reacção castelhana, e emfim em 1832 o sr. Duran o seu ROMANCEIRO, que a completou.

D'aqui por deante é geral e unanime em toda a península o movimento litterario. Buscam-se os codigos antigos, comparam-se, estudam-se, reimprimem-se.

O nosso cancionero passou sempre por ser o mais rico; e é decerto o mais antigo, porque as citadas collecções de Rezende, do Collegio dos Nobres, e de D. Diniz vão até o seculo XIII e XIV. Romanceiro, torno a dizer, não o colligimos nunca; mas na tradição oral do povo, e dispersos pelos livros de vários auctores e por alguns raros manuscriptos anda uma grande riqueza que ainda se não tratou de ajuntar e apurar como ella merece e como tanto precisamos.

Sobre isto trabalho ha muitos annos, conforme já o disse no primeiro livro d'esta collecção, o qual todavia, repito, só deve considerar-se como introdução a

este que agora chamo segundo, mas que em realidade vem a ser o primeiro do ROMANCEIRO.

Não pude seguir a ordem chronologica como era tanto para desejar, na collocação d'estas antigas e preciosas reliquias; porque havidas, na maior parte, da tradição oral dos povos, tudo quanto de suas datas se possa dizer é meramente conjectural. Tam pouco não julguei dever adoptar inteiramente a classificação por assumptos do sr. Duran, que á força de systematica lhe dá em falso muita vez, e o obriga a subdivisões tam minuciosas que, por muitas demais, confundem em lugar de elucidarem.

Depois de muitas e variadas combinações que sucessivamente tentei e abandonei, resolvi por fim limitar-me a uma divisão menos severa que a do Sr. Duran, mas que me parece mais natural porque é mais simples.

Posta de parte por agora toda a idéa de Cancioneiro, não contemplei senão o que é estrictamente materia de romanceiro, e assim distribui por fim a minha collecção em cinco livros; a saber:

- Livro I. Romances da renascença, imitações, reconstruções e estudos meus sobre o antigo;
- Livro II. Romances cavalheirescos antigos de aventuras, e que ou não têm referencia á historia, ou não á têm conhecida;
- Livro III. Lendas e Prophecias;
- Livro IV. Romances historicos compostos sobre factos ou mythos da historia portugueza e de outras;
- Livro V. Romances varios, comprehendendo todos os que não são epicos ou narrativos.

Por de leve esbocei as delineações d'estas epocas, nem os perfeitos limites d'ellas, nem a exacta classificação de todos os documentos e exemplares que

ajuntei, pretendo defender com certeza, porque é impossivel tê-la em taes materias quem está de boa fé.

Tal é o methodo que segui. E taes são os principios, taes foram os sentimentos que me fizeram emprehender esta difficil tarefa, perseverar n'ella tantos annos apesar de tantas difficuldades, aborrecimentos e contrariedades sem numero.

Tenho, outra vez o digo, tenho a consciencia de fazer grande serviço ao meu paiz, e de contribuir com um contingente não desprezivel para a illustração da historia das linguas e das litteraturas da Europa.

GUERRA JUNQUEIRO

DUAS PALAVRAS

A alma de uma criança é uma gota de leite com um raio de luz.

Transformar esse lampejo numa aurora, eis o problema.

A mão brutal do pedagogo áspero, tocando nessa alma, é como se tocasse numa rosa: enodoa-a.

Para educar as crianças é necessário amá-las. As escolas devem ser o prolongamento dos berços. Por isso os grandes educadores, como Froebel, têm uma espécie de virilidade maternal.

O leite é o alimento do berço, o livro o alimento da escola. Entre ambos deverá existir analogia: pureza, fecundidade, simplicidade.

Livros simples! nada mais complexo. Não são os eruditos gelados que os escrevem; são as almas intuitivas que os adivinham.

Este livro, em parte, está nesse caso. Reuni para ele tudo que vi de mais singelo, mais gracioso e mais humano. É um ramo de flores, mas não de flores extravagantes, com coloridos insensatos e aromas venenosos e diabólicos. Para o compor não andei por estufas; andei pelos campos, pelas sebes frescas e orvalhadas, pelos trigais maduros onde riem as papoilas, pelas encostas vestidas de pâmpanos, e pelos arvoredos viçosos e fragrantes, cobertos de frutos, mosqueados de sol e estrelados de ninhos.

É um ramo de florinhas cândidas, que as mães, à noite, deixarão sem temor na cabeceira dos berços.

TEÓFILO BRAGA

CONTOS TRADICIONAIS DO POVO PORTUGUÊS

(Da 1a. edição de 1883)

No plano do nosso vasto inquerito das Tradições portuguezas, que temos realizado archivando-as em collecções impressas sob o titulo de Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez, 1867, entrava como parte integrante um outro corpo contendo o Novellario e Adagiario nacional. Nos Estudos da Edad Média (1870) inciámos pois esta ordem de investigações com os contos das Trez Cidras do Amor e Cacheirinha, embora com o defeito dos arrebiques da phase romantica; continuámos trabalhando, e já em 1871, nas Epopéas mosárabes (pag. 96) promettêmos o livro das Lendas, Tradições e Contos portuguezes do seculo XII a XIX. Em um artigo sobre a Litteratura dos Contos populares em Portugal, publicado em 1877 na Rivista di Letteratura popolare, de Roma, e na Evolução, de Coimbra (n.ºs. 10, 11 e 12), tornámos a alludir a nossa collecção: "Este breve estudo servirá de introducção a uma série de Contos que temos colligido das ilhas dos Açores, nas provincias da Estremadura e do Minho, e que publicaremos mais tarde." Fixamos estes dados para deixar bem patente que nós não atravessamos no caminho de outros collectores, e que obedecemos a um plano fundamental que, uma vez terminado, constituirá a Bibliotheca das Tradições portuguezas, base organica sobre que fomos creando a Historia da Litteratura portugueza (1871 a 1881). Por estes estudos da tradição popular preparámo-nos para a comprehensão do genio nacional e para a posse de uma disciplina de critica. A mutua relação entre as concepções anonymas e a obra individual existiu vagamente entrevista no nosso espirito, antes de chegarmos a comprehensão do seu alto valor scientifico.

Todo o nosso progresso litterario deriva d'esta comprehensão.

A demora da publicação dos Contos tradicionaes do Povo Portuguez fez se sentir como uma lacuna na ampla investigação a que pertenciam o Cancioneiro e Romanceiro (Carta do Sr. Sylvio Romero). Obedecemos ás condições da nossa livraria, e em nossa parte á difficuldade de organização dos nossos materiaes accumulados, de Contos, Casos, Historias, Exemplos, Facecias, Lendas, Patranhas, Ditos e Fabulas. Nas Canções e Romances existe a fôrma metrica e assonantada, que coadjuva a memoria do recitador e dispensa do trabalho de redacção ao collector: porém, nos Contos e Casos a área é extensissima, a fôrma e na prosa fallada, espontanea, pittoresca, descriptiva e dialogada, cujos effeitos não se podem reproduzir,

nem se devem imitar. Para conservar-lhes o caracter de documento humano, como diria Zola, é preciso ver n'estas narrativas mais do que um texto para estudo de dialectologia popular, e fugir dos retoques artisticos; esse termo médio só se poderá achar visando a fixar o estado dos themas tradicionaes. Diante de uma tal difficuldade e que fomos addiando de anno para anno a nossa publicação. Lucrámos com a demora, tomando conhecimento da importancia scientifica que adquiriu na Europa a Novellistica popular, cujos problemas tem sido tratados com a maior lucidez por Grimm, Köhler, Afanasieff, Liebrecht, Benfey, Comparetti, Gubernatis, Pitré, Ralston, Gaston Paris, Cosquin, Stanislaw Prato e outros. Resultou da demora o ampliarmos a collecção a ponto de reconhecermos a necessidade de uma classificação deduzida da propria complexidade das ficções.

Para alargarmos a colheita dos Contos oraes por todas as provincias, servimo-nos da influencia pessoal de bons amigos, entre os quais citaremos Reis Damaso, para a Novellistica do Algarve, Dr. Ernesto do Canto e o fallecido Dr. João Teixeira Soares para ilhas dos Açores em casa achámos bastantes tradições da antiga divisão provincial de Entre Douro e Minho, e do contacto com os narradores populares colhemos directamente versões importantes por onde vimos que era absurdo, senão impossivel, pretender stenographar um ditado cheio de vacillações e sem nexos que prejudicam a comprehensão dos themas tradicionaes que se vão obliterando. Sobre o estado da tradição nos Açores escrevia-nos o Dr. Teixeira Soares (Carta de 25 de novembro de 1875). "Aconteceu o outro dia passar aqui uma noite a Maria Ignacia. Chamei-a e á minha criada para junto d'esta meza de trabalho para as interrogar sobre Contos populares a que o povo chama Casos. Desculpam-se da falta de memoria juvenil para entrarem francamente n'este campo, comtudo disseram bastante para me deixarem estupefacto. Que peripécias! que maravilhoso! que poesia! Affirmaram unanimemente que seria impossivel ao investigador mais diligente formar uma collecção completa de todos os Casos sabidos do povo: -- Todos escriptos enchiam esta casa! -- disse Maria Ignacia. A lista junta mostra aquelles de que se recordaram e a que se referiram. Por ella verá o meu amigo a inexgotavel mina de Casos que aqui o espera:

"Do gado Gajão -- Da Garoupinha -- Dom José pequeno -- Maria do paosinho -- Maria Subtil - O rei que achava a quinta despedaçada -- Canarinho verde -- Rainha do verde -- Os trez homens que queriam comer sem gastar -- D. Philippe -- A Duqueza -- Rei Dom João -- Rei d'Hostia -- Filha da burra -- A arvore que falla e o passaro que canta -- O padre das mãos bonitas -- A princeza que rompia sete pares de calçado de noite -- A Branca Flor -- O filho do ladrão -- O afilhado de S. João -- O forte no meio do mez -- O preto fingido -- O monte de ouro -- San Pedro -- A vacca e o lobo -- O parvo -- O celleiro".

Os contos remetidos pelo Sr. Ernesto do Canto, foram passados á escripta por uma criança, e traziam na redacção toda a ingenuidade da dicção popular. Cortadas as repetições

usuaes, explicadas pela conhecida locução -- Quem conta um conto acrescenta um ponto -- tiramos uma redacção pura sem a incongruência do improvisador momentaneo, nem o artificio do litterato. Parece-nos este o verdadeiro meio de obter a fôrma definitiva, simultaneamente ethnica e artistica do Conto: Fazel-os redigir por crianças, verdadeiro ponto de transição entre a alma popular e a intelligência culta. Os contos passados a escripta por meninas adultas vêm eivados de divagações romanticas, taes como explicações dos actos, nomes de personagens e considerações religiosas. Assim encontrámos preciosos contos do Algarve, muitos dos quaes tivemos de regeitar da nossa collecção. O nosso excelente amigo Reis Damaso também nos descreve em uma carta o progresso da investigação novellistica no Algarve, d'onde é natural: "Esqueceu-me também marcar-lhes a proveniencia, porque não obstante as tradições que entreguei ao meu bom amigo e mestre serem escriptas por trez senhoras, ellas não são todas da mesma terra. Acabo de receber uma carta do Algarve, em que se me diz que tem havido grandes difficuldades para se obterem os Contos, porque as velhas não o querem narrar nem á mão de Deus-Padre. É preciso gastar dinheiro e tempo: paciencia, sobretudo, é que é muito precisa. Só o amor que tenho por estas coisas me força a fazer despesas extraordinárias, como uma correspondência aturada para cá e para lá, quasi todos os dias, devendo também satisfazer a algumas exigências de amigos. Um me diz, por exemplo, que teve de ir de um para outro ponto distante, gastando na diligência uns tantos réis, só para me obsequiar, e que uma velhinha de cem annos recebeu tambem uns vintensitos pelo trabalho de contar.

Na exploração que fizemos na provincia do Minho soubemos da existencia de uma patronheiro de fama, por alcunha o Cuco, quasi narrador de profissão; ouvimos-lhe muitos contos, que passamos á escripta, mas á sua dicção era sobretudo notavel pelas construcções linguisticas, fôrmas dialectaes, locuções de giria, com uma prolixidade de repetidos parallelismos e com uma incongruência verdadeiramente infantil. Temos aqui representados os trez mais puros vehiculos das tradições populares, as crianças como na ilha de San Miguel, as mulheres e velhas, como em San Jorge e no Algarve, e os homens do povo, como nos contos do Minho. O estylo prolixo dos Contos foi conhecido por Soropita no seculo XVI, e Francisco Rodrigues Lobo imitou-o habilmente em um conto da sua *Côrte na Aldeia* é esta o vicio que amesquinha o alto valor tradicional dos Contos e *Historias de proveito e exemplo* de Gonçalo Fernandes Trancoso, que pela primeira vez vulgarizamos, destacando-os dos exagerados preambulos e divagações do nosso quinhentista. Para completar a tradição portugueza nas suas ramificações coloniaes, poderíamos incorporar na nossa collecção alguns Contos brasileiros publicados pelo Sr. Sylvio Romero, e fôrmas metrincados, colligidas na Ilha da Madeira pelo Sr. Dr. Álvaro Rodrigo de Azevedo no Romanceiro d'aquelle archipelago. As fôrmas metrificadas do conto são de uma extraordinaria importancia; em muitas versões ainda se conservam fragmentos em verso, sobretudo nas partes em

que se reclamava mais atenção a primitiva, fôra em verso. Só na tradição da ilha da Madeira é que se tem encontrado com frequencia contos completos em verso, talvez de elaboração secundaria da tradição popular pela facilidade espontanea da formação da redondilha assonantada. Da ilha de S. Miguel também recebemos o Caso do tio Jorge, que é um fabliau da Edade Média, em fôrma metrificada.

Na linguagem popular existem designações para estas narrativas novellescas, como: Historias, Casos, Contos, Exemplos, Lendas, Patranhas, Ditos, Fábulas, synthetisando-se todas na locução de Contos da Carochinha, da mesma fôrma que em França ha a expressão generica de Contes de la mère Oie e Contes du Vieux Loup. Embora o povo confunda essas variadas designações, existem entre ellas differenças conforme a narrativa é maravilhosa, anedoctica ou moral; em todos os povos europeus destacam-se estas trez cathogorias como na Alemanha o Marchen, a que correspondem o Conto, Cuento, Conti ou Racconti das nações romanicas e os Tales da Inglaterra; depois o Sagen, ou a nossa Lenda, Historia, Storie, e com intuito moral o Exemplo, Exempi, Conseja; por ultimo o Schwank, a que correspondem as nossas Facecias, Patranhas, Ditos, Chistes e Contrafavole. Uma grande parte d'estas designações novellescas tomou sentidos especiaes: as Lendas tornaram-se agiologicas, os Exemplos converteram-se em sermões parabolicos, as Fabulas e Novellas tornaram-se exclusivamente litterarias, os Ditos entraram na exploração das encyclopedianas, vindo por ultimo as narrativas tradicionaes a serem designadas por uma expressão geral mas caracteristica.

Sobre esses trez typos novellescos classificamos os complicados elementos da nossa collecção, separando os Contos de evidente character mythico para um lado, as facecias para outro, e destacando os Exemplos de thema tradicional e fôrma litteraria em que houve um manifesto intuito moral. A importancia d'estes elementos da tradição popular resulta do seu estudo comparativo, por onde se vê que a humanidade elaborou em todos os pontos do globo, entre diffentes raças e diversos grãos de civilisação, um certo numero de themas phantasistas com que exprimiu as suas concepções dos phenomenos cosmicos e moraes. É incalculavel a somma de materiaes bibliographicos que existe hoje em todas as litteraturas para este processo comparativo.

A erudição sobre a Novellistica comparada está feita e ao alcance de todos; as notas opulentíssimas de Reinhold Köhler, as collecções das Novellas sicilianas de Laura Gonzemback às de Widter e Wolf, às de Blade e às de Stephanovic, prestam-se a por em caminho todos os que investigarem contos que tenham paradigmas nas referidas collecções; para o elemento oriental temos as notas ao Pantchatantra de Benfey; a traducção de algumas Novellas de Straparola, por Schmidt, acompanhada por notas, bem como as notas de Grimm e as comparações com os Contos russos por Gubernatis, não deixam ter vaidades sobre este indispensavel apparato critico. Ha monographias especiaes, como a de Gaston Paris sobre o Petit Poucet, de Comparetti

sobre o Sindabad, de Max Müller sobre a Bilha de Leite e Baarlam e Josaphat, sobre Os dois irmãos, por Lenormant; a das Trez Cidras do amor, por Stanislao Prato, bem como de Liebrecht sobre o mytho de Psyche. Hoje o difficil é não nos aproveitarmos do trabalho dos outros.

Os contos tradicionaes são immensamente sympathicos às crianças e já Platão os considerava como um excellent meio de educação. No seu tratado da Republica escrevia: "Tu não sabes que os primeiros discursos que se dizem as crianças são fabulas!... Consentiremos que ellas ouçam toda a casta de fabula forjada pelo primeiro que se aproxima? Recommendaremos às amas e às mães para só contarem aquellas que forem escolhidas e servir se d'ellas para lhes formar as almas com mais cuidado do que o que empregam em tratar-lhes dos corpos." Este emprêgo foi sempre seguido nas escolas greco-romanas, como se vê pela transmissão das Fabulas esopicas, adoptaram-no os pregadores da Edade Media nos sermões com Exemplos, e ainda Mme. De Beaumont o generalisou no fim do seculo XVIII. O intuito pedagogico desnaturou o Conto com o exclusivo fim moral; perdeu-se a intuição da belleza tradicional, da singeleza popular, e a poesia espontanea do passado achou-se substituida pela invenção pedante dos mestres. Só depois da renovação da Pedagogia como sciencia applicada da Psychologia, é que os Contos tradicionaes e os jogos infantis foram considerados como elementos de educação, aproveitando antes de tudo as primeiras curiosidades do espirito e a coordenação dos movimentos. Visámos tambem a este fim, velando a nudez de algumas narrativas, ou deixando fora da nossa collecção contos cujas situações pertubariam a ingenuidade infantil. Para pôr a mão sobre este problema pedagogico é preciso uma grande pureza de alma, sem os rancôres das mediocridades auctoritarias que pensam mais em impôr-se do que em ser uteis. Se a importancia dos Contos tradicionaes é evidente para a educação das crianças, é extraordinario o seu alcance como documento de psychologia popular. É no Conto que se conservam os vestigios das concepções da intelligencia primitiva do homem emocional, como diria Spencer, acerca dos phenomenos da natureza, personificados n'essa fôrma tão complexa, tão variavel e tão phitoresca do Mytho, esse fundo de subjectivismo d'onde saíram as Religiões, as Superstições, as Epopéas, os Contos, Proverbios, os Enigmas e as fôrmas symbolicas da Arte e o Direito. Pelo estudo comparativo dos Contos, simultaneos e communs às raças amarellas, kuschito-semitas e aricas, desde as tribus selvagens às civilisações europeas, é que se descobre a importancia d'este documento ethnico, fazendo da Novellistica um importante capitulo da Psychologia collectiva, como a conceberam Herbart e Waitz.

SILVIO ROMERO

INTRODUÇÃO

ORIGENS DE NOSSA POESIA E DE NOSSOS CONTOS POPULARES

PORTUGUESES, ÍNDIOS, AFRICANOS E MESTIÇOS

Indicar no corpo das tradições, contos, cantigas, costumes e linguagem do atual povo brasileiro, formado do concurso de três raças, que, há quatro séculos, se relacionam; indicar o que pertence a cada um dos fatores, quando muitos fenômenos já se acham baralhados, confundidos, amalgamados; quando a assimilação de uns por outros é completa aqui e incompleta ali, não é cousa insignificante, como à primeira vista pode parecer.

Começemos pela poesia.

Quais são aí os agentes criadores e quais os transformadores? O agente transformador por excelência tem sido entre nós o mestiço, que por sua vez é uma transformação: ele, porém, tem por esse lado atuado também como autor.

Os criadores são diretos e indiretos, e são as três raças distintas e o mestiço. Mas será verdade que os selvagens e os africanos possuíam uma poesia, que haja passado às nossas populações atuais? Nós o cremos; mas eis aí a grande dificuldade. Fala-se muito de uma decantada poesia dos índios dos três primeiros séculos da conquista; poucos são os fragmentos coligidos. Ainda pior é o que se tem dado com os africanos. Demais, os hinos líricos e épicos, cantados pelo povo brasileiro, são vazados nos moldes da língua portuguesa pura e estreme. Como marcar o veio negro e vermelho em canções que afetam uma só forma? As dificuldades abundam. Incontestavelmente o português é o agente mais robusto de nossa vida espiritual. Devemos-lhe as crenças religiosas, as instituições civis e políticas, a língua e o contato com a civilização européia. Na poesia popular a sua superioridade, como contribuinte, é, portanto, incontestável. Pertencem-lhe, entre nós, todos os romances cavalleirescos, como: -- D. Infanta, Noiva roubada, Bernal Francês, D. Duarte e Donzilha, D. Maria e D. Arico, e outros que se encontram em nossos Cantos Populares do Brasil, e que têm seus correspondentes nas coleções européias.

São ainda obra sua a maior parte das canções soltas em quadrinhas, que em Sergipe têm o significativo nome de versos gerais.

As relações da raça superior com as duas inferiores tiveram dois aspectos principais: a) relações meramente externas, em que os portugueses não poderiam, como civilizados, modificar sua vida intelectual que tendia a prevalecer, e só poderiam contrair um ou outro hábito, e empregar um ou outro utensílio na vida ordinária; b) relações de sangue, tendentes a modificar as três raças e a formar o mestiço.

No primeiro caso, compreende-se de pronto que a ação dos índios e dos negros sobre o europeu não era muito profunda e radical; no segundo, a transformação fisiológica produzia um tipo novo, que, se não eclipsava o europeu, ofuscava as duas raças inferiores.

Na poesia popular, portanto, depois do português, é o mestiço o principal fator. Aos selvagens e africanos, que não são autores diretos, coube aí mesmo, porém, uma ação mais ou menos eficaz.

Nos romances de vaqueiros há influxo indiano, e nos versos de reinados ou reisados, cheganças, congos, taieiras, influência africana.

Os autores diretos, repitamos, que cantavam na língua como sua, foram os portugueses e os mestiços. Quanto aos índios e negros, verdadeiros estrangeiros, e forçados ao uso de uma língua imposta, a sua ação foi indireta, ainda que real. Na formação da psicologia do mestiço, a que iam transmitindo suas tendências intelectuais com todas as suas crenças, abusões, lendas e fantasias, é que se nota o seu influxo. A ação fisiológica dos sangues negro e indígena no genuíno brasileiro explicava-lhe a força da imaginação e o ardor do sentimento. Não há aqui, pois, em rigor, vencidos e vencedores; o mestiço congregou as raças e a vitória é assim de todas três. Pela lei da adaptação elas tendem a modificar-se nele, que por sua vez, pela lei da concorrência vital, tendeu e tende ainda a integrar-se à parte, formando um tipo novo em que predominará a ação do branco. Pertencem-lhe diretamente em nossa poesia popular todas as cantigas que não encontram correspondentes nas coleções portuguesas, como todos os romances sertanejos, muitas xácaras e versos gerais de um sabor especial. Nestas criações, que chamaremos mistas, dá-se cumulativamente a ação das três raças, e ao mestiço pertencem, como próprios, o langor lascivo e os cálidos anélitos da paixão. Quase todos os versos desta espécie coligimos da boca de ariscas e faceiras mulatas.

Encontra-se ainda entre nós certa tendência de ridicularizarem-se mutuamente as diversas raças. O caboclo foi desde os tempos coloniais, o objeto de muitos motejos e lendas debicativas; era considerado o tipo da tolice e da fatuidade, a encarnação do parvo e do basbaque. O negro era, por sua vez, bem escarnecido, e o português alcunhado de maroto, galego,

marinheiro, etc. Ao mestiço deu-se o nome de cabra, bode, e outros títulos malsinantes. Este estado de luta latente ainda se nos depara no folclore brasileiro.

Passemos aos contos e lendas. Aí é direta a ação das três raças e a influência do mestiço ainda muito insignificante, a não ser como agente transformador. Temos contos de origem portuguesa (ariana), americana (pretendida turana), africana (raças inferiores) e mestiça (formação recente).

Entre os primeiros destacam-se todos aqueles contos que têm análogos nas coleções européias e especialmente portuguesas. Citaremos, como espécimes, O Bicho Manjaléu, Os três coroados, O sargento-verde, Príncipe cornudo, Maria borralheira, João e Maria, etc.

De origem indiana coligimos diversos, muito popularizados e repetidos por toda parte. Alguns deles têm seus paradigmas originais os colhidos por Couto de Magalhães e publicados no seu livro *O Selvagem*. Os que vulgarizamos agora correm entre nossas populações cristãs. São muito diversos dos de origem portuguesa, cujos originais primitivos podem ser cotejados nas coleções de Adolfo Coelho e Teófilo Braga. Os mais cotáveis são do ciclo do cágado, o jabotí dos índios, e do ciclo da raposa, a micura dos tupis. Tais são: O cágado e a fruta, O cágado e o teiú, O cágado e o jacaré, A onça e o veado, Amiga folhagem, etc. Um ou outro destes contos têm análogos em Portugal e se prendem pela mor parte ao ciclo europeu do *rénard*. É incontestável, porém, que os nossos indígenas, além dos grandes ciclos de contos do jabotí e da onça, tinham também muitos contos da raposa (micura).

Os negros também contribuíram com o seu contingente, e diversos contos de proveniência sua correm entre nós. Não são tão fantasiosos, como os portugueses, que se prendem ao vasto ciclo de mitos arianos, os mais belos da humanidade; mas têm uma certa ingenuidade digna de ser apreciada. Constituem a terceira secção da presente coletânea, de parceria com as historietas sobre temas africanos, bordadas pelos mestiços. No terreno dos contos parece-nos que não têm estes ficado inativos, e alguma cousa têm produzido sobre elementos fornecidos pelas três raças mães. Neste número estávamos quase tentados a incluir o da Mãe d'água, que nos parece, por um lado ser tupi, e por outro ariano, ou de formação posterior e mestiça sobre elementos típicos e europeus. Não podemos decidir com certeza e cortar a dúvida. Incluimo-lo na secção de origem portuguesa. O agente transformador neste terreno é principalmente o mestiço. O conto de origem indiana. A onça e o bode, é o mesmo publicado por Couto de Magalhães sob o n. XII no *Selvagem*. O nosso povo substituiu o veado pelo bode e fez outras pequenas alterações. O mesmo dá-se com diversos outros contos portugueses, indígenas ou africanos, que se encontram modificados entre nós. A questão das origens nem sempre é fácil decidir; em muitos casos ficamos verdadeiramente embaraçados.

O conto O macaco e o rabo, por exemplo, que incluímos entre os africanos, encontra-se com o título O rabo do gato nos Contos Populares do Sr. Adolfo Coelho. Supomo-lo antes da origem africana. É um grande abuso dos escritores portugueses o falarem sempre das tradições e costumes de seu povo, como se ele nunca houvesse estado em contato com outras raças nas terras das conquistas e sido influenciado por elas. É evidente, porém, que as comunicações comerciais e coloniais diretas e constantes dos portugueses com africanos, americanos e asiáticos; o fato das classes diretoras e suas colônias serem sempre compostas de indivíduos da metrópole, que para ali voltavam, levando às vezes família constituída durante o seu mandato; o fato de muitos filhos das novas terras se alistarem nas milícias e irem ter à Europa; a volta para ali de muitos negociantes ricos, já afeitos aos hábitos das novas gentes, o que ainda hoje acontece; a estada, em particular, de muitos brasileiros, especialmente estudantes, em Portugal, já não falando nos antigos escravos negros, índios e mamelucos; todos estes fatos são mais que suficientes para garantir-nos a veracidade da cousa. Pode, entretanto, bem ser que o conto de que falamos seja de origem européia, e não fazemos disto grande questão. É verdade que não se poderá prova-lo só pelo fato de ter ele um análogo em Portugal.

Também alguns contos de ciclo do jaboti e da raposa têm semelhantes nas tradições arianas e ninguém lhes contestará a origem selvagem. Sabe-se que as criações míticas seguem também uma ordem e obedecem a certas leis. O seu paralelismo explica-se pelas leis fundamentais do espírito humano, as mesmas por toda parte.

Sobre os nossos contos haveria muito que dizer no tocante a comparações com os mitos doutros países, e especialmente sob o ponto de vista da teoria cósmica ou solar. Tais estudos, porém, são por enquanto prematuros. Só depois de uma vasta coleção que abranja todas as nossas antigas províncias se poderá tentar semelhante empresa. Carlos Frederico Hartt pondera que a nossa lenda típica do jaboti que vence o veado (em Sergipe é o sapo que vence o veado) tem análogas em África e em Siam. Couto de Magalhães colheu-a e a publicou à pag. 185 do Selvagem. Nós encontramos-la também na tradição oral do norte com a modificação indicada. Não negamos o fato alegado pelo falecido professor americano; parece, no entanto, que não era mister ir tão longe para encontrar as lendas paralelas àquela.

Eis o que diz o Dr. Gustavo Dodt numa carta ao autor do Selvagem: "Queria dar duas notícias relativas às lendas tupis que publicou em sua obra. A primeira à nota do Dr. Hartt de ter-se encontrado a lenda do jaboti, que excede o veado em velocidade, não só no Brasil, mas na África e Siam. A isto devo ajuntar que a mesma fábula se acha na Alemanha, e só que os animais que nela figuram são naturalmente outros, fazendo uma espécie pequena de porco espinho o papel de jaboti e a lebre o do veado. A outra é que o desfecho da fábula entre a onça e

a raposa (pag. 237 do *Selvagem*) e que, como indica, é diferente da fábula análoga grega, se acha tal qual numa antiga fábula alemã com a única diferença que a onça é substituída por uma serpente, que por descuido foi apanhada por um laço, e a raposa substituída por um homem. O juiz é no princípio o lobo, que dá a sentença em favor da serpente, na esperança de obter uma parte na presa; o homem, porém, apela, e o juiz da segunda instância é o corvo, que, pelo mesmo motivo, confirma a sentença; finalmente, em terceira instância é o juiz a raposa, que manda repor tudo no seu estado primitivo, dando ao homem a faculdade de libertar de novo a serpente ou não."

Comparações destas poder-se-iam multiplicar, trabalho aliás inútil quanto aos contos de origem portuguesa entre nós, que se prendem ao corpo de tradições indo-germânicas, que têm sido objeto dos mais acurados estudos. Qualquer curioso, compulsando, por exemplo, a coleção alemã dos irmãos Grimm e a italiana de Comparetti e d'Ancona, irá descobrir inúmeras lendas e fábulas análogas às nossas de origem portuguesa.

As de origem indígena e africana têm aqui e ali suas congêneres. Iniciamos em tempo este trabalho, que abandonamos, por nos parecer mais enfadonho que valoroso. Dos encontros e paralelismos que então descobrimos, damos apenas aqui um caso. O mito cósmico dos nossos índios, com que explicam a separação do dia e da noite, tem bastante analogia com a lenda da Nova-Zelândia, que dá conta da separação do céu e da terra. O mito neozelandês é mais épico e formoso; em ambos, porém, procura-se explicar a distinção de dois fenômenos capitais; em ambos fala-se de esposos que estavam ou vieram a ficar separados, e trata-se de uma revolta ou desobediência. Citemo-los para estudo comparativo, segundo as lições de Couto de Magalhães e de Tylor. O mito cósmico neozelandês intitula-se os Filhos do Céu e da Terra, e é como segue:

"De Ranci (o Céu) e de Papa (a Terra) saíram todos os homens e todas as cousas. Mas o Céu e a Terra se uniram e a noite se estendeu sobre eles e sobre tudo que deles tinha saído, até que um dia seus filhos reuniram-se em conselho para saber se era preferível separar os seus pais ou mata-los. Então Tane-Mahuta, pai das florestas, disse a seus cinco grandes irmãos: "É melhor separa-los, colocar o Céu sobre nossas cabeças e a Terra sob nossos pés. Deixemos o céu tornar-se para nós estranho; mas a Terra deverá ficar perto de nós como a mãe que nos amamentou". Então Rugo-Ma-Tane se levanta e procura separar o Céu e a Terra; insiste, mas debalde; vãoos foram também os esforços de Tangaroa, pai dos peixes e dos reptis, e de Haumia-Tikitiki, pai das plantas selvagens, e de Tu-Matuenga, deus e pai dos homens intrépidos. Tane-Mahuta, deus e pai das florestas, se levanta e por sua vez, com toda a calma de sua força, luta corpo a corpo com seus pais, procurando separa-los com suas mãos e braços. Enfim, para; sua cabeça fica fortemente presa à sua mãe, a Terra; levanta os pés para repelir seu pai, o Céu, e estende o seu dorso e braços com supremo esforço. Ranci e Papa foram finalmente

separados, e fizeram ouvir gritos entrecortados de prantos e ameaças. Tane-Mahuta não para, apertada em torno de si a Terra com todas as suas forças e levanta o Céu com a mesma energia. Mas Tawir-che-Matéa, pai dos ventos e tempestades, nunca lhe tinha consentido que sua mãe fosse arrancada de seu esposo; e levantou-se então em seu seio um terrível desejo de lutar contra seus irmãos.

O deus das tempestades se levantou portanto e acompanhou seu pai para o reino superior, a fim de achar um abrigo profundo nos céus sem limites e ocultar-se aí para sempre. Acompanhou-o toda a sua linhagem; os ventos poderosos, as furiosas rajadas, as nuvens espessas, sombrias, ardentes, turbilhonando com raiva, estourando com furor. Quando se acharam todos reunidos, o pai no meio deles precipita-se sobre o inimigo, Tane-Mahuta, e suas florestas gigantescas, que estavam tranqüilas, nada desconfiando, quando de repente o formidável furacão se desencadeou sobre elas. Árvores enormes se quebraram como vidro; por todas as partes ficaram ramos e troncos despedaçados, presa futura dos vermes e dos insetos. Então, o pai das tempestades arroja-se às ondas e chicoteia as águas até que elas se levantem em vagas escumosas à altura das montanhas; Tangaroa, deus do oceano e pai de tudo que nele habita, foge atemorizado para os confins de seu Império. Seus filhos, Ikatere, pai dos peixes, e Tu-te-wehi-wehi, pai dos reptis, procuram onde abrigar-se com segurança. "Eia depressa, salvemo-nos todos no mar!" brada o pai dos peixes, "Não, não; fuja-mos antes para a terra!" grita de seu lado o pai dos reptis. Estes entes separam-se, portanto: ao passo que os peixes se refugiram no mar, os reptis procuravam um abrigo nas florestas e nos ervaçais. Mas o deus do mar, furioso porque os reptis, seus filhos, o tinham abandonado, depois fez sempre a guerra a seu irmão Tane, que os acolhera em seus bosques. Tane responde a seus ataques, fornecendo a seu irmão Tu-Matuenga, pai dos homens intrépidos, canoas, lanças e harpões de madeira de suas árvores, e cordas tecidas com as fibras de suas plantas, para destruir os peixes, filhos do deus do mar; o deus do mar, para vingar-se do deus das florestas, engole as canoas com as suas vagas, inunda as árvores e as casas, e as carrega para o oceano sem fim. O deus das tempestades volveu sua cólera contra seus irmãos, os deuses das plantas selvagens e das cultivadas; mas Papa (a Terra) as ocultou tão perfeitamente em seu seio, que o deus das tempestades as procurou em vão. Ele arrojou-se então contra o último de seus irmãos, o pai dos homens intrépidos; não o pôde porém abalar, apesar de todos os seus esforços. Que era para Tu-Matuenga a cólera de seu irmão? Não havia sido ele que pensara em destruir todos os seus parentes? Não se tinha ele mostrado valente e temerário durante a guerra? E, entretanto, tinham os seus irmãos recuado diante do ataque terrível do deus das tempestades e de seus filhos? O deus das florestas e sua família tinham sido estrangulados; o deus do mar e seus filhos se tinham refugiado nas profundezas do oceano ou escondido nos

abrigos da costa; os deuses das plantas cultivadas e selvagens tinham evitado o perigo, ocultando-se; o homem, porém, ficava de pé, impassível, apoiado em sua mãe, a Terra.

Pouco a pouco acalmaram-se os céus, a tempestade, e sua cólera dissipou-se. Tu-Matuenga, pai dos homens intrépidos, pôs-se a imaginar como poderia vingar-se de seus irmãos que o tinham abandonado, quando ele teve de resistir ao deus das tempestades. Fabricou laços com as folhas do whanaka; os pássaros e as feras, filhos de Tane, deus das florestas, caíram em seu poder; fez cordas com o linho e trouxe à praia os peixes, filhos de Tangaroa, deus do mar. Foi procurar em seu abismo subterrâneo os filhos de Rugo-ma-tane, a batata e todas as plantas cultivadas; o mesmo fez aos filhos de Haumia-Tikitiki, a raiz das ervas e todas as plantas selvagens, desenterrou-as e fe-las secar ao sol. E, todavia, vencidos seus quatro irmãos e postos ao seu serviço, não pôde triunfar do quinto; Tawir-che-Matéa, deus das tempestades, não cessa de atacá-lo, dirige contra ele os temporais e furacões e procura destruí-lo no mar e na terra. A cólera indomável do deus das tempestades contra seus irmãos teve como resultado o desaparecimento da Terra debaixo das águas. Os deuses antigos que assim submergiram a Terra, chamavam-se a Chuva terrível, a Chuva de longa duração, a Saraiva violenta, as Cerrações, o Orvalho abundante e o Orvalho tênue; só uma parte diminuta da Terra escapou à invasão das águas.

Por fim a luz resplandecente aumentou o mundo, e os seres que tinham ficado ocultos entre Ranci e Papa, antes de sua separação, se multiplicaram então sobre a Terra. Até hoje o vasto Céu ficou separado de sua esposa, a Terra; mas seu amor recíproco continua: os doces, os ardentes suspiros do terno coração da esposa elevam-se constantemente para o esposo; escapam-se das montanhas e dos vales, e os homens, em sua ingenuidade, os denominam vapores; o vasto Céu, durante as longas e tristes noites passadas longe de sua amada, chora freqüentes lágrimas sobre seu seio, lágrimas que os homens chamam gotas de orvalho".

Belíssimo episódio cósmico de um povo selvagem e quase desconhecido!...

Vejamos o mito tupi, Couto de Magalhães intitula-o — Como a noite apareceu.

Ei-lo:

"No princípio não havia noite; havia dia somente em todo tempo. A noite estava dormecida no fundo das águas. Não havia animais; todas as cousas falavam. A filha da Cobra Grande, contam, casara-se com um moço. Este moço tinha três fâmulos fieis. Um dia chamou ele os três fâmulos e lhes disse: "Ide passear, porque minha mulher não quer dormir comigo". Os fâmulos foram-se, e então ele chamou sua mulher para dormir com ele. A filha da Cobra Grande respondeu-lhe: "Ainda não é noite". O moço disse-lhe: "Não há noite, somente há dia". A moça falou: "Meu pai tem noite. Se queres dormir comigo, manda busca-la lá, pelo grande rio". O

moço chamou os três fâmulos; a moça mandou-os à casa de seu pai para trazerem um caroço de tucumã. Os fâmulos foram, chegaram em casa da Cobra Grande, esta lhes entregou um caroço de tucumã muito bem fechado, e disse-lhes: "Aqui está; levai-o. Eia! não abrais, senão todas as cousas se perderão". Os fâmulos foram-se, estavam ouvindo barulho dentro do coco de tucumã, assim: ten, ten, len...xi...era o barulho dos grilos e dos sapinhos que cantam de noite. Quando já estavam longe, um dos fâmulos disse aos seus companheiros: "Vamos ver que barulho será este". O piloto disse: "Não, do contrário nos perderemos. Vamos embora, eia, rema!" Eles foram-se e continuaram a ouvir aquele barulho dentro do coco de tucumã, e não sabiam que barulho era. Quando já estavam muito longe, ajuntaram-se no meio da canoa, acenderam fogo, derreteram o breu que fechava o coco, e o abriram. De repente tudo escureceu. O piloto então disse: "Nós estamos perdidos; e a moça, em sua casa, já sabe que nós abrimos o coco de tucumã"! Eles seguiram viagem. A moça, em sua casa, disse então a seu marido: "Eles soltaram a noite; vamos esperar a manhã".

Então todas as cousas que estavam espalhadas pelo bosque, se transformaram em animais e em pássaros. As cousas estavam espalhadas pelo rio, se transformaram em patos e em peixes. Do paneiro gerou-se a onça, o pescador e a sua canoa se transformaram em pato; de sua cabeça nasceram a cabeça e bico do pato. A filha da Cobra Grande, quando viu a estrela dalva, disse ao marido: "A madrugada vem rompendo. Vou dividir o dia da noite". Então ela enrolou um fio, e disse-lhe: "Tu serás kujubin". Assim, ela fez o kujubin, pintou a cabeça do kujubin de branco, com tabatinga, pintou-lhe as pernas de vermelho com urucu, e então disse-lhe: "Cantarás para todo sempre, quando a manhã vier raiando". Ela enrolou o fio, sacudiu cinza emriba dele e disse: "Tu serás inambu, para cantar nos diversos tempos da noite, e de madrugada".

De então para cá todos os pássaros cantaram em seus tempos, e de madrugada para alegrar o princípio do dia.

Quando os três fâmulos chegaram, o moço disse-lhes: "Não fostes fieis; abristes o caroço de tucumã, soltastes a noite e todas as cousas se perderam, e vós também que vos metamorfoseastes em macacos, andareis para todo sempre pelos galhos dos paus". A boca preta, e a risca amarela que eles têm no braço, dizem que é ainda o sinal do breu que fechava o caroço de tucumã, que escorreu sobre eles quando o derreteram".

É esta a lenda; comparem-na com a neozelandesa.

Dentre os contos indígenas alguns passaram às populações cristãs do país e outros não. Daquele transcrito não encontramos vestígios na tradição que consultamos. O mesmo deve ter acontecido a muitos contos africanos e por certo a alguns portugueses: não passaram às nossas populações atuais. Mas não é somente nas canções e contos populares que se encerra

tudo o que devemos às três raças que habitam o país. Aos portugueses devemos as dádivas principais de nossa civilização nascente; somos-lhes obrigados pelas idéias políticas e sociais que nos regem; ainda hoje sua velha legislação civil é a nossa.

A ordem religiosa, política, jurídica e social são entre nós obra européia. É inútil comentar a influência da ação combinada destas instituições sobre o desenvolvimento de um povo.

Os índios não são credores somente do influxo de seus areitos ou ieroquis e de suas lendas. O uso de muitas plantas medicinais, o emprego de muitas indústrias rudimentares de jiquis, gerérés, tapitis, urus; a manipulação de algumas substâncias comestíveis, como a carimã, a tapioca, etc., devemos aos selvagens. Muitos outros usos e costumes, e até crenças fantásticas, como a do Caipora, passaram às nossas populações atuais; é verdade, porém, que as lendas de Sumé, Jeropari e Tamandaré perderam-se, e nosso povo as ignora.

A raça africana tem tido no Brasil uma influência enorme, somente inferior à importância da portuguesa; penetrou em nossa vida íntima e por ela moldou-se em grande parte a nossa psicologia popular. É fácil compreendê-lo.

A raça africana entre nós conta-se também como raça invasora, e este fato merece atenção.

O europeu julgou-se fraco para repelir o selvagem e para o amanho das terras, e recorreu a um auxiliar poderoso: o negro d'África. ao passo que o índio, em diminuto número aliás, não excedente talvez a um milhão, tornava-se improdutivo, fugia, esfacelava-se e morria, durante mais de três séculos chegavam as levas de africanos, robustos, ágeis e domáveis, que vinham desbravar as terras, fundar as fazendas e engenhos, construir as cidades e viver no seio das famílias coloniais!

A diferença é enormíssima. só um caboclista inconsciente poderá negá-la.

O índio foi um ente que se viu desequilibrado e feneceu; o negro um aliado do branco que prosperou.

Acresce que o número de africanos transportados ao Brasil, durante mais de trezentos anos, foi muito superior à população cabocla primitiva. Computam-se aqueles em milhões e toda esta gente válida e fecunda prosperou na América. O próprio fato da escravidão serviu para ainda mais vincula-la ao branco.

As escravas, e raro era o colono que as não tinha, viviam no seio das famílias no serviço doméstico. Daí o cruzamento natural; apareciam os mestiços, e novos laços se criavam. Os negros trabalhavam nas roças, produzindo o açúcar, o café e todos estes gêneros, chamados coloniais, que a Europa consumia.

Só por estes três fatos: a escravidão, o cruzamento e conchego doméstico, e o trabalho, é fácil aquilatar a imensa influência que os africanos tiveram na formação do povo brasileiro.

A escravidão operou como fator social, modificando nossa psicologia, nossos hábitos, e nossos costumes.

Habilitou-nos por outro lado a arrotear as terras e suportar em descanso as agruras do clima. Desenvolveu-se como fator econômico, produzindo as nossas riquezas, e o negro foi assim um robusto agente civilizador.

O cruzamento modificou as relações do senhor e do escravo, trouxe mais doçura aos costumes e produziu o mestiço, que constitui a massa de nossa população e a beleza de nossa raça. Ainda hoje os mais lindos tipos de nossas mulheres são essas moças ágeis, fortes, morenas, de olhos e cabelos negros, em cujas veias, por certo, circulam, já bem diluídas, muitas gotas de sangue africano. O escravo foi todo o nosso passado, e até pouco era todo o nosso presente. "A Costa d'África civilizou o Brasil", disse um de nossos homens de Estado, e disse uma verdade. O negro influenciou-nos toda a vida íntima, e muitos de nossos costumes foram por ele transmitidos. Basta lembrar, por exemplo, que a cozinha genuinamente brasileira, a cozinha baiana, é toda africana. Muitos de nossos bailados, danças e músicas populares, uma literatura inteira de canções ardentes, tem essa origem. É pena, pois, que essa raça enérgica tenha sofrido o labéu da escravidão; fazemos um voto para que se reivindique o seu lugar em nossa história. Havia outros meios de utilizar o negro sem avilta-lo. O índio, por seu lado, foi também muito cruamente tratado e é admirável que, nestas condições, não tenhamos tido aqui guerras de raças, além dos pequenos episódios dos Emboabas, Mascates e Balaíos.

De tudo que havemos dito é fácil a conclusão. Das três raças, que constituiram a atual população brasileira, a que um rastro mais profundo deixou foi por certo a branca, segue-se a negra e depois a indígena. À medida, porém, que a ação direta das duas últimas tende a diminuir, com o internamento do selvagem e a extinção do tráfico dos negros, a influência européia tende a crescer, com a imigração e pela natural tendência de prevalecer o mais forte e o mais hábil. O mestiço é a condição desta vitória do branco, fortificando-lhe o sangue para habilitá-lo aos rigores do clima. É uma forma de transição necessária e útil que caminha para aproximar-se do tipo superior. Seja-nos permitido repetir algumas palavras em que esboçamos noutro lugar, e já vinte e seis anos, esta ordem de idéias, referidas então pela primeira vez às populações nacionais: "Aplicando os princípios de Darwin à literatura e ao povo brasileiro, é fácil perceber que a raça que há de vir a triunfar na luta pela vida neste país é a raça branca. A família selvagem e a família negra, uma espoliada pela conquista, outra embrutecida pela

escravidão, pouco, talvez bem pouco, consignarão para si. Os seus próprios recursos e esforços volver-se-ão em vantagem dos brancos. Prova-o o fato do cruzamento, em que tendem a predominar o tipo e as tendências do povo europeu, ajudado pela mescla de sangue selvagem e negro, o que mais o habilita a suportar os rigores do nosso clima. Nas repúblicas espanholas o cruzamento mais extenso foi do branco com o índio; entre nós foi do branco com o preto.

Este, depois do europeu, é o principal fator da nossa vida intelectual, política, econômica e social. Temos para com ele uma grande dívida: restabelecer na história o quinhão que lhe pertence, por si, e por seus descendentes mestiços, máxime por estes últimos. Uma cousa é para notar: desafiamos a que nos mostrem em toda a história brasileira de quatro séculos, um só tipo nacional, mais ou menos notável, que haja sido negro ou caboclo puro. Camarão e Henrique Dias, de valor mais que muito contestável, não está bem determinado que hajam sido, um negro e outro caboclo, da mais pura e estreme linhagem.

É provável que já tivessem sido o resultado do cruzamento das três raças, ainda que em diminuta escala. Todos os nossos primeiros tipos têm sangue das outras raças. É força convir, porém, que o futuro deste país pertencerá definitivamente ao branco só depois de haver este assimilado os elementos estranhos indispensáveis para o habilitarem a resistir plenamente às agruras de nossa natureza. Se houvera necessidade de aplicar ao Brasil a teoria das raças, levada ao exagero por alguns autores, como Teófilo Braga em Portugal, melhor que este país o nosso ofereceria ampla possibilidade para a empresa; porquanto não fôra preciso levantar à altura de uma raça uma simples classe da população, como fez aquele compilador com os moçárabes. Entre nós o concurso de três raças inteiramente distintas, em todo o rigor da expressão, deu-nos uma sub-raça propriamente brasileira, o mestiço. O elemento fecundador é o branco que vai assimilando o que de necessário à vida lhe podem fornecer os outros dois fatores. A história a prova; ela nos mostra a inteligência e a atividade no branco puro ou no mestiço quase branco; porém nunca no índio ou no negro estremos de mistura. Mas como o branco genuinamente puro, cousa que se vai tornando rara o país, bem pouco se distingue do europeu, é força convir que o tipo, a encarnação perfeita do genuíno brasileiro, está, por enquanto, na vasta classe de mestiços, pardos, mulatos, cabras, mamelucos, caborés, que abundam no país com a sua enorme variedade de cores. Esta grande fusão ainda não está completa, e é por isso que não temos ainda um espírito, um caráter original. Este virá com o tempo. Nós dissemos que não temos um só homem notável em nossa história de quatro séculos, que tenha sido negro ou caboclo puro. Camarão e Henrique Dias, repetimos, ainda quando ficasse provado que o foram, o que temos por duvidoso, o gênero de atividade em que se desenvolveram é daqueles que não requerem grande distinção. Os nossos mais notáveis, nas letras e na política, ou são brancos, como um José Bonifácio, um

Gonçalves de Magalhães, um Marquês de Olinda, ou mais ou menos mesclados, como um Gonçalves Dias, um Tobias Barreto, um visconde de Inhomerim... Ninguém dirá que Gonçalves Dias, por exemplo, tenha possuído mais talento e ilustração do que Gonçalves de Magalhães; mas quem contestará que ele foi mais brasileiro, isto é, tinha maior soma de qualidades que o separavam do genuíno espírito português e o aproximavam de um tipo, ainda não bem definido, que nós chamaremos no futuro o verdadeiro nacional.

A nossa tese, é que a vitória definitiva na luta pela vida e pela civilização, entre nós, pertencerá no futuro ao branco; mas que este, para esta mesma vitória, atentas as agruras do clima, tem necessidade de aproveitar-se do que de útil as outras duas raças lhe podem fornecer, máxime a preta, com que tem mais cruzado.

Pela seleção natural, todavia, depois de apoderado do auxilio de que necessita, o tipo branco irá tomando a preponderância, até mostrar-se puro e belo como no velho mundo. Será quando já estiver de todo aclimado no continente. Dois fatos contribuirão largamente para tal resultado: de um lado a extinção do tráfico africano e o desaparecimento constante dos índios, e de outro lado a imigração européia".

A raça primitiva e selvagem está condenada a um irremediável desaparecimento. Dos dois povos invasores -- o negro resistirá ainda por muito tempo; ir-se-á modificando no mestiço e ajudando, destarte, a formação do branco brasileiro, que acabará por triunfar de todo, não devendo, porém, nunca esquecer que foi ajudado pelas sofredoras e robustas raças africanas a conquistar este solo e a fundar uma nacionalidade, que pode um dia ser ainda original e forte.

A condenação à morte dos aborígenes é fato confirmado pela história de todas as invasões nos países habitados por novos selvagens, e não podemos melhor concluir estas páginas do que citando as seguintes palavras de Quatrefages sobre a Polinésia: "Ainsi, quelle qu'en soit la cause, le blanc a rendu le milieu polynésien meurtrier pour les indigènes, tandis que lui même y prospère. Le resultat de cette double action est facile à prevoir. Encore un siècle et le blanc, pur ou métis, règnera seul em Polynésie. Mais cette conquête devra lui laisser des regrets. C'est une chose grave que l'anéantissement de toute une famille humaine!"

É a sorte dos nossos amoráveis e infelizes indígenas.

JOSÉ LINS DO REGO

AOS MENINOS DO BRASIL

Ainda me lembro hoje da Velha Totônia, bem velha e bem magra, andando de engenho a engenho, contando as suas histórias de Trancoso. Não havia menino que não quisesse um bem muito grande, que não esperasse, com o coração batendo de alegria a visita da boa velhinha, de voz tão mansa e de vontade tão fraca aos pedidos dos seus ouvintes.

Todas as Velhas Totônias do Brasil se acabaram, se foram. E outras não vieram para o seu lugar. Este livro escrevi pensando nelas... Pensando na velha Totônia de Sergipe, Sílvio Romero recolheu estas mesmas histórias que eu procuro contar aos meninos do Brasil.

Quisera que todos eles me ouvissem com a ansiedade e o prazer com que eu escutava a velha Totônia do meu engenho.

Se eu tiver conseguido este milagre, não precisarei de maior alegria para a minha vida.

MONTEIRO LOBATO

HISTÓRIAS DE TIA NASTÁCIA

Pedrinho, na varanda, lia um jornal. De repente parou, e disse a Emilia, que andava rondando por ali:

_Vá perguntar a vovó o que quer dizer folclore.

_Vá? Dobre a língua. Eu só faço coisas quando me pedem por favor.

Pedrinho, que estava com preguiça de levantar-se, cedeu à exigência da ex-boneca.

_Emilinha do coração - disse ele - faça-me o maravilhoso favor de ir perguntar à vovó que coisa significa a palavra folclore, sim, tetéia?

Emilia foi e voltou com a resposta.

_Dona Benta disse que folk quer dizer gente, povo; e lore quer dizer sabedoria, ciência. Folclore são as coisas que o povo sabe por boca, de um contar para o outro, de pais a filhos - os contos, as histórias, as anedotas, as superstições, as bobagens, a sabedoria popular, etc. e tal. Por que pergunta isso, Pedrinho?

O menino calou-se. Estava pensativo, com os olhos lá longge. Depois disse:

_Uma idéia que eu tive. Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando de um para outro, ela deve saber. Estou com o plano de espremer tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela.

Emilia arregalou os olhos.

_Não está má a idéia, não, Pedrinho! Às vezes a gente tem uma coisa muito interessante em casa e nem percebe.

As negras velhas - disse Pedrinho - são sempre muito sabidas. Mamãe conta de uma que era um verdadeiro dicionário de histórias folclóricas, uma de nome Esméria, que foi escrava de meu avô. Todas as noites ela sentava-se na varanda e desfiava histórias e mais histórias. Quem sabe se tia Nastácia não é uma segunda tia Esméria?

Foi assim que nasceram as Histórias de Tia Nastácia.

CÂMARA CASCUDO

PREFÁCIO

Nenhuma ciência como o Folclore possui maior espaço de pesquisa e de aproximação humana. Ciência da psicologia coletiva, cultura do geral no Homem, da tradição e do milênio na Atualidade, do heróico no quotidiano, é uma verdadeira História Normal do Povo.

De todos os materiais de estudo, o conto popular é justamente o mais amplo e mais expressivo. É também, o menos examinado, reunido e divulgado. Para centenas de volumes de versos populares, possuímos três ou quatro coleções de contos tradicionais.

O valor do conto não é apenas emocional é delicioso, uma viagem de retorno ao país da infância. Nem social, expondo o dogma da Fraternidade Universal pelo simples emprego de seu método, como ensinava Saintyves. Constitui elemento indispensável para ciências afins. Franz Boas, antropologista, é um dos patronos da "American Folklore Society". Sem Folclore não era possível *The Mind of Primitive Man*. Marrett dedicou um volume inteiro para demonstrar as relações entre o Folclore e a Psicologia, *Psychology and Folklore* (Londres, 1920). George Laurence Gomme já o fizera quanto à História, *Folklore as an Historical Science* (Londres, 1908). De sua amplidão, já em 1891, declarava Andrew Lang: Se me perguntassem como e por que o Folclore difere da Antropologia, ficaria um pouco embaraçado para responder...

Se ele recolhe e estuda a produção anônima e coletiva (Van Gennep) é um dos altos testemunhos da atividade espiritual do Povo, em sua forma espontânea, diária e regular. Ligado, um pouco confundido com a Etnografia, o Folclore ensina a conhecer o espírito, o trabalho, a tendência, o instinto, tudo quanto de habitual existe no homem. Ao lado da literatura, do pensamento intelectual letrado, correm as águas paralelas, solitárias e poderosas, da memória e da imaginação popular.

O conto é um vértice de ângulo dessa memória e dessa imaginação. A memória conserva os traços gerais, esquematizadores, o arcabouço do edifício. A imaginação modifica, ampliando pela assimilação, enxertias ou abandonos de pormenores, certos aspectos da narrativa. O princípio e o fim das histórias são as partes mais deformadas na literatura oral.

O conto popular revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social. É um documento vivo, denunciado costumes, idéias, mentalidades, decisões e julgamentos.

Para todos nós é o primeiro leite intelectual. Os primeiros heróis, as primeiras cismas, os primeiros sonhos, os movimentos de solidariedade, amor, ódio, compaixão, vêm com as histórias fabulosas, ouvidas na infância. A mãe-preta foi a Sheherazada humilde das dez mil noites, sem prêmios e sem consagrações. Quanto lhe ouvimos contar, segue, lentamente, ao nosso lado, emergindo nas horas tranquilas e raras de alegria serena.

Dos sessenta e dois cursos dados em vinte e cinco Universidades norte-americanas sobre Folclore, cinco são dedicados exclusivamente ao conto popular, ao folk-tale.

Na Universidade da Califórnia, o Prof. Archer Taylor, na Indiana University, o Prof. Stith Thompson, na Universidade de Michigan, o Prof. Ernst A. Philippon, na Universidade do Novo México, o Prof. Artur L. Campa, e na Universidade de North Carolina, o Prof. Ralph S. Boggs, mantém programas sobre origens, desenvolvimento, confrontos, influências, classificação, dos contos populares.

Para sua classificação sistemática, após anos de análise, escreveu o Prof. Antti Aarne o "Verzeichnis der Marchentypen", publicado no n. 3 do "Folklore Fellows Communications", traduzido e ampliado pelo Prof. Stith Thompson, "The Types of the Folk-tale, a classification and bibliography", n. 74 das FF. Communications, Helsinki, Academia Scientiarum Fennica, 1928.

Esse processo classifica os motivos, os elementos típicos dos contos, indicando por letras e algarismos que correspondem às constantes de cada folk-tale. Adotei, no possível, essa classificação no presente volume.

As características do conto popular são, para mim:

- A) - ANTIGUIDADE.
- B) - ANONIMATO.
- C) - DIVULGAÇÃO.
- D) - PERSISTÊNCIA.

É preciso que o conto seja velho na memória do povo, anônimo em sua autoria, divulgado em seu conhecimento e persistente nos repertórios orais. Que seja omisso nos nomes próprios, localizações geográficas e datas fixadoras do caso no tempo.

De sua antiguidade, atestam detalhes de ambiente, armas, frases, hábitos desaparecidos. Raro é o conto que menciona armas de fogo. Falam sempre de carruagem, espada, transportes a cavalo, reclusão feminina, autoridade paterna, absolutismo real.

Os contos aludem ao cabelo solto das donzelas, às crianças enjeitadas que o achador envolvia na capa, ao rei triste que só vestia branco, a co-habitação prévia, antes da cerimônia nupcial. Foram "usus", regras da vida diária, legalizados em sua ancianidade histórica.

As mulheres casadas não podiam usar o cabelo solto. A cabeleira livre era privativa das donzelas. Falando da esposa, informa Oliveira Martins: "Não traria mais os cabelos soltos, como as donzelas; esses cabelos que são o símbolo da liberdade. Entrançava-os, prendia-os, envolvia-os numa touca, ou numa rede. Pela cabeça se conhecia o estado: a virgem vai in capillo, a esposa cum touca: assim o dizem os nossos forais".

Envolver numa capa era uma das fórmulas expressas da adoção... "basta cobrir o filho adotivo com as dobras da capa, per stolae fluentis sinus, ou sous le drap, ou pardessus le mantiel, como diz Beaumanoir".

O rei triste vestia branco, porque o branco era o luto até fins do século XVI. Ainda na morte do rei D. João I de Portugal, o cronista Rui de Pina informa que "el-rei tomou doo de preto e os ifantes tomaram burel, segundo sempre até aqui se costumou". O doo era de preto e o burel era branco. Nas exéquias do rei D. Fernando em Toledo, a rainha ia "vestida dalmafega preta... Os portugueses que cõ ella ãdauam leuarão burel branco vestido", Fernão Lopes, Crônica de D. João I.

Da co-habitação prévia, ensina Oliveira Martins ser freqüente entre os kocchs, segundo Latham. Na Irlanda e na Holanda, entre o ajuste e as núpcias, o noivo visitava de noite a noiva, entrando no próprio leito em que ela estava, porém vestida. Na Alemanha a visita noturna, dizia-se Kilpen. Consigliere Pedroso leu, no VII Congresso de Antropologia, reunido em Lisboa em setembro de 1880, uma comunicação sobre "Algumas formas de casamento popular em Portugal" onde se argumentava: "Por outro lado, na insistência com que as Constituições dos bispados portugueses proibem a co-habitação dos nubentes antes do matrimônio, um fato singular que a observação dos costumes lhe explicou como o resto de uma poliandria primitiva. Disse constar-lhe que ainda no lugar da Madalena os noivos co-habitam hoje antes do casamento; e entre os saloios dos arredores de Lisboa encontrou costumes singulares".

O Prof. Aurélio M. Espinosa, da Stanford University, na Califórnia, E.E.U.U., resumindo, na introdução do seu "Cuentos Populares Españoles" (Stanford, 1923, 1924, 1926), o trabalho dos folcloristas modernos disse: "Estos investigadores estudian los cuentos populares primeramente como cuentos, comparándolos con los de todas partes del mundo, buscando su origen y tratando de descubrir su verdadera genealogia y evolucion a través de la historia de los pueblos, y no dejan de estudiar en cuanto les es posible las ideas, costumbres primitivas y cultura de los pueblos primitivos y modernos de donde los cuentos proceden. Un tema tradicional se estudia a través de la literatura escrita y oral, se tiene siempre en cuenta la historia verdadera de los pueblos y el contacto de unos con otros, se estudian todas las versiones que se pueden reunir en un cuento o de una tradición, se examina su parentesco, se estudia en fin a base del estado de cultura del pueblo de su procedencia y se determina su origen, su historia y su difusión. Los últimos resultados de estos estudios pueden servir no sólo para completar las investigaciones de los cuentos populares como cuentos propriamente dichos sino que también para buscar materiales útiles para las ciencias afines, en particular para la antropología, la psicología, la religión y la historia", vol. 1, pag. 11-12.

Esses estudos, entre nós, dispersam-se entre o "amadorismo" e a industrialização literária dos temas folclóricos. João Ribeiro, em 1919, escrevia, serenamente: "Investigar as origens e a formação das histórias populares, acompanhá-las em suas migrações aonde elas vão como domésticos na companhia das gentes e dos povos, não é ainda uma preocupação que mereça estímulos. Tudo, entre nós, que não é dinheiro, é tolice e inutilidade. Bem o sei". O Folk-lore XXXVI, pág. 254, Rio de Janeiro, 1919.

A reação amanhece, lentamente. Um dia, interessará...

Sobre a origem dos contos não ousei adiantar palavra. Nem sua interpretação. Caberá a um volume especial quando, reunidos em maior número, abrangendo variantes, possa o material constituir uma área mais ampla para confronto e dedução.

Sobre o Folclore Negro no Brasil, se é determinante ou simplesmente convergente, dando coloração, trazendo figuras e soluções, tenho opinião igual ao velho Heli Chatelain: African folk-lore is not a tree by itself, but a branch of one universal tree, no "Folk-Tales of Angola", pag. 20.

Dar o título de "tradicionais" pareceu lógico, porque esses cem contos estão vivos, trazidos, de geração em geração, na oralidade popular. Alguns, retirados de coleções impressas, com as precisas indicações bibliográficas, pertencem fielmente à mesma estirpe. Na colheita das histórias, fixei, não o local do nascimento do narrador, mas a cidade em que maior número de anos residiu, onde passou sua infância, aonde ouviu e registrou na memória os contos que transmitiu. A linguagem dos narradores foi respeitada noventa por cento. Nenhum vocábulo foi substituído. Apenas não julguei indispensável grafar muiê, prinspo, prinspa, timive, terrive. Conservei a coloração do vocábulo individual, as imagens, perifrases, intercorrências. Impossível será a idéia do movimento, o timbre, a representação personalizadora das figuras evocadas, instintivamente feita pelo narrador. Os colaboradores tinham os níveis culturais mais diversos. Foram desde a senhora ao ginasiano, da cozinheira à ama analfabeta, da velha mãe de criação ao jardineiro efêmero, com as idades de doze a setenta anos, Fernando-Luís e Manuel Galdino Pessoa.

Volto a lembrar que nunca encontrei nos sertões do Nordeste brasileiro um vaqueiro falando como falam os vaqueiros nos livros de "costumes regionais". Há, evidentemente, uma espécie de gíria sertaneja tão ilustre quanto a carioca. Não seria útil empregá-la aqui pelo simples fato de não a ter ouvido pelos contadores das minhas histórias. Os contos narrados por meu pai, mãe, tia, foram todos ouvidos no alto-sertão do Paraíba e do Rio Grande do Norte.

Não conheço história privativa de uma região. Naturalmente haverá maioria de sereia nos contos das praias. Mas as sereias encantam nas histórias do sertão e nelas passam os peixes encantados e a serpente que dorme num palácio no fundo do mar.

A proporção entre os elementos indígenas, africanos e brancos no Folclore brasileiro, é 1.3.5. Contos indígenas e africanos justapõem-se de maneira indecifrável. Ciclo do Jabuti, Ciclo da Micura ou da Raposa, nos indígenas brasileiros e nos negros Bantus e do Sudão, idênticas. Vezes dispensamos argumentar que o português está na África, residindo, casando, brigando, morrendo, nascendo, comendo, contando histórias, desde quinhentos anos. A irradiação é contínua, infiltrando-se no Folclore

negro. Tanto o Curupira ameríndio fareja o sangue real, mira pichê, pichê como o Makishi, rosnava, sentindo o estrangeiro: -- M'o'nzo inii ualenge-mu...

Franceses, portugueses, espanhóis, ingleses, hindus repetem o indígena tupi e o negro angolês: aqui me cheira a sangue real! O nosso andou-andou-andou, está nas porandubas amazônicas: uatá-uatá-uatá. Nos misoso que Chatelain, ouviu em Luanda vinha o uende-uende, walked-walked, andou-andou, como os meus amigos sertanejos, usavam, descrevendo os longos dias de caminhada. Emigrando, os contos tomam, devagar, outros hábitos. A moral da anansi, a aranha cúpida, violenta, vitoriosa pela astúcia bestial, modifica-se, às polegadas, na Jamaica, em Surinã. No Brasil, a estupidez da onça corresponde à ferocidade bruta do leopardo africano. Nas nossas histórias, como nos films de séire, o bandido malvado acaba perdendo no último ato. Perde a onça, Perde o Diabo. O Bem sempre vence. A morte também.

Não cito as escolas, meteorológica, filológica, antropológica, histórica, ritualista, a infalível eclética, afora uma dúzia de cisões e cismas eruditas. Ainda não me foi concedida a sabedoria para aproximar-me dessas discussões substanciais. Um dia, querendo Deus, irei também discutir se o jabuti representa o Sol, a força criadora da Vontade, um urmythus ou simplesmente um Jabuti.

O mais antigo conto que se conhece é a história dos "Dois Irmãos". Encontrou-a na Itália Mrs. D'Orbiney, em 1852, escrita num papiro que o visconde de Rougé examinou e proclamou sua antiguidade veneranda. Todos os egiptólogos estão de acordo. É uma história escrita pelo escriba Anana para o príncipe Seti Merneftá, filho do faraó RamsésMiamum, há três mil e duzentos anos! É uma história para criança, um "conto popular", reunindo os elementos sugestivos dos enredos miraculosos, acreditados na época. Brugsch julga o escriba Anana contemporâneo de Moisés. Anepu e Batau, irmãos, moram juntos. Anepu é casado e sua mulher tenta Batau que lhe resiste. A mulher de Anepu acusa o cunhado de violência. Anepu prepara-se para matar o irmão. Este, avisado pelas bezerras do curral, foge. Anepu persegue-o mas o Deus Armachis, invocado por Batau, fez aparecer um rio entre os dois irmãos. Quando amanheceu o dia, Batau, o mais novo, disse ao mais velho que ia para a floresta dos cedros e deixaria sua alma numa flor, lá em cima da árvore. Se o cedro fosse derrubado e a flor caísse, ele morreria. Ensinou o processo de ressuscitá-lo. E separaram-se. Anepu matou a mulher e ficou vivendo sozinho, com seus bois e seu campo. O Deus solar Armachis falou ao

deus Chnum e este deu uma linda mulher a Batau, para que não continuasse solitário na floresta dos cedros. Um cacho de cabelo da mulher de Batau caiu no mar e foi perfumando as águas até o rio onde lavavam as roupas do faraó. O faraó, informado do estranho perfume, descobriu o cacho de cabelo e mandou procurar a dona. Depois de muita luta, veio a mulher de Batau para o faraó e contou como seu marido morreria. Cortaram o cedro, a flor caiu e Batau morreu. O irmão, sabendo, veio e procurou a flor da alma de Batau até que a encontrou. Colocou o corpo de Batau numa esteira e a flor num vaso com água de cevada. Depois deu essa água para boca do irmão que se ergueu, vivo. Batau transformou-se no novilho-sagrado, propriedade de Anepu. O faraó comprou o novilho-sagrado por muito ouro e o colocou num santuário. Quando a nova mulher do faraó foi visitar o novilho, este falou, exprobrando-lhe o procedimento. A mulher pediu ao faraó para comer o fígado do novilho-sagrado e o faraó matou o touro e a mulher comeu o fígado. No momento do sacrifício, duas gotas de sangue do novilho-sagrado caíram e duas árvores nasceram. Quando a mulher veio repousar na sombra dessas árvores, elas falaram censurando sua conduta. A mulher pediu que o faraó cortasse as árvores para fazer tábuas. Uma lasca feriu a mulher na boca. Ela ficou grávida e nasceu um príncipe. O faraó morreu e o príncipe subiu ao trono. Era Batau. Mandou julgar a mulher e puniu-a. O irmão, Anepu, foi feito Vice-Rei e substituiu-o no governo do Egito. E o papiro assim finda. "Foi composto pelo escriba Anana, possuidor deste rolo. Que o Deus Tót livre da destruição todas as obras contidas neste rolo".

Anterior à literatura clássica, ao documento de história, às atividades metafísicas, existe nessa história para crianças a metempsicose, a onipotência do Rei, imaginação comentando tradições locais, registo real do espírito egípcio, na plenitude de verdade psicológica.

Os elementos do conto dos "Dois Irmãos", escrito há trinta e dois séculos, estão vivendo nas histórias tradicionais do Brasil. Neste volume o conto 22 mostra um Gigante com a alma exterior guardada num ovo como a de Batau estava na flor do cedro. Os contos 30 e 43 tratam de um boi de estimação que é abatido para que a mulher coma o fígado do animal. O processo feminino para obter a morte do novilho é o mesmo. Nem mesmo com 3.200 anos, a víscera apetecida mudou para a vontade da concubina. Por quê? Porque o fígado era a origem do sangue e o sangue era a alma. Há vinte séculos Galeno oficializou a doutrina e o povo continua fiel ao mestre, dizendo sangue-novo, calor-de-sangue, para as dermatoses, e os hansenianos comem fígado de criança porque a lepra é doença do sangue e não doença da pele. Fígado novo é sangue

novo e sangue novo acaba a doença velha. Assim nasceu a tradição do "Papa-Figo", o apavorador velho que carrega os meninos num saco para vender o figado aos ricos morféticos.

Paul Sébillot mostra que a mulher é melhor contadeira de histórias que o homem. Guarda em maior quantidade porque lhe cumpre o agasalho dos filhos e a tarefa de adormecê-los, entretendo-os com o maravilhoso. Os irmãos Grimm fizeram sua coleção admirável ouvindo as velhas, as "tias" da tradição oral portuguesa, as bás e mães-pretas do Brasil. Tive mulheres e homens como narradores excelentes. Dom Apolinar Barber foi o colaborador máximo de Juan Alfonso Carrizo, o mestre do "Cancionero Popular de Tucuman" (Buenos Aires, 1937, dois tomos), como o inesquecido J. Leite de Vasconcelos honrou a Tia Miquelina de Golães, auxiliar preciosa para sua "Etnografia Portuguesa" (Lisboa, 1937, dois tomos). Miss Mary Frère ouviu vinte e quatro histórias da mesa velha hindu, e o seu "Old Deccan Days" é um dos melhores livros da literatura oral da Índia.

O título "CONTOS TRADICIONAIS" tem sido preferido pelos folcloristas de Portugal e Brasil. Contos Tradicionais do Povo Português, de Teófilo Braga em 1883, Contos Populares Portugueses, de Adolfo Coelho em 1879 e de Consiglieri Pedroso em 1910. A nona publicação da "Folk Lore Society", de Londres, em 1882, publicara uma coleção de contos populares portugueses de Consiglieri Pedroso, "Portuguese Folk-Tales, collected by Professor Z. Consiglieri Pedroso, trans. by Miss H. Monteiro, with an Introduction by W. R. S. Ralston". Silvio Romero divulgou a primeira coleção de "Contos Populares do Brasil", Lisboa, 1885 e Rio de Janeiro, 1897, contendo 88 histórias. Foi ainda o título escolhido pelo Prof. Lindolfo Gomes "Contos Populares da tradição oral no Estado de Minas", e João da Silva Campos, "Contos e Fábulas Populares da Bahia". Na Espanha, as grandes coleções de Fernan Caballero, Rodriguez Marin, Aurelio M. Espinosa, têm o nome de "Cuentos, etc." Assim os franceses, italianos, belgas, russos, etc.

Dividi os cem contos em doze secções. Se o problema da classificação foi resolvido pelo método Aarne-Thompson, tanto mais lógico quanto for abrangendo, pelo conhecimento bibliográfico, o Folclore centro, sul-americano e insular, o mesmo não ocorre com a divisão. Antti Aarne escreveu: -- "For each editor has arranged his

collection to his own judgment, with in only a few instance has been guided by a deeper knowledge of the subject. Minha divisão atende aos "motivos", no critério de uma tentativa de sistematização.

Contos de encantamento -- Correspondem ao Tales of magic, Tales of supernatural, o Cuentos, Conti, Racconti, Fairy Play, Marchen, o mi-soso dos negros de Angola, skarki dos russos.

Contos de Exemplo -- Ordinary Folk-tales, o velho "Exemplo", Exempla, Stories, Fireside stories, Consejas, dos espanhóis, empregado igualmente no Folclore Iberoamericano, "Un grupo de Consejas Chilenas", de Rodolfo Lenz, Santiago de Chile 1912.

Contos de Animais -- Fábulas, na acepção clássica, Animal Tales.

Facécias -- Jokes and Anecdotes, Patranha, schwank, Contrafavole.

Contos Religiosos -- Religious Tales, contos de intervenção divina. Os africanos de Angola denominam ji-sabu.

Contos Etiológicos -- João Ribeiro, "O FOLK-LORE", p. 20 -- "A expressão conto etiológico é técnica entre os folcloristas; quer dizer que o conto foi sugerido e inventado para explicar e dar a razão de ser um aspecto, propriedade, caráter de qualquer ente natural. Assim há contos para explicar o pescoço longo da girafa, o porquê da cauda dos macacos etc. " É, na espécie, clássico o livro de O. Dahnhardt, "CONTOS POPULARES DA HISTÓRIA NATURAL" (Naturges chichtliche Volksmarchen). Um livro póstumo do Prof. Robert Lehmann Nitsche, estudou os motivos etiológicos da mitologia sul-americana, "Studien zur Sudamerikanischen Mythologie die Atiologischen Motive", Hamburgo, 1939.

Demônio Logrado -- Todos os contos ou disputas em versos em que o Demônio intervém, perde a aposta e é derrotado. Parece necessário estabelecer o CICLO, isto é, a reunião de contos e lendas derredor de um motivo único, o Demônio Logrado.

Contos de Adivinhação -- Riddles Tales, Ratselmarchen, Ji ningonongo de Angola. A vitória do herói depende da solução de uma adivinhação, charada, enigma, tradução de gestos, decifração da origem de certos objetos. Mt-812 de Aarne-Thompson, The Devil's Riddle. A Princesa casará com quem decifre um enigma proposto por ela. "A princess is offered marriage to the youth who can propose a riddle which she cannot solve." H 341. 1. de Stith Thompson.

Natureza Denunciante -- O ato criminoso é revelado pela denúncia de ramos, pedras, ossos, flores, frutas, aves, animais. Virged in chains. Contos em que os episódios são sucessivamente íbicos. Mt 780 de Aarne-Thompson, the Sining Bones; XVI de Silvio Romero; 27 de Teófilo Braga. La Flor de Lilitá, del Olivar, Liriolay, La Flauto.

Contos Acumulativos -- Cumulative Tales, Formula Tales, arranged in chains. Contos em que os episódios são sucessivamente articulados. Fases temáticas consecutivamente encadeadas. A neve que prendeu o pé da formiga. Mt 2031 de Aarne Thompson, The Frost-bitten Foot. Ketten-Marchen. Incluo nesta secção os Contos sem-fim e os Trava-Língua. Endless Tales Unfinished Tales, Cuentos-de-nunca-acabar.

Ciclo da Morte -- Nos contos em que aparece o diabo este perde infalivelmente. A Morte, ao contrário, vence. Debalde o homem procura enganar, utilizando todos os recursos da inteligência, o pagamento fatal de dívida. Como esses contos têm assunto típico, inconfundível, seria lógico o Ciclo.

Tradição -- Chamo "Tradição", nos contos populares, o que, não constituindo história nem lenda, mantém persistente citação nas narrativas tradicionais. O Japim (Cassicus cela, Linn) imita todos os pássaros exceto o Tamurupará (Monassa nigrifrons). Onde há ninho de Japim (o Xexéu nordestino) há uma formiga chamada tapiucaba. São tradições.

Os motivos dos contos tradicionais são cinco, oito, dez mil, para todo o Mundo. As centenas de milhares que conhecemos e sabemos existir são combinações indefinidas desses motivos essenciais, ambientes, pormenores típicos, situações

psicológicas. Os contos variam infinitivamente mas os fios são os mesmos. A ciência vai dispondo-os diferentemente. E são incontáveis e com a ilusão da originalidade.

O conto tanto mais tradicional, conhecido e querido numa região, mais universal nos seus elementos constitutivos. Um tema restritamente local não se divulga nem interessa.

Esta coleção não possui os contos-sem-fim, os trava-línguas nem as anedotas tradicionais, expressões veneráveis e superiores de antiguidade e predileção coletiva. A Anedota, espécie de pintura mural, irresponsável e maravilhosa de acuidade satírica, voz anônima do povo, é uma obra-prima que se desinteressa do copyright. Sua função social, eliminando recalques e realizando análise serena, é um índice tão claro da mentalidade de um Povo como os melhores padrões nos testes. São assuntos que aguardam os benefícios de um estudo tranqüilo e fiel.

Heli Chatelain, informa que os negros em Luanda terminavam os contos com fórmulas especiais ou rituais, como, talqualmente fazemos. Minhas Senhoras e meus Senhores, bem ou mal, terminei minha pequena história.

Aqui findo quanto pude reunir na tradição oral, nos contos velhos que encantaram as gerações brasileiras. Possa essa coleção animar o estudo do Folclore, numa unidade de trabalho, tenacidade e alegria cordial.

E como encontraram,
Tal qual encontrei;
Assim me contaram,
Assim vos contei!...

JOSÉ GOMES FERREIRA

PREFÁCIO

O prefaciador desta larga colectânea de contos tradicionais portugueses declara solenemente, e de forma inequívoca, que não tem a honra de ser, nem de se considerar folclorista, etnólogo, mitólogo, mitógrafo, antropólogo, arqueólogo ou seguidor de qualquer ciência ou teoria que, de longe ou de perto, intente investigar, organizar, sistematizar ou explicar estas peças de tal autenticidade que, ao perderem quase por completo o carácter oral que as diferenciava, conseguiram vencer, por milagre, as inibições e os estorvos da mudança e manterem-se puras no falseamento da arte escrita.

Outrossim, insiste que, na sua qualidade de literato de vocação e de profissão (que em Portugal e se reduz a um amadorismo com intervalos remunerados), nunca se abalançou a extrair destas narrativas outro prazer salvo o do puro gozo artístico de ouvir, ler e contar histórias, onde contudo sempre entreviu, como que cristalizadas, as paixões e as experiências essenciais de esqueletos, transmitidas por milhares e milhares de bocas, ajeitadas por biliões e biliões de lábios -- histórias cada vez mais depuradas, mais belas e mais presas ao que se imagina de eterno e de verdadeiro no sangue e nos impulsos do Homem.

A publicidade destas limitações bastaria porventura para o eximir de tocar nas raízes do problema. E que problema! E que raízes! Tão entrelaçadas e confusas que ninguém até hoje logrou discernir-lhes um sentido de aceitação possível.

Em vão os teorizadores se intitulam indianistas, arabistas, alegóricos, simbólicos, ritualistas, pré-lógicos, adeptos da Elementargedanke, pesquisadores dos cultos agrários ou pertencentes à escola animista! Debalde acumulam sistemas e sub-sistemas! Por mais afinados, se acertam neste alvo, falham naquele. É fatal. (Fatalidade a que os mais espertos se furtam, recorrendo ao fétido ecletismo salvador). Fatal e talvez inútil.

Mas que importa? A verdade é que numa edição que se propõe reunir, pela primeira vez, a grande massa destas obras de lavra popular, escolhidas embora dum ponto de vista estético que, anote-se de passagem, algo se afasta do conceito e da beleza literária corrente -- antolha-se-me impossível deixar de mitigar a legítima curiosidade dos leitores, ansiosos pelo menos de tomar conhecimento do enunciado do problema e das dificuldades que lhe são adstritas. Dificuldades que me esforcei por explicar a seguir, com clareza sucinta, nos seus três aspectos capitais:

- A. -- Origens.
- B. -- Transmissão.
- C. -- Significado.

A. -- Origens -- Em virtude da natureza falada do gênero e, portanto, da lógica carência de documentos que só aparecem em estádios já adiantados das civilizações (por norma, aproveitamentos cultos como os de Boccacio, Timoneda e os do nosso Trancoso), sobre as origens desta arte de narradores de escol plebeu pouco mais existem do que conjecturas alicerçadas em palpites ou referências indiretas, sem grande peso probativo.

Para este ou aquele conto, ou ciclo de contos, não será talvez difícil a fixação da fonte, ou melhor: das fontes, pois julgo posta de parte (se é que houve algum dia esa pretensão a sério) a idéia da Madre Universal Única, colocada por uns no Oriente longínquo, a entornar para o Ocidente o maná inexaurível dos mitos e da imaginação, por outros na VIa. Dinastia do Antigo Egipto e até a Atlântida, folhetinesca e fabulosa.

A pluralidade de fontes, reconhecida pelo senso comum e pelos sábios, leva porém o caso a tais complexidades e labirintos de emaranhamento que o leitor vulgar, quando se embrenha nessa teia de inferno, acaba por parar aterrado, sem se atrever a mexer um pé, com a imensidão dos séculos amarrada aos tornozelos. Qualquer historieta, por mais insignificante, evoca logo cadeias de mil elos anteriores, com ramificações que se estendem do Patchatandra dos Hindus às lendas dos Zulus.

E o mais extraordinário é que dessa cópia de erudição paciente, por certo necessária e honrosa, apenas se tira uma ilação que causa o pasmo dos leigos em que me incluo sem desdouro: em todos os povos do mundo, de todas as latitudes, cores, cultos e raças, os contos são na sua maioria iguais ou, pelo menos, idênticos.

Este facto no primeiro momento estonteia por insólito até os próprios sequazes da lei, tão conhecida, de que a estados similares de desenvolvimento técnico e econômico correspondem resultados culturais equivalentes.

No entanto, se em teoria se admite sem relutância que condições semelhantes gerem temas congêneres, já repugna acreditar, por coincidência demasiada, que as personagens concebidas nestas circunstâncias possuam inevitavelmente o mesmo recorte, nomes como que decalcados uns dos outros -- e os episódios se encadeiam num ritmo de sequência paralela.

Para quem desde menino se habituou a escutar como sua A Gata Borralheira, custa a perceber como a sandália egípcia de Rodopis -- largada por uma águia em cima do Faraó que nunca mais dormiu enquanto não casou com a dona do chapim -- se transmudou no sapatinho de cristal, de cetim ou de ouro da Cendrillon, da Cinderella, da Gata Borralheira, da Cenicienta, da Staéputa grega ou da Askunken sueca.

E já agora, esta pergunta de algibeira: como é que certas aventuras mágicas, tão portuguesas de estrutura, podem ao mesmo tempo parecer, a outros, tão francesas, tão americanas, tão russas, tão chinesas ou tão britânicas?

A resposta -- cuido eu -- não enleia ninguém, pois esse universalismo revela apenas a persistência, através duma cristalização rudimentar, mas eficaz, de qualquer coisa de primordial, de terrível, de irrefreado e de comum à totalidade dos homens, cujas verdadeiras origens se somem talvez no fundo das eras (reparem bem na precaução deste "talvez") para além da memória histórica.

Eis a razão porque contarellos bárbaros, à primeira vista desconexos e pueris, resistiram à queda de impérios e deuses e sobrenadaram, incólumes, no refúgio das classes acoimadas de baixas, mais propícias a essa manutenção, por menos sujeitas à crosta pedante da pseudo cultura que tanto desumaniza, por exemplo, a pequena burguesia...

...Nessas camadas e nas crianças, "ponto de transição entre a alma popular e a inteligência culta", como as definiu Teófilo que, por isso mesmo, as preferia para registrar os longos monólogos sobre as Marias Sabidas e os Príncipes das Palmas Verdes, papagueados pelos velhotes e velhotas às lareiras portuguesas.

Mas nada de exageros. Nem todos os contos provêm dos confins da invenção dos mitos, da magia, etc., que os homens lêem como quem se despe nas praias, diante do mar e das estrelas, para matar saudades do princípio do mundo.

"Ao lado do motif, tema medular do conto tradicional -- ensina o notável folclorista brasileiro Luis da Câmara Cascudo -- colaboram os trazidos, modificações, transformações, desviações, ao sabor do espírito do narrador, da paisagem social onde ele se desenvolve ou do "tempo" psicológico, responsável pela sua impulsão."

Não olvidemos, principalmente, para além da identidade dos núcleos centrais, essa polpa movediça, vária, pitoresca, faceciosa que exprime, por assim dizer, a face nacional do homem, susceptível -- essa sim! -- pela sua modernidade, de colocação e de perspectiva no espaço e no tempo. E de nenhuma maneira secundária, entenda-se, não obstante o acento demasiado local de alguns quadros. Pelo contrário: em certos aspectos não vacilo até em lhe conferir valor primacial. Primeiro, porque constitui o elemento mais importante para a distinção dos contos de país para país (o estilo, a cor, a personalidade, em suma); segundo, porque reflete, com a infalível deformação atinente às artes e aos espelhos, a vida social da pobre gente do suor, no dia-a-dia árduo em que sempre labutou e continua a labutar, arteira, pedinchona, sofredora, ardilosa, a abrir com bruxedos brechas de ilusão no opaco do tédio diário, a inventar mentiras do tamanho de padre-nossos para encher a barriga, tu-cá-tu-lá com os reis, a quem as infantas catam piolhos com dedos de seda, e, acima de tudo, ardente daquela coragem viril que não esconde mazelas e olha bem de frente os defeitos próprios, sem alardes de virtudes hipócritas que só fascinam os demagogos.

Auto-retrato vivo como mais nenhum se conhece do povo verdadeiro, desenhado com raiva, troça velhaca de aldeão, onzenices, desconfiança, maridos enganados, mulheres preguiçosas, anseios, proezas, ódio ao trabalho sem sentido, religiosidade, irreverência e não sabemos que maravilhosa liberdade de espírito que se obstina em cantar e rir, mesmo debaixo do esmagamento torvo de mil superstições, olharapos, lobisomens, fradinhos de mãos furadas, Pedros de Malas Artes, trasgos, medos -- e as jans algarvias que fiam de noite lençóis de linho em troca de bolos deixados no borralho.

Aduza-se ainda que neste anedotário se encontra o que de mais original se produziu na Novelistica portuguesa, se bem que nestes assuntos seja de alta prudência desconfiar de originalidade completa, dada a maneira enigmática como as histórias se esgueiram de terra para terra, de língua para língua, através do buraco da fechadura das fronteiras, com subtilezas de cobras escorregadiças.

A trapalhada habitual! Nesta ocorrência, porém, de possível averiguação esclarecedora, quando exercida, conto por conto, ciclo por ciclo, sem generalizações elásticas ou utopias absurdas de sistemas de compreensão total.

É um estudo apaixonante que abarca um vasto domínio de buscas e rebuscas, desde a reintegração de velhos mitos, ocultos por mitos mais recentes, até o esgravatar esmiuçador de desvios, mutações, variantes (a mãe que manda matar a filha torna-se, pouco a pouco, madrasta e depois tia...), justaposições, desenredos, metamorfoses, etc. Numa palavra: toda uma tarefa para eruditos -- e bem meritória.

B. -- Transmissão. -- "Descriminar o que é de criação própria de cada povo, o que se pode explicar por identidade de produção, do que veio de fora; determinar por que canais se operou a transmissão quando a houve, o ponto de partida dela, os elementos primitivos da coisa transmitida, até que ponto reagiram o gênio, as condições sociais de cada povo sobre o produto estranho; que leis dominam a produção, a transmissão, a apropriação e alteração dos contos populares -- eis o objecto dum novo e importante ramo de estudos, a que se deu o nome de mitografia..." assim nos elucida Adolfo Coelho no seu prefácio (ou prefação como ele escreveu) aos Contos Populares Portugueses.

Expostas muito pela rama as dificuldades do problema da criação, um dos principais objectivos dessa ciência (a Novelística actual) instituída no século XIX por alturas do aparecimento em 1812 da célebre colecção dos irmãos Grimm, Kinder -- und Hausmärchen., duas palavras, agora, a respeito da transmissão dos contos e o seu aceiteamento ou fusão com criações antecedentes. (Regra a seguir: os homens só atacam e absorvem o que poderiam criar.)

Ao primeiro relance, essa questão, no que respeita ao rectângulo português, afigura-se-nos de fácil destrinça, pelo menos nas suas linhas principais. Aqui prosperam colónias gregas, fenícias e cartaginesas.... Aqui se instalaram numerosos invasores (e entre eles os árabes, não nos esqueçamos).

Nada de espantar, portanto, que, a par do idioma, monumentos, costumes, códices, etc. -- os colonizadores nos legassem também fábulas e portentos. (Hipóteses e mais hipóteses!).

Mais tarde, fundado o reino, para o qual chegaram ainda, de longes terras, estrangeiros para o povoar, partiram da orla marítima da "pequena casa lusitana"

navegadores e viajantes que se espalharam pelos mares do mundo até à Índia, à China e ao Japão...

Não será lícito presumir que, daquele manancial da Índia, já há tanto captado em livros e atirado pelo budismo para os quatro ventos do planeta, importássemos também, juntamente com as especiarias, lendas e parábolas?

É natural, e até lógico, posto que se trate duma suposição sem provas, impossíveis de obter nestas transfusões por contacto verbal.

A incidência por via literária começou na Península, no século XIII, com *Kalila e Dimna*, adaptação castelhana da tradução judaica ou árabe do *Patchatandra*, mandada executar por Afonso, o Sábio; e entre nós, no século XV, com o *Livro do Conde Lucanor* de Dom João Manuel, catalogado na livreria de Dom Duarte.

Mas a maioria dos investigadores recusa-se a dar crédito excessivo à difusão por esse meio numa típica civilização oral, com poucos letrados e, ainda por cima, em período de escassas obras manuscritas.

Mesmo após o invento da Imprensa, todos os testemunhos conduzem à conclusão de que o propalar de boca em boca precede, por via de regra, a divulgação pelo livro.

Assim, se depreende, por exemplo, da análise histórica de *A Gata Borralheira* que, a crer nos eruditos, penetrou em Portugal por canal francês e se popularizou graças à versão literária de Perrault, impressa, como se sabe, na segunda metade do século XVII.

Pois bem: Teófilo Braga desencantou na comédia "Ulissipo" de Jorge Ferreira de Vasconcelos, de 1616, uma alusão à *Gata Borralheira*.

Isto é: a *Cendrillon* amoldara-se sub-repticiamente à nossa índole muitos anos antes da vulgarização dos contos de fadas da Condessa d'Aulnoy e de Perrault.

Como? Sabe-se lá como! O eterno mistério do rastilho a arder, inseparável da palavra-não-escrita que, ainda hoje, como aconteceu em certos momentos de repressão, durante a Segunda Guerra Mundial, propaga, com velocidade inacreditável, anedotas, ditos e boatos.

Tudo indica, portanto, que na nossa pátria o conto não dimanou em linha recta de focos literários, pelo menos recentes, consoante o demonstrou com argúcia Adolfo Coelho na abertura do seu já citado volume de 1879 (o primeiro do género saído

na nossa língua), cuja argumentação Consiglieri Pedroso alargou à Novelística portuguesa geral, desta maneira:

- "1o. -- Todos os contos portugueses provêm directa ou indirectamente da boca popular, quase todos foram aprendidos na infância pelas pessoas que os escreveram ou narraram, e em geral, como essas pessoas o afirmaram, de outras de bastante idade.
- 2o. -- Nos antigos escritores portugueses, nos adágios, nos prolóquios da língua há alusões a esses contos, ou a do mesmo gênero.
- 3o. -- Alguns escritores portugueses apresentam versões literárias desses contos.
- 4o. -- A comprovação demonstra que nesses contos há particularidades antigas, que faltam ou se acham alteradas nas versões literárias estrangeiras, que modernamente entre nós podiam ser conhecidas.
- 5o. -- Muitos desses contos não se acham em versões estrangeiras traduzidas ou conhecidas em Portugal."

Por outro lado, "o conto registrado num livro não implica a sua divulgação popular", como nos garante Cascudo, ao cabo duma lucidíssima exposição donde ressalta a pouca importância do Prelo na génese dos contos nacionais.

E acrescenta: "contos popularíssimos, não figuram nos livros e vice-versa, episódios vastamente queridos pelos letrados (Grisélis, por exemplo) não puderam ganhar a eleição colectiva". E finaliza, mais adiante, com este passo em que se enxerga o brilho pleno do bom-senso da verdade:

"Creio que a comunicação se daria pela oralidade nas viagens, as histórias gravando lembranças de casos ouvidos, e o fundo comum intenso, imenso, infixo, do tabuleiro racial português. Inútil negar a participação dos livros sagrados, sermonários, apologéticas, hagiolários, "exemplos", lidos e explicados nas horas santas das Missas, Novenários e Semanas de Paixão. Essa influência se processou verbalmente, transmitida pela memória dos ouvintes aos de casa, multiplicada pela adição de recordações de outros factos idênticos".

Sim. Tudo nos persuade que foi assim, com mais este, menos aquele fio de pormenor desenrodilhado, que se transmitiu, criou e, sobretudo, recriou, depois de consecutivas mortes e ressurreições, o admirável conto português, onde se concentra a herança da riqueza psicológica de gerações e gerações do mundo e a experiência camponesa da arraia-miúda que lá fixou para sempre heroísmos e deformidades, vícios e seduções, honras e opróbrios...

C. — Significado. — Até à monumental obra dos irmãos Grimm, no alvorecer do século XIX, os contos populares interessavam apenas, e ainda assim só para os lapsos da fantasia, os moralizadores. Ninguém lhes aventava outro significado senão o de "exemplo proveitoso" e mesmo esse com a condição de polido por um Boccacio, um Bandello, um Timoneda e, entre nós, por um Trancoso.

"O intuito pedagógico desnaturou o conto com o exclusivo fim moral; perdeu-se a intuição da beleza tradicional, da singeleza popular, e a poesia espontânea do passado achou-se substituída pela invenção pedante dos mestres" — ponderava Teófilo com atino.

Mas os irmãos Grimm vieram revolucionar o problema, fundamentá-lo noutras bases. Os antigos pretextos para parlendas edificantes surgiram nos livros com a nudez primitiva, tal como a gatinha do campo os narrava ou como se supunha que os narrasse.

(Pois, aqui e ali, com o excesso próprio de todas as reviravoltas e o mau gosto da época, abusou-se do falso popular e das corruptelas cómicas que a pequena-burguesia bem-falante atribuiu, com ares superiores, aos campônios e aos operários para os deprimir: home, astreve-se, etc., etc.).

Havia lustros sem fim que milhões e milhões de seres humanos saciavam a sede de poesia autêntica naquela água de bocas anónimas, e só agora se assistia ao espectáculo inusitado de sábios, professores, filólogos, pessoas das mais elevada respeitabilidade social e científica, em suma, curvarem-se sôfregas sobre o que anteriormente reputavam ridículas insignificâncias para ouvidos rústicos — a despeito do temor de escárnio público que se infere das cautelas explicativas dos prefácios.

"Estamos certos de que muita gente, séria e grave na própria opinião, pasmará de que haja quem gaste o seu tempo em tais coisas..." asseverava Adolfo Coelho em 1879. E ainda em 1920, Alfredo Apell, na introdução dos Contos Populares Russos, pelo sim, pelo não, ia-se sangrando em saúde: "se desde os irmãos Grimm, alguns sábios

de vários países não tivessem chamado a atenção para o valor da tradição popular no estudo da evolução do espírito humano, expor-nos-íamos porventura ao risco de sermos troçados por muita gente que encolheria os ombros e lamentaria que perdêssemos tempo com semelhantes bagatelas". Por sua vez, Consiglieri Pedroso assacava esse menosprezo aos narradores que "nem suspeitavam sequer que alguém pudesse seriamente interessar-se por tão fúteis bagatelas".

Mas quem ousaria agora não encarar a sério aquelas estranhas minas de conteúdo riquíssimo, e até então insuspeitado, donde se desprendia outra concepção de beleza, tão diferente da estrutura formal clássica?

De súbito, explorar, compreender, decifrar aquelas singulares narrações, algumas ao mesmo tempo sinistras e cândidas, converteu-se na obsessão no. 1 dos estudiosos que formularam logo várias hipóteses interpretativas.

Para a primeira, devida ao filólogo Jacob Grimm, fundador da chamada Escola Mitológica, que atingiu o apogeu com a doutrinação de Max Muller, os episódios e as personagens dos contos, ou melhor de certos contos do substrato comum europeu, não passavam de resíduos míticos da literatura alegórica e religiosa dos povos arianos e representações em carne e osso dos fenómenos naturais: a Luz, a Treva, as Quatro Estações, a Chuva, as Nuvens, etc. e, acima de tudo, o infatigável Mito Solar que se aplicava a torto e a direito como panaceia solucionadora das complicações mais enredadas. (Os homens sempre gostaram desta chave que abrem qualquer mistério, com exactidão automática e sem grandes esforços de perícia).

Mas o prestígio da Escola Mitológica durou pouco. Não tardaram a suceder-lhe outras (a histórica, a antropológica, etc.) ao sabor do desenrolar das idades e das modas: o poligenismo, o ritualismo, o animismo, o totemismo, o simbolismo, o alegorismo, o freudismo, etc., adoptadas com fervor e abandonadas a seguir com desconsolo.

O erro, constante e repisado, consistia na teima de procurar uma explicação uniforme, quando cada teoria iluminava apenas uma parte limitada da realidade, e o processo da formação dos contos, por camadas, adições, cortes, enxertos, etc. repelia por absurdas todas as doutrinas com esse pendor.

Qualquer conto prestava-se a conter sem escândalo interpretações diversas e sucessivas.

Vejamos, por exemplo, As Três Cidras do Amor -- a que Cascudo chama "secular e querida história portuguesa espalhada pelo Mundo".

Personagens: o príncipe, a princesa empoleirada numa árvore ao pé da fonte (ou do poço, ou do rio) e a escrava negra a contemplar a imagem da donzela na água e a morder-se toda com ciúmes daquele rosto tão harmonioso de linhas inocentes. O que a induz, sorridente de impostura vingativa, a suplicar à menina que desça do ramo para a pentear ou catar. (Oh! o delicioso costume, tão português e antigo, de nos catarmos uns aos outros!). A princesa acede, desata os cabelos loiros, e a negra, assim como quem não quer a coisa, espeta-lhe à socapa um alfinete na cabeça e transfigura-a em pomba. Depois, trepa para a árvore e lá se aninha em substituição da jovem encantada.

Passados instantes, chega o príncipe.

-- Que é da menina que ficou aqui? -- pergunta.

-- Sou eu -- proclama a preta. -- O sol crestou-me.

O príncipe, mau grado a inverossimilhança da situação, mesmo entre prodígios e feitiçarias, hesita, desconfia -- mas que remédio senão resignar-se! Sem embargo, por pouco tempo. Pois, mercê da intervenção do jardineiro real e de várias peripécias mágicas, tudo se esclarece com rapidez. A bruxa negra é desmascarada, a pombinha volta à configuração de rapariga e o príncipe interroga a donzela sobre o castigo a infligir à escrava.

E a ex-pomba, com feições límpidas e olhos de pureza branda, responde com esta bondade de enternecer as pedras (segundo o texto coligido por Teófilo):

-- "Quero que se faça da sua pele um tambor, para tocar quando eu for à rua, e dos seus ossos uma escada para quando eu for ao jardim".

(Na versão, ouvida por mim em criança e quase análoga às duas ou três de Consiglieri Pedroso, a princesa desejava utilizar a escada dos ossos da preta noutro serviço mais íntimo: subir para o leito e ali dormir santamente o soninho sem estremeções das consciências tranquilas).

E o conto conclui assim, optimista:

"Se ela assim o disse, o rei melhor o fez, e foram muito felizes toda a sua vida".

Os elementos de magia em *As Três Cidras do Amor* parecem-me tão nítidos e dominantes que não vale a pena apontá-los nem discutir as razões óbvias que convenceram Cascudo a inseri-lo nos Contos de Encantamento.

Mas a verdade é que os Mitólogos também lá lobrigaram o combate entre a Luz e a Treva (a Princesa e a Negra) e a respectiva vitória do Mito Solar. De tal forma

que ainda hoje ninguém estranha que Teófilo arrumasse conscienciosamente As Três Cidras do Amor nos Contos Míticos do Sol, da Aurora e da Noite.

Muitas outras interpretações caberiam no famoso conto, mas permitam-me que cite apenas mais uma, a "sociológica", que no fundo se resume à verificação de que o tal combate entre a Aurora e a Noite se destina afinal a disfarçar a realidade tremenda do ódio de raças e a luta lenta e quotidiana entre senhores e escravos. Luta em que até as próprias virgens doces, com uma sinceridade sem peias nem mordanças, não temiam planear, com liberdade aberta, o esfolamento dos escravos para fabricarem tambores de pele negra que anunciassem, triunfais, a sua descida à rua.

Ao fim de contas, talvez esta sinceridade nua e instintiva, autêntica força da natureza numa espontaneidade agreste, cruel e poética, constitua a característica mais original e profunda destes contos repetidos durante séculos de pais para filhos e de avós para netos, sem qualquer preocupação exclusiva de apresentá-los como paradigmas morais. Conforme já observei, a Moralidade, sistemática e deliberada, só adveio quando os literatos e os hipócritas se apoderaram dessa matéria maravilhosa, hoje definitivamente desvirtuada pelo Livro e pelo Cinema com adoçamentos comerciais e veniagens de filmes de desenhos animados em série -- aliás condizentes com as alterações que o problema sofreu nas últimas décadas e cuja exposição breve servirá de remate ao meu trabalho, com mais dois ou três comentários imprescindíveis ao entendimento justo desta Obra.

Os progressos científicos e técnicos que originaram a expansão da Imprensa e o invento do Cinema, da Rádio, etc.; o incremento dos meios de comunicação e de transporte que estreitaram as nações e o globo; o cultivo dos desportos para desenvolver determinadas paixões e suprir outras; a conquista pelo povo da ilusão de certos direitos e regalias; a mudança do ambiente do agregado familiar que já não se baseia no poder indiscutível dos pais; a destruição da Noite com a Luz Eléctrica e os Espectáculos; em resumo; as condições da vida moderna, resultantes das duas revoluções industriais, se não anularam por inteiro os contos no tocante à sua função ancestral de recrear o vulgo e satisfazer-lhe a fome de sonho, restringiram-lhe todavia muito esse papel.

As leituras aos serões, a que se referia Bernardim Ribeiro na Menina e Moça, e as histórias perto do lume, recitadas em vários sítios por contadeiras profissionais, cederam lugar às sessões de Cinema Ambulante, improvisadas nas adegas

das Aldeias mais recônditas, e à Rádio pública das tabernas que divulgam, sem pejo das genuínas canções nossas, horripilantes musicatas de sol-e-dó de revista. (O progresso técnico não determina mecânicamente a melhoria do gosto e da cultura, ao contrário do que apregoam ainda alguns ingénuos).

Excepto em certas regiões bárbaras e inacessíveis, as celebradas noites em torno do fogo, com evocações de lances fantásticos de gigantes e patranhas de aventureiros astutos, diluíram-se no pandemónio do Planeta Modificado. O conto despojou-se do cunho oral preponderante, como afirmei no começo desta nota introdutória, e transformou-se em arte escrita, dum estilo especial que forceja o tom narrativo simples e pitoresco da classe onde se incrustou e proliferou.

Ocioso será sublinhar o perigo de quem se lança nessa empresa. À força de buscar a naturalidade e a translação rigorosa do que ouve, arrisca-se a cair no convencional e no artificialismo. Pois nunca a fidelidade -- virtude aplaudida dos etnólogos -- bastou para engendrar obras de arte.

E aqui chego eu ao ponto mais enliçado da teia que tanto embaraçou os passos iniciais desta publicação.

Que critério deveríamos estabelecer, eu e o meu colaborador, para a publicação destes contos? Recontá-los (ou melhor: reescrevê-los) à nossa maneira -- direito que ninguém nos poderia contestar visto lidarmos com um património colectivo? Ou transcrevê-los tal-qual se nos deparavam nas recolhas existentes?

Confesso que nos sentimos tentados a optar o primeiro método -- de atração irresistível para quem traz nas veias o ofício de escrevinhador. Desistimos por receio de nos abismarmos noutra artificialismo ainda pior: o do Exercício Literário, forjado a frio, com cálculos de efeitos e estratégias para simular o cheiro a povo a valer.

Assentámos portanto no emprego do material directamente recolhido pelos sábios e especialistas (Adolfo Coelho, Teófilo Braga, Consiglieri Pedroso, etc.) que, no esfacelar do século XIX, salvaram in extremis uma das maiores preciosidades nacionais.

Mas logo sobreveio outra dificuldade.

Durante o apuro antológico, chocaram-nos aqui e ali repetições estéries, ambiguidades fáceis de remediar, populismos fora de moda, maneirismos de interesse precário...

Que fazer? Emendá-los? Cortar uma frase aqui, um termo acolá? Moldá-los às nossas preferências, quiçá ilegítimas?

E quem nos perdoaria esse arrojo? Quem consentiria, sem reparos nem fúria, que tocássemos em documentos de indiscutível proveniência popular como os publicados por Adolfo Coelho com os respectivos nomes dos narradores? (A sra. Ana Alves Leite, pequena proprietária de Ourilhe, a sra. Luísa, lavadeira de Oliveira do Douro, etc., etc.). Assumiríamos a responsabilidade de corrigir, o que Consiglieri Pedroso, por exemplo, se negara a fazer nos seus Contos Populares Portugueses, como alega no intróito?: "respeitando com todo o escrúpulo a espontaneidade popular, não nos julgámos autorizados a retocar, sob o pretexto de uma falsa compreensão artística, a linguagem dos narradores".

Depois de pesarmos bem o assunto, decidimo-nos pela única atitude razoável: respeitar os textos -- alguns consagrados de longa data nos compêndios escolares -- e aproveitá-los na íntegra.

Quanto à divisão dos contos, valeu-nos, como de costume, o instinto literário que -- ó bom-senso todo poderoso! -- nos inspirou uma classificação alheia a veleidades de esmiuçamentos técnicos, mas afinal coincidente "grosso modo" com a da maioria dos etnólogos nacionais, pouco mais ou menos deste feitio: fálaceas, fábulas, "exemplos" e histórias de fadas e artes mágicas. A que, por nossa banda, juntámos ainda, na pegada de Teófilo, uma secção destinada a coleccionar as glosas cultas dos temas populares, desde o velho Trancoso aos escritores modernos.

E pronto. Basta de explicações que já sobejam.

É tempo, e mais que tempo, de conceder a palavra ao bom, e triste, e alegre povo português para o ouvirmos rir, encolerizar-se, gemer, pedir esmola, sonhar, morrer de fome, zombar nestas invenções pícaras e prodigiosas a que -- acreditem! -- possivelmente pela primeira vez na história dos contos da Carochinha, ninguém acrescentou (ou tirou) um ponto.

ANEXO II

Tabela de Levantamento de Substantivos
Almeida Garrett

Substantivos	freq	Substantivos	freq	Substantivos	freq
aberrações	1	auctoridade	2	casa	1
aborrecimentos	1	Augusto	1	casta	1
abril	1	authenticidade	1	castelhano	5
academia/s	2	aventuras	1	Castella	4
acção/ões	2	aves	1	Catalunha	1
accusação	2	avós	1	causa	1
adoração	2	Bandarra	1	cavallaria	4
Adozinda	1	barbaridade	1	centralização	1
affectos	1	barbarismo	1	centro	1
affeição	1	barbaros	1	céo	1
affindo	1	barbas	1	certeza	2
agrado	1	bardos	2	chão	1
alahude	1	barreira	1	chronologia	1
alegria/s	3	base/s	2	cidadãos	1
Alemanha	3	batalha	1	civilidade	1
Alfredo	1	belleza	4	civilização	9
algaravia	2	benção	1	clamor	1
alinhamento	1	Bepping	1	classe/s	2
aliados	1	Bernal-francez	1	classificação	3
alma	2	Bernardim Ribeiro	1	claustrós	1
Almeida Garrett	1	Bocage	2	codigo/s	2
alunos	1	Boileau	2	coincidencia	1
amante/s	2	bosques	1	coisa / cousa/s	9
amontoados	1	braço	1	collecção/ões	6
amor	4	Byron	1	Collegio dos Nobres	3
anarchia/s	4	cabedal	1	combatentes	1
anathema	1	cadeias	1	combinações	1
animo/s	1	cajado	1	comêço	1
anjo	1	calamidade	1	communal/is	2
antiquário/s	1	Calderon	1	composição/ões	2
arabes	1	caminho	2	concepções	1
Aragão	1	Camões	5	concurso	1
Arcadia	4	campo/s	4	conde	3
Ariosto	1	canção/ões	8	Condestavel	2
armas	2	Cancioneiro	8	condição	1
Arnaldo de Merveil	1	Cancioneiro de Rezende	4	conquista	1
arte	3	cantar/es	2	Conrado de Kirckberg	1
ascendencia	2	cantores	1	consciência/s	2
associações	1	caprichos	1	consenso	1
assumptos	2	captivoiro	1	consequencia	2
atmosfera	1	caracter	4	contendas	1
atenção	1	caracteristicas	1	contentamento	1
auctor/es	2	Carlos Magno	1	contingente	2
auctoridade	2	carta	1	contrahentes	1

Tabela de Levantamento de Substantivos
Almeida Garrett

Substantivos	freq	Substantivos	freq	Substantivos	freq
contrariedades	1	desgraças	1	espada	1
côr/es	3	designação	1	especie	1
coração	3	desigualdades	1	espectador	1
corda/s	3	despotismo/s	2	esperança/s	2
coréas	1	destino/s	2	espírito	1
corrupção	1	Deus/ses	2	espiritualismo	1
côrte/s	5	dia/s	3	estação	1
Côrtes d'Amor	1	difficuldade/s	2	estado	1
cortezãos	1	Diniz/D. Diniz/Dom Diniz	5	estandarte	2
cortezia	1	disciplina	1	estante/s	1
costumes	2	discipulos	1	estrellas	1
Covent Garden	1	disputas	1	estudo/s	3
crença/s	4	dissertação/ões	1	estylo	3
crise	1	distancia	1	Europa	9
críticos	1	distinção/ões	2	exacção	2
Cucujães	1	divindade	2	exame/s	2
cuidados	3	divisão	1	exemplares	6
culto	1	documento/s	8	exemplo/s	3
cultura	1	domínio	2	existencia	1
curia	1	Dona Branca	1	expediente	1
curiosidade	1	doutrinas	1	expressão	3
Custodio	1	Drurylane	1	expulsão	1
D. Affonso III	1	Dryden	1	extractos	1
D. Affonso V	1	duque de Rivas	1	F. Schlegel	2
D. Duarte	1	duração	1	fabrica	1
D. Filippa	1	Edade-média	2	fábula/s	3
D. Henrique	1	idade/s	7	facecias	1
D. João I	1	edição	1	fadiga/s	2
D. João II	2	elementos	5	falta	3
D. João III	1	empenho	2	familia	2
D. Pedro I	1	emulação	1	fastio	2
D. Sebastião	1	encantos	1	fé	3
damas	1	enfado	1	feições	1
Dante	1	engenho/s	1	felicidade	1
data/s	3	entendimento	3	Ferreira	1
decrepitude	1	entusiasmo	1	fervor	1
decurso	1	entretenimento	1	fezes	1
dedos	1	epoca/s	17	fidelidade	1
defeza	1	equivocos	1	fileira/s	1
deformidades	1	erros	2	filhas/filho	2
delicias	1	escola/s	9	fim/ns	8
deligencia	1	escrava	1	fio	1
Delille	1	escriptor/es	4	fito	1
delineações	1	escrupulos	1	flor/flôr/es	4
desafogos	1	esforço/s	2	florescencia	1

Tabela de Levantamento de Substantivos
Almeida Garrett

Substantivos	freq	Substantivos	freq	Substantivos	freq
fogo	2	guerreiros	1	juglares	2
fontes	1	Guinguené	1	jugo	2
foraes	1	harmonias	1	juizo	1
força/s	5	harpas	1	justiça	3
fôrma	1	Hespanha/s	7	juventude	1
forma/s	9	historia	5	Lacio	1
formalidade/s	2	historia litteraria	3	lança	1
formuladores	1	historiador	1	latim	2
fortuna	1	homem/ns	3	Laura	1
frade	1	honra	1	legendas	2
fragmento	1	hora	1	lei/s	6
França	2	Horacio	4	leitores	1
Francisco Manuel	2	hymnos	1	lendas	3
Francisco R. Lobo	1	idéa/s	2	liberdade/s	4
frescura	1	idioma	1	lice	1
fructos	2	idolatria	1	lições	1
gabinetes	1	ilustração	1	lidas	1
Gaia	1	imaginação	1	lides	1
galanteio	2	imitação/ões	6	limites	2
galanteria	1	imitadores	1	lingua/s	21
Galliza	1	imperadores	2	linguagem	1
Garção	1	imperio	1	Lisboa	1
Garcia	1	importancia	3	litteratura/s	16
genero/s	7	impressão	1	livro/s	12
genio	5	impulso	1	logar/es	3
gente	4	incendio	2	Lorvão	1
gentileza	1	independencia	4	louvores	1
geração	2	infallibilidade	1	luctas	1
Gil Vicente	1	infancia	1	Luiz XIV	1
gloria	2	influencia	5	Lusíadas	1
Goethe	2	inimigos	1	Luthero	1
gongorismo	1	insipidez	1	luz	2
goso	1	inspiraões	1	lyra	2
gosto	5	instincto	2	M.Raynouard/Raynouard	4
gracejos	1	instituição/ões	3	Madrid	1
gralha	1	instrumento	2	maio	5
grammatica	1	interesse	1	mal/s	2
Gran'Bretanha	1	introdução	2	malha	1
Granada	1	intuito	1	manancial	1
Grecia	1	invasões	1	Mançanares	1
gregos	2	inventores	1	mancha	1
Grimm	1	irmãs	1	maneiras	1
grinalda	1	Islandia	1	manhãs	1
grito/s	2	Italia	4	manuscritos	1
guerra	3	Jasons	1	mão	1

Tabela de Levantamento de Substantivos
Almeida Garrett

Substantivos	freq	Substantivos	freq	Substantivos	freq
maravilhas	1	nação/ões	4	partido/s	2
maravilhoso	1	nacionalidade/s	2	passo	2
marcha	1	nascença	2	pastor	1
Marquez de Santilhana	1	natureza	2	patriotismo	1
marthe	1	necessidade/s	2	pavão	1
massas	1	negações	1	paz	2
matagaes	1	neto/s	2	peito	1
materia/s	2	nexo	1	pendão	1
matrimonio	1	nobres	3	peninsula	2
Mecenas	1	nobreza	1	pennas	1
Medeas	1	noites	1	pensamento	3
medo	2	nome/s	4	perda	1
meio/s	2	norte	5	perfeição	1
melodia	2	novidade	1	periodo/s	3
memoria	1	numero	2	Petrarcha	4
menestreis	1	objecto	3	phases	1
meninice	1	obra/s	3	Phenix	1
merito	1	obrigação/ões	1	philologos	2
mestre	1	observação/ões	3	phrase/s	2
methodo	2	observador	1	pinturas	1
metrificação	1	offício/s	1	planetas	1
mez	1	oiro	1	plebe	1
milagres	1	olhos	5	poder	2
Millot	3	Oliveiros	1	poderosos/o/a	3
minnesinger/s	4	opinião nacional	1	poema/s	4
mistura	1	opinião pública	2	poesia/s	40
Mme. de Staël	1	ordem	4	poeta/s	10
mocidade	1	organização	1	politica	1
moda	1	Oriente	2	Pons Barba	1
modelo/s	2	ornatos	1	ponto/s	4
modo/s	8	Ourique	1	popularidade	2
moiros	1	ousadia	1	Portugal	4
monarchia	2	paciencia	1	posição	1
monges	1	pacto	1	posse	1
monotonia	1	paganismo	1	possibilidade	1
monumentos	1	paginas	1	povo/s	17
moral	1	paixão/ões	3	prados	1
Moro exposito	1	paiz/es	2	prazeres	1
motejos	1	paladins	1	preceitos	1
mulher/es	5	palavra/s	5	predecessor	1
Muller	1	Palmétrim	1	predominação	1
multidão	1	papel	1	predominio	1
munido	6	parentes	1	preferencia	1
munções	1	Paris	1	pretensões	1
mythos	1	parte	7	primavera	2

Tabela de Levantamento de Substantivos
Almeida Garrett

Substantivos	freq	Substantivos	freq	Substantivos	freq
príncipes	1	restauração	2	sinceridade	1
princípio	6	restaurador	1	Sirventes	2
prioridade	1	resto/s	4	Sismondi	3
progenie	1	resultado/s	2	soberano	1
progresso	2	revolução/ões	6	socorro	1
promessas	1	Rezende	1	sociedade	10
prophécias	4	rimance	1	sol	1
prosa	3	rimas	2	solãos	1
protecção	2	riqueza/s	2	soldado	1
protestantismo	1	risco	1	solemnidade	1
prova	1	Rodd	1	sombra/s	2
provençal/es	5	Roldans	1	sonhos	1
Providencia	1	Roma	1	sons	1
público	1	romance/s	24	sorte	2
Pythagoras	1	Romanceiro	5	sr. Duran	3
qualidades	1	Romantismo	2	subdivisões	1
quartel	1	romão	1	sudario	1
raça	1	rosa	1	sul da França	1
Racine	1	rouxinol	1	superstição/ões	2
raciocínios	1	rudeza	1	supremacia	1
rainha	1	Sá de Miranda	2	surrão	1
ramo	1	sabedores	1	symbolo	1
rapazes	1	sábio/s	2	sympathias	1
reacção	6	sabor	3	talento/s	3
realidade	2	sanctuario	1	tarefa	1
reconstruções	1	satellites	1	tavola-redonda	1
recordação/ões	2	satisfação	1	tedio	1
referencia	1	Schiller	2	tempo/s	17
reflexão/ões	3	sciencia	3	tendências	1
reforma	1	século/s	13	tentativas	2
regeneração	1	selvagens	1	ternura	1
regimen	1	senão/ões	2	terra	3
regiões	1	senda	1	terreno	1
regra/s	4	senhores	1	testemunhas	1
rehabilitação	1	senhorio	1	textos	1
rei	3	sensaborias	1	Theodorico	1
rei Arthur	1	senso	1	thesouro/s	2
reinado/s	6	sentimento/s	9	tom/ ns	6
religião	3	serão	1	Toreno	1
reliquias/reliquias	1	serviço	3	trabalhadores	1
reminiscencia	1	servidão	1	trabalho/s	11
renascença	2	seves	1	tradição oral	5
rendimentos	1	sexo	2	tradição/ões	7
resistencia	2	Shakspeare	2	tradução/ões	5
respeito/s	3	signal	2	transformação	1

Tabela de Levantamento de Substantivos
Almeida Garrett

Substantivos	freq
transição/ões	2
trevas	1
tribus	1
trilho	1
triunpho	2
Troia	1
trovador/es	13
trovas	1
tutella	1
typo/s	2
unidade	1
uniformidade	3
uso	1
usurpação/ões	3
vagar	1
vaidade	2
valia	1
valor	1
variedade/s	2
Vaticano	1
velha d'aldeia	1
verdade	6
verso/s	5
vestigios	2
vez/es	11
vicios	1
victoria/s	5
vida	3
Virgilio	2
virtudes	1
vizinhos	3
volume/s	3
vontade	1
vulgo	1
Walter Scott	1
xácaras	1
zangãos	1
zêlo	1

Substantivos de Maior Frequência
Almeida Garrett

palavras	freq
poesia/s	40
romance/s	24
lingua/s	21
epoca/s	17
povo/s	17
tempo/s	17
litteratura/s	16
século/s	13
trovador/es	13
livro/s	12
trabalho/s	11
vez/es	11
poeta/s	10
sociedade	10
civilização	9
coisa /cousa/s	9
escola/s	9
Europa	9
forma/s	9
sentimento/s	9
canção/ões	8
Cancioneiro	8
documento/s	8
fim/ns	8
modo/s	8
idade/s	7
genero/s	7
Hespanha/s	7
parte	7
tradição/ões	7

Tabela de Levantamento de Substantivos
Guerra Junqueiro

Substantivos	freq
alimento	2
alma/s	3
analogia	1
aromas	1
arvoredos	1
aurora	1
berço/s	3
cabeceira	1
campos	1
caso	1
coloridos	1
criança/s	2
educadores	1
encostas	1
eruditos	1
escola/s	2
espécie	1
estufas	1
fecundidade	1
flores/florinhas	3
Froebel	1
frutos	1
gota	1
Guerra Junqueiro	1
lampejo	1

Substantivos	freq
leite	2
livro/s	3
luz	1
mães	1
mão	1
maternal	1
ninhos	1
noite	1
palavras	1
pâmpanos	1
papoilas	1
pedagogo	1
problema	1
prolongamento	1
pureza	1
raio	1
ramo	2
rosa	1
sebes	1
simplicidade	1
sol	1
temor	1
trigais	1
virilidade	1

A Rainha Moura Virada no Avesso

Substantivos de Maior Frequência
Guerra Junqueiro

Substantivos	freq
alma/s	3
berço/s	3
flores/florinhas	3
livro/s	3
alimento	2
criança/s	2
escola/s	2
leite	2
ramo	2

Tabela de Levantamento de Substantivos
Teófilo Braga

Substantivos	freg
A arvore que falla e o passaro que canta	1
A Bilha de Leite	1
A Branca Flor	1
A Duqueza	1
A princeza que rompia sete pares de calçado de noite	1
A vacca e o lobo	1
A/arte/s	1
accórdo	1
Açores	3
actos	1
Adagiario	1
Afanasieff	1
alcance	2
alcunha	1
Alemanha	1
Algarve	5
alma/s	3
amas	1
amigo/s	5
amor	3
anno/s	3
apparato	1
archipelago	1
área	1
arrebiques	1
artificio	1
artigo	1
atenção	1
B/bibliotheca	1
Baarlam	1
base	1
belleza	1
Benfey	2
bilha	1
Blade	1
C/carta	4
C/caso/s	7
C/conto/s	37
C/conto/s popular/es	2
C/contos tradicionaes	4
Cacheirinha	1
caminho	2
campo	1
Canarinho verde	1
Cancioneiro	2
Canções	1
capitulo	1
caracter	2
casa	2
casta	1
cathegortas	1
Chistes	1
cidras	2
civilisação/ões	2
classificação	1
co-existencia	1
Coimbra	1
coisas	1
colheita	1

Substantivos	freg
collecção/ões	10
collector/es	2
comparações	1
Comparetti	2
complexidade	1
compreensão	4
concepções	4
condições	1
conhecimento	1
consciencia	1
Conseja	1
considerações	1
construcções	1
contacto	1
Contes de la mère Oie	1
Contes du Vieux Loup	1
Conti	1
Contos da Carochinha	1
Contos tradicionaes do Povo portuguez	1
Contrafavole	1
coordenação	1
corpo/s	2
correspondência	1
Côrte na Aldeia	1
Cosquin	1
criada	1
criança/s	6
critica	1
critica litteraria	1
Cuco	1
Cuento	1
cuidado	1
curiosidades	1
D. Philippe	1
dados	1
defeito	1
demora	3
designações	3
despezas	1
Deus	1
dia/s	2
dialectologia	1
dicção	2
diferenças	1
difficuldade/s	3
diligencia	1
dinheiro	1
Direito	1
disciplina	1
discursos	1
ditado	1
Ditos	4
divagações	2
divisão	1
documento	3
Dom José pequeno	1
Dr. /Sr. Ernesto do Canto	2
Dr. João Teixeira Soares/Teixeira Soares	2
Dr. Reinhold Köhler/Reinhold Köhler/ Köhler	2

Tabela de Levantamento de Substantivos
Teófilo Braga

Substantivos	freq
E/estudo/s	6
E/exemplo/s	8
Edade Média	2
edição	1
educação	3
efeitos	1
elaboração	1
elemento/s	4
emprego	1
Enigmas	1
Entre Douro e Minho	1
Epopéias	2
erudição	1
escolas	1
escripta	3
espírito	2
estado	2
Estremadura	1
estilo	1
Europa	1
Evolução	1
Exempi	1
exigências	1
existencia	1
explicações	1
exploração	2
expressão	2
F/fabula/s	5
F/facécias	3
fabliau	1
facilidade	1
falta	1
fama	1
ficções	1
Filha da burra	1
fim	3
fórma/s	11
fragmentos	1
França	1
Francisco Rodrigues Lobo	1
frequencia	1
fundo	1
gado	1
Gado Gajão	1
Garoupinha	1
Gaston Paris	2
genio	1
gíria	1
globo	1
Gonçalo Fernandes Trancoso	1
grãos	1
Grimm	2
Gubernatis	2
Herbart	1
História da Litteratura	1
historia litteraria	1
Historia/s	5
Historias de proveito e exemplo	1
homem/ns	3

Substantivos	freq
humanidade	1
I/ilha/s	6
Ilha da Madeira	2
importancia	5
improvisador	1
incongruencia	2
inconsciencia	1
influencia	1
ingenuidade	2
Inglaterra	1
inquerito	1
inteligência	1
introdução	1
intuição	1
intuito	3
invenção	1
investigação/ões	3
investigador	1
jogos	1
Josaphat	1
L/litteratura/s	3
lacuna	1
lado	1
Laura Gonzemback	1
leite	1
Lendas	5
Lenormant	1
Liebrecht	2
linguagem	1
lista	1
litterato	1
livraria	1
livro	1
locução/ões	3
lucidez	1
M/mytho	2
mães	1
mão/s	3
Marchen	1
Maria	4
Maria do paosinho	1
Maria Ignacia	2
Maria Subtil	1
materiaes	2
Max Müller	1
mediocridades	1
meio	3
memoria	2
meninas	1
mestre/s	2
meza	1
mina	1
Minas	1
Minho	4
Mme. De Beaumont	1
monographias	1
movimentos	1
mulheres	1
nações	1

Tabela de Levantamento de Substantivos
Teófilo Braga

Substantivos	freq
narrador/es	2
narrativa/s	5
natureza	1
necessidade	1
nexo	1
noite	2
nomes	1
notas	4
Novellario	1
Novellario	1
Novellas	3
Novellistica	5
novembro	1
nudez	1
numero	1
O afilhado de S. João	1
O celleiro	1
O filho do ladrão	1
O forte no meio do mez	1
O monte de ouro	1
O padre das mãos bonitas	1
O parvo	1
O preto fingido	1
O rei que achava a quinta despedaçada	1
obra	1
ordem	1
organisação	1
Os Dois Irmãos	1
Os trez homens que queriam comer sem gastar	1
P/povo/s	6
paciencia	1
Pantchatantra	1
paradigmas	1
parallelismos	1
parte/s	4
passado	1
Patranhas	3
patronheiro	1
Pedagogia	1
peripecias	1
personagens	1
Petit Poucet	1
phase	1
phenomenos	2
Pitré	1
plano	2
Platão	1
poesia	2
ponto/s	5
Portugal	1
posse	1
povoações	1
preambulos	1
pregadores	1
problema/s	2
processo	1
profissão	1
progresso	2
prolixidade	1

Substantivos	freq
prosa	1
proveniencia	1
Proverbios	1
provincia/s	3
Psyche	1
Psychologia	3
publicação	2
pureza	1
quinhentista	1
raças	2
Racconti	1
Rainha do verde	1
Ralston	1
ramificações	1
rancôres	1
re-elaboração	1
recitador	1
reconstrução	1
redacção	3
redondilha	1
Rei d'Hostia	1
Rei Dom João	1
réis	1
Reis Damaso	2
relação	1
Religiões	1
renovação	1
repetições	1
Republica	1
retoques	1
Rivista de Letteratura popolare	1
Roma	1
Romanceiro	3
Romances	1
Sagen	1
San Jorge	1
San Miguel	1
San Miguel/S. Miguel	2
San Pedro	1
Schmidt	1
Schwank	1
sciencia	1
seculo	3
senhoras	1
sentidos	1
série	1
sermões	1
Sindabad	1
singeleza	1
situações	1
somma	1
Soropita	1
Spencer	1
Sr. Dr. Alvaro Rodrigo de Azevedo	1
Sr. Sylvio Romero	2
Stanislao Prato	2
Stephanovic	1
Storie	1
Sraparola	1

Tabela de Levantamento de Substantivos
Teófilo Braga

Substantivos	freq
subjectivismo	1
Superstições	1
T/tradição/ões	12
Tales	1
tempo	1
térmo	1
terra	1
texto	1
thema/s	4
tio Jorge	1
título	1
trabalho	4
tradução	1
transição	1
transmissão	1
tratado	1
tribu/s	1
typos	1
vacillações	1
vaidades	1
valor	2
vehiculos	1
velhas	2
velhinha	1
verso	3
versões	2
vestígios	1
vez	2
vicio	1
vintensitos	1
Waitz	1
Widter	1
Wolf	1
Zola	1

A Rainha Moura Virada no Avesso

Substantivos de Maior Frequência
Teófilo Braga

Substantivos	freq
C/conto/s	37
T/tradição/ões	12
fórma/s	11
collecção/ões	10
E/exemplo/s	8
C/caso/s	7
criança/s	6
E/estudo/s	6
I/ilha/s	6
P/povo/s	6
Algarve	5
amigo/s	5
F/fabula/s	5
Historia/s	5
importancia	5
Lendas	5
narrativa/s	5
Novellistica	5
ponto/s	5

Tabela de Levantamento de Substantivos
Silvio Romero

Substantivos	freq
A onça e o bode	1
A onça e o veado	1
abismo	1
aborígenes	1
abrigo/s	3
abuso	1
abusões	1
ação	9
açúcar	1
adaptação	1
Adolfo Coelho	2
África	4
africano/s	8
agente/s	6
agruras	3
água/s	5
Alemanha	1
aliado	1
alterações	1
altura	2
amada	1
amanho	1
ameaças	1
América	1
americanos	1
Amiga folhagem	1
amor	1
analogia	1
análogo	1
anélitos	1
animais	3
anos	2
ardor	1
areitos	1
árvores	3
asiáticos	1
aspectos	1
assimilação	1
ataque/s	2
atenção	1
atividade	2
autor/es	4
auxiliar	1
auxílio	1
bailados	1

Substantivos	freq
Balaio	1
barulho	5
batata	1
Bernal Francês	1
bico	1
boca	2
bode	3
bosque/s	2
braços	3
branco/s	15
Brasil	6
brasileiro/s	3
breu	2
cabeça/s	5
caboclista	1
caboclo/s	4
caborés	1
cabra/s	2
café	1
cágado	4
Caipora	1
calma	1
Camarão	2
canções	4
canoa/s	4
cantigas	2
Cantos Pop. do Brasil	1
caráter	1
carimã	1
Carlos Frederico Hartt	1
caroço	4
carta	1
casa/s	5
caso/s	3
Cerrações	1
certeza	1
céu/s/Céu	13
chaganças	1
Chuva	2
ciclo/s	6
idades	1
cinza	1
civilização	3
classe/s	3
clima	4

Substantivos	freq
Cobra Grande	4
coleção/ões	6
cólera	4
coletânea	1
colônias	1
colono	1
companheiros	1
comparações	2
Comparetti	1
compilador	1
comunicações	1
conchego	1
conclusão	1
concorrência	1
curso	2
condenação	1
condição/ões	2
condição/ões	2
confins	1
congós	1
conquista/s	3
conselho	1
conta	1
contato	2
continente	1
contingente	1
conto/s	21
Contos Populares	1
contos populares	2
contrário	1
coração	1
cordas	2
cores	1
corpo	4
correspondentes	2
costa	2
costumes	5
cousa/s	11
Couto de Magalhães	5
cozinha	2
crenças	3
criações	2
cruzamento	6
cujubim	3
curioso	1

Tabela de Levantamento de Substantivos
Silvio Romero

Substantivos	freq
d'Ancona	1
D. Duarte e Donzilha	1
D. Infanta	1
D. Maria e D. Arico	1
dádivas	1
danças	1
Darwin	1
desaparecimento	3
descanso	1
descendentes	1
descuido	1
desejo	1
desenvolvimento	1
desfecho	1
desobediência	1
deus/es	21
dia	8
diferença	2
dificuldade/s	2
distinção	2
dívida	1
doçura	1
dorso	1
Dr. Gustavo Dodt	1
Dr. Hartt	1
duração	1
dúvida	1
elemento/s	4
Emboabas	1
emprego	1
empresa	2
encarnação	2
encontros	1
energia	1
engenhos	1
ente/s	2
episódio/s	2
ervaçais	1
ervas	1
escravas	1
escravidão	5
escravo/s	3
escritores	1
esforço/s	4
espécie	2

Substantivos	freq
espécimes	1
esperança	1
espírito	3
esposos/a	5
estada	1
estado	2
Estado	1
estrangeiros	1
estrela dalva	1
estudantes	1
estudos	3
Europa	2
européu/s	5
exagero	1
excelência	1
expressão	1
extinção	2
fábula/s	5
faculdade	1
família/s	6
fâmulos	8
fantasias	1
fato/s	11
fator/es	6
fatuidade	1
fazendas	1
fenômenos	2
feras	1
fibras	1
filho/s/a	15
fim	3
fio	2
florestas	7
fogo	1
folclore	1
força/forças	3
forma	2
fragmentos	1
fundo	1
furacão/ões	2
furor	1
fusão	1
futuro	3
galego	1
galhos	1

Substantivos	freq
gênero/s	2
gente/s	2
gerérés	1
Gonçalves de Magalhães	2
Gonçalves Dias	2
gotas	2
grilos	1
gritos	1
guerra/s	3
hábito/s	2
harpões	1
Haumia-Tikitiki	2
Henrique Dias	2
hinos	1
história	6
historietas	1
hoje	4
homem/ns	13
humanidade	1
idéias	2
ieroquis	1
Ikateré	1
ilustração	1
imaginação	1
imigração	2
Império	1
importância	1
inambu	1
indígena/s	3
indígena/s	2
índio/s	13
indivíduos	1
indústrias	1
influência	6
influxo	3
ingenuidade	2
inimigo	1
insetos	1
instância	2
instituições	2
inteligência	1
internamento	1
introdução	1
invasão/ões	2
irmãos	9

Tabela de Levantamento de Substantivos
Silvio Romero

Substantivos	freq
irmãos Grimm	1
jaboti/í	6
Jeropari	1
jiquis	1
João e Maria	1
José Bonifácio	1
juiz	3
labéu	1
laço/s	3
lado	7
lágrimas	2
lanças	1
langor	1
lebre	1
legislação	1
lei/s	4
lenda/s	12
letras	1
levas	1
lições	1
limites	1
língua	4
linguagem	1
linhagem	2
linho	1
literatura	2
livro	1
lobo	1
lugar	2
luta	4
luz	1
macaco/s	2
madeira	1
madrugada	3
Mãe d'água	1
mãe/s	5
mamelucos	2
mandato	1
manhã	2
manipulação	1
mãos	1
mar	8
Maria borralheira	1
marido	2
marinheiro	1

Substantivos	freq
Marquês de Olinda	1
Mascates	1
massa	1
medida	1
meios	1
mescla	1
mestiço	19
metrópole	1
micura	2
milícias	1
mistura	1
mito/s	6
moçarabes	1
moço/a/as	9
modificação	1
moldes	1
montanhas	2
morte	1
motejos	1
mulatos	1
mulatos/as	2
mulher/es	3
mundo	2
músicas	1
nacionalidade	1
natureza	1
negociantes	1
negro/s	17
noite	13
Noiva Roubada	1
nome	2
nota	1
notícias	1
Nova -Zelândia	1
número	3
nuvens	1
O Bicho Manjaléu	1
O cágado e a fruta	1
O cágado e o jacaré	1
O cágado e o teiú	1
O macaco e o rabo	1
O rabo e o gato	1
O sargento-verde	1
O Selvagem	5
objeto	2

Substantivos	freq
obra	3
oceano	3
ondas	1
ordem	3
origem/ns	14
originais	1
Orvalho/orvalho	3
Os três coroados	1
pag.	2
páginas	1
pai/s	22
país/es	9
paixão	1
palavras	2
paneiro	1
Papa	4
papel	1
paradigmas	1
paralelismo/s	2
parceria	1
pardos	1
parentes	1
parte/s	9
passado	1
pássaros	3
passo	2
pato/s	3
paus	1
pé/s	3
peixes	7
perigo	1
pernas	1
pescador	1
piloto	2
plantas	7
poder	1
poesia	7
Polinésia	1
política	1
ponto	1
ponto de vista	1
população/ões	10
porco espinho	1
Portugal	4
português/eses	6

Tabela de Levantamento de Substantivos
Silvio Romero

Substantivos	freq
possibilidade	1
povo/s	11
praia	1
prantos	1
preponderância	1
presa	2
presente	1
Príncipe cornudo	1
princípio/s	4
professor	1
profundezas	1
proveniência	1
províncias	1
psicologia	3
quadrinhas	1
qualidades	1
Quatrefages	1
questão	2
quinhão	1
raça/s	31
raiva	1
raiz	1
rajadas	1
ramos	1
Ranci	3
raposa	6
rastro	1
recursos	1
reinados	1
reino	1
reisados	1
relações	4
rénard	1
reptis	5
repúblicas	1
resultado	3
revolta	1
rigor/es	4
rio	2
riquezas	1
risca	1
roças	1
romances	3
Rugo-Ma-Tane	1
sabor	1

Substantivos	freq
sangue/s	6
sapinhos	1
sapo	1
Saraiva	1
secção	2
séculos	5
segurança	1
seio	5
seleção	1
selvagem/ns	12
senhor	1
sentença	2
sentimento	1
separação	3
seres	1
Sergipe	2
serpente	3
Siam	2
Silvio Romero	1
sol	1
solo	1
soma	1
sub-raça	1
substâncias	1
Sumé	1
superioridade	1
suspiros	1
tabatinga	1
taieiras	1
talento	1
Tamandaré	1
Tane-Mahuta	3
Tangaroa	3
tapioca	1
tapitis	1
Tawir-che-Matéa	2
temas	1
tempestade/s	10
tempo/s	7
temporais	1
tendência/s	4
Teófilo Braga	2
teoria	2
Terra	15
terra/s	8

Substantivos	freq
terreno	2
tese	1
tipo/s	11
título/s	2
Tobias Barreto	1
tolice	1
trabalho	3
tradição oral	1
tradição/ões	5
tráfico	2
transcrito	1
transformação	2
transição	1
troncos	1
Tu-Matuenga	4
Tu-te-wehi-wehi	1
tucumã	7
tupis	1
Tylor	1
urucu	1
urus	1
uso/s	3
utensílio	1
vagas	2
vales	1
vantagem	1
vão	1
vapores	1
vaqueiros	1
variedade	1
veado	5
veias	1
veio	1
velocidade	1
vencedores	1
vencidos	1
ventos	2
veracidade	1
verdade	4
vermes	1
versos	4
vestígios	1
vez/es	5
viagem	1
vida	9

Tabela de Levantamento de Substantivos
Silvio Romero

Substantivos	freq
vidro	1
Visconde de Inhomirim	1
vista	2
vitória	4
volta	1
voto	1
whanaka	1
xácaras	1

Substantivos de Maior Frequência
Silvio Romero

Substantivos	freq
raça/s	31
pai/s	22
conto/s	21
deus/es	21
mestiço	19
negro/s	17
branco/s	15
filho/s/a	15
Terra	15
origem/ns	14
céu/s/Céu	13
homem/ns	13
índio/s	13
noite	13
lenda/s	12
selvagem/ns	12
cousa/s	11
fato/s	11
povo/s	11
tipo/s	11
população/ões	10
tempestade/s	10
ação	9
irmãos	9
moço/a/as	9
país/es	9
parte/s	9

Substantivos	freq
vida	9
africano/s	8
dia	8
fâmulos	8
mar	8
terra/s	8
florestas	7
lado	7
peixes	7
plantas	7
poesia	7
tempo/s	7
tucumã	7
agente/s	6
Brasil	6
ciclo/s	6
coleção/ões	6
cruzamento	6
família/s	6
fator/es	6
história	6
influência	6
jaboti/í	6
mito/s	6
português/eses	6
raposa	6
sangue/s	6
vida	9

Tabela de Levantamento de Substantivos
José Lins Do Rego

Substantivos	freq
alegria	2
ansiedade	1
bem	1
Brasil	3
coração	1
engenho	3
histórias	2
livro	1
lugar	1
menino/s	3
milagre	1
ouvintes	1
pedidos	1
prazer	1
Sergipe	1
Sílvio Romero	1
Totônia	1
Trancoso	1
Velha/s Totônia/s	3
velhinha	1
vida	1
visita	1
vontade	1
voz	1

Tabela de Levantamento de Substantivos
Monteiro Lobato

Substantivos	freq
anedotas	1
avô	1
bobagens	1
boca	1
boneca	1
casa	1
ciência	1
coisa/s	4
contos	1
coração	1
dicionário	1
Dona Benta	1
Emília	1
Emilinha	1
escrava	1
Esméria	1
exigência	1
favor	2
filhos	1
folclore	4
folk	1
gente	2
H/histórias	5
idéia	2
jornal	1

Substantivos	freq
leite	1
língua	1
lore	1
mamãe	1
menino	1
negras	1
noites	1
nome	1
olhos	2
país	1
palavra	1
Pedrinho	5
plano	1
povo	4
preguiça	1
resposta	1
sabedoria	2
superstições	1
tetéia	1
tia	5
tia Esméria	1
Tia Nastácia	4
varanda	2
vezes	1
vovó	2

A Rainha Moura Virada no Avesso

Substantivos de Maior Frequência
Monteiro Lobato

Substantivos	freq
H/histórias	5
Pedrinho	5
tia	5
coisa/s	4
folclore	4
povo	4
Tia Nastácia	4

Tabela de Levantamento de Substantivos
Câmara Cascudo

Substantivos	freq
A/anedota/s	2
Aarne-Thompson	3
abandonos	1
absolutismo	1
Academia Scientiarum Fennica	1
acepção	1
achador	1
acordo	1
acuidade	1
adivinhação	2
adoção	1
Adolfo Coelho	1
África	1
africanos	1
agasalho	1
água/s	4
ajuste	1
alegria	2
algarismos	1
alma	5
almafega	1
ama	1
amadorismo	1
ambiente/s	2
American Folklore Society	1
amigos	1
amor	1
amplidão	1
análise	2
Anana	3
anansi	1
ancianidade	1
andou-andou-andou/andou-andou	2
Andrew Lang	1
anecdotes	1
Anepu	8
Angola	4
Angola	4
ângulo	1
animal/is	4
anonimato	1
anos	6
antiguidade	2

Substantivos	freq
Antropologia	2
antropologista	1
Antti Aarne	1
apavorador	1
aposta	1
aproximação	1
aranha	1
arcabouço	1
área	1
Armachis	2
armas	2
arredores	1
Artur L. Campa	1
árvore/s	4
aspecto/s	2
assimilação	1
assunto/s	2
astúcia	1
atividade/s	2
ato	2
Atualidade	1
autoria	1
autoridade	1
auxiliar	1
aves	1
bandido	1
bás	1
Batau	13
Beaumanoir	1
belgas	1
Bem	1
benefícios	1
bezerras	1
bispados	1
boca	2
boi/s	2
bones	1
branco	4
Brasil	6
Brugsch	1
Buenos Aires	1
burel	3
cabeça	1

Tabela de Levantamento de Substantivos
Câmara Cascudo

Substantivos	freq
cabeleira	1
cabelo/s	6
cacho	2
Califórnia	2
calor	1
caminhada	1
campo/Campos	2
Cancionero Popular de Tucuman	1
capa	3
características	1
caráter	1
carruagem	1
casamento	2
caso	1
cauda	1
cavalo	1
cedro/s	5
centenas	2
cerimônia	1
cevada	1
chains	2
charada	1
Chile	1
Chnum	1
ciclo	5
cidade	1
ciência	4
cismas	
cismas	1
cisões	1
citação	1
classificação	4
co-habitação	3
colaborador/es	2
coleção/ões	8
colheita	1
coloração	2
combinações	1
compaixão	1
companhia	1
comunicação	1
concubina	1
conduta	1

Substantivos	freq
confronto/s	2
Congresso	1
conhecimento	2
consagrações	1
consejas	2
Consiglieri Pedroso	4
constantes	1
Constituições	1
contadeira	1
contadores	1
conti/racconti	2
conto/s	44
conto/s popular/es	11
Contos e Fábulas Pop. da Bahia	1
Contos Pop. da Trad. oral do Est. de Minas	1
Contos Populares da História Natural	1
Contos Populares do Brasil	1
Contos Populares Portugueses	1
Contos Tradicionais do Povo Português	1
contos-sem-fim	1
contrafavole	1
copyright	1
corpo	1
costumes	4
cozinha	1
criação	1
criança/s	4
critério	1
Crônica	1
cronista	1
cuentos	4
Cuentos Populares Espanoles	1
Cuentos-de-nunca-acabar	1
cultura	3
cunhado	1
curral	1
cursos	1
Curupira	1
D. Fernando	1
D. João I	2
D/deus	5
datas	1
decifração	1

Tabela de Levantamento de Substantivos
Câmara Cascudo

Substantivos	freq
decisões	1
dedução	1
Demônio	3
denúncia	1
dermatoses	1
desenvolvimento	1
destruição	1
detalhes	1
dia/s	4
Diabo	2
dinheiro	1
discussões	1
disputas	1
dívida	1
divisão	2
divulgação	1
dobras	1
documento	2
doença	3
dogma	1
Dois Irmãos	2
Dom Apolinar Barber	1
domésticos	1
dona	1
donzelas	3
doo	2
doutrina	1
E.E.U.U.	1
edifício	1
egiptólogos	1
Egito	1
elemento/s	6
emprego	1
encantamento	1
Endless Tales	1
enigma	2
enredos	1
ente	1
enxertias	1
episódios	2
época	1
escolas	1
escriba	3

Substantivos	freq
espaço	1
espada	1
Espanha	1
Espanhóis	2
espécie	3
espírito	2
esposa	2
estado	1
Estado	1
esteira	1
estimação	1
estímulos	1
estirpe	1
estrangeiro	1
estudo/s	4
estupidez	1
Etnografia	2
Etnografia Portuguesa	1
exempli	1
exemplo	2
exéquias	1
expressão/ões	2
facécias	1
fairy play	1
faraó	10
fato	2
Fernan Caballero	1
Fernando-Luis	1
Fernão Lopes	1
ferocidade	1
fígado	7
figuras	2
films	1
fim/ns	4
fios	1
Flauto	1
flor/es	8
floresta	2
folcloristas	3
Folk Lore Society	1
Folk-lore	3
folk-tale/s	6
Folklore as an Historical Science	1

Tabela de Levantamento de Substantivos
Câmara Cascudo

Substantivos	freq
Folklore Fellows Communications	1
forais	1
força	1
forma/s	2
formação	1
formiga	2
Formula Tales	1
fórmulas	2
Franceses	2
Franz Boas	1
frases	1
Fraternidade	1
frutas	1
função	1
fundo	1
Galeno	1
gentes	1
George Laurence Gomme	1
geração/ões	3
geral	1
gestos	1
Gigante	1
ginasiano	1
girafa	1
gíria	1
gotas	1
governo	1
grupo	1
H/história/s	23
H/homem/ns	5
hábitos	2
Hamburgo	1
hansenianos	1
Heli Chatelain/Chatelain	3
Helsinki	1
herói/s	2
heróico	1
Hindus	1
Holanda	1
horas	1
idades	1
idéia/s	2
ifantes	1

Substantivos	freq
ilusão	1
imagens	1
imaginação	4
Índia	1
Indiana University	1
indicações	1
índice	1
indígena/s	2
industrialização	1
infância	3
influências	1
informação	1
Ingleses	1
insistência	1
instinto	1
inteligência	1
intercorrências	1
intervenção	1
introdução	1
inutilidade	1
Irlanda	1
irmão/s	9
irradiação	1
Itália	1
italianos	1
J. Leite de Vasconcelos	1
J/jabuti	3
Jamaica	1
Japim	2
jardineiro	1
Ji ningonongo	1
ji-sabu	1
João da Silva Campos	1
João Ribeiro	2
jokes	1
Juan Alfonso Carrizo	1
julgamentos	1
Ketten-Marchen	1
Kilpen	1
kocchs	1
lado	3
lasca	1
Latham	1

Tabela de Levantamento de Substantivos
Câmara Cascudo

Substantivos	freq
leite	2
leito	1
leopardo	1
lepra	1
letras	1
liberdade	1
Lilitá	1
linguagem	1
Liriolay	1
Lisboa	4
literatura	4
literatura oral	2
livro/s	4
local/is	3
localizações	1
Londres	3
Luanda	2
lugar	1
luta	1
luto	1
Ma-kishi	1
macacos	1
Madalena	1
mãe/s	4
mãe/s-preta/s	2
maioria	1
maneira	1
Manuel Galdino Pessoa	1
mar	1
maravilhoso	1
Marchen	1
marido	1
Marrett	1
material/is	2
matrimônio	1
memória	5
mentalidade/s	2
mesa	1
mestre	2
metempsicose	1
método	2
mi-soso	1
Michigan	1

Substantivos	freq
micura	1
migrações	1
milênio	1
misoso	1
Miss H. Monteiro	1
Miss Mary Frère	1
mitologia	1
Moisés	1
momento	1
moral	1
morte	5
motivo/s	6
movimento/s	2
Mrs. D'Orbiney	1
muié	1
mulher/es	17
Mundo	1
narrador/es	4
narrativa/s	2
nascimento	1
natureza	1
Naturgeschichtliche Volksmarchen	1
negro/s	4
neve	1
ninho	1
níveis	1
noite/s	2
noiva/o/os	3
nome/s	2
Nordeste	1
North Carolina	1
novilho	6
novilho-sagrado	4
Novo México	1
nubentes	1
número	2
núpcias	1
O. Dahnhardt	1
objetos	1
obra-prima	1
obra/s	2
observação	1
ódio	1

Tabela de Levantamento de Substantivos
Câmara Cascudo

Substantivos	freq
Old Deccan Days	1
Olivar	1
Oliveira Martins	2
onça	2
onipotência	1
opinião	1
oralidade	1
origem/ns	5
originalidade	1
ossos	1
ouro	1
ovo	1
P/povo/s	8
P/psicologia	2
padrões	1
pagamento	1
pai	1
país	1
palácio	1
palavra	1
Papa-Figo	1
papiro	2
Paraíba	1
partes	1
pássaros	1
patranha	1
patronos	1
Paul Sébillot	1
pé	1
pedras	1
peixes	1
pele	1
pensamento	1
perfume	1
perífrases	1
persistência	1
pescoço	1
pesquisa	1
piché/ê	2
pintura	1
plenitude	1
polegadas	1
poliandria	1

Substantivos	freq
porandubas	1
pormenores	2
porquê	1
Portugal	3
português/es	3
Portuguese Folk-Tales	1
possuidor	1
praias	1
predileção	1
prefácio	1
prêmios	1
preocupação	1
princípio	1
prinspa/o	2
problema	1
procedimento	1
processo	3
produção	1
Prof. Archer Taylor	1
Prof. Ernst Philippson	1
Prof. Lindolfo Gomes	1
Prof. Ralph S. Boggs	1
Prof. Robert Lehmann Nitsche	1
Prof. Stith Thompson/Stith Thompson	3
Prof./ Aurélio M. Espinosa	2
programas	1
proporção	1
propriedade	2
Psychology and Folklore	1
publicação	1
quantidade	1
quotidiano	1
rainha	1
ramos	1
RamsésMiamum	1
raposa	1
Ratselmarchen	1
razão	1
recalques	1
reclusão	1
recursos	1
rede	1
região	2

Tabela de Levantamento de Substantivos
Câmara Cascudo

Substantivos	freq
registo	1
regras	1
rei	7
relações	1
repertórios	1
representação	1
resto	1
retorno	1
reunião	1
ricos	1
rio	5
Rio de Janeiro	2
Rio Grande do Norte	1
rituais	1
Rodolfo Lenz	1
Rodriguez Marín	1
rolo	2
roupas	1
Rui de Pina	1
russos	2
S/senhora/s	2
sabedoria	1
saco	1
sacrifício	1
Saityves	1
saloios	1
sangue	10
Santiago de Chile	1
santuário	1
schwank	1
secção/ões	2
século/s	3
Senhores	1
serpente	1
serreia/s	2
sertão/ões	3
setembro	1
Seti Merneftá	1
Sheherazada	1
Silvio Romero	2
símbolo	1
sistematização	1
situações	1

Substantivos	freq
skarki	1
Sol	1
solidariedade	1
solução/ões	2
sombra	1
sonhos	1
Stanford/Stanford University	2
stories	2
Sudão	1
Surinã	1
tábuas	1
tales of magic/supernatural/Angola	3
Tamurupará	1
tapiucaba	1
tarafa	1
tema/s	2
tempo	1
tenacidade	1
tendência	1
tentativa	1
Teófilo Braga	2
testemunhos	1
testes	1
The Frost-bitten Foot	1
The Mind of Primitive Man	1
The Types of the Folk-tale	1
Tia Miquelina de Golães	1
tia/s	3
timbre	1
título	3
Toledo	1
tolice	1
tomos	2
Tót	1
touca	2
touro	1
trabalho	3
traços	1
tradição/ões	9
tradução	1
transportes	1
trava-língua/s	2
trono	1

Tabela de Levantamento de Substantivos
Câmara Cascudo

Substantivos	freq
uatá-uata-uata	1
uende-uende	1
unidade	1
Unifinished Tales	1
Universidade/s	5
urmythus	1
usus	1
V/vontade	2
valor	1
Van Gennep	1
vaqueiro/s	2
variantes	1
vaso	1
velhas	1
versos	2
vértice	1
Verzeichnis der Marchentypen	1
vezes	1
viagem	1
Vice-Rei	1
vida	1
violência	1
Virged	1
virgem	1
víscera	1
visconde de Rougé	1
visita	1
vitória	1
vocabulo	2
volume/s	5
voz	1
W. R. S. Ralston	1
walked-walked	1
Xexéu	1

A Rainha Moura Virada no Avesso

Substantivos de Maior Frequência
Câmara Cascudo

Substantivos	freq
conto/s	44
H/história/s	23
mulher/es	17
Batau	13
conto/s popular/es	11
faraó	10
sangue	10
irmão/s	9
tradição/ões	9
Anepu	8
coleção/ões	8
flor/es	8
P/povo/s	8
fígado	7
rei	7
anos	6
Brasil	6
cabelo/s	6
elemento/s	6
folk-tale/s	6
motivo/s	6
novilho	6
alma	5
cedro/s	5
ciclo	5
D/deus	5
H/homem/ns	5
memória	5
morte	5
origem/ns	5
rio	5
Universidade/s	5
volume/s	5

Tabela de Levantamento de Substantivos
José Gomes Ferreira

Substantivos	freq
A Gata Borralheira	4
abertura	1
aceitação	1
aceitamento	1
acento	1
adágios	1
adaptação	1
adegas	1
adeptos	1
adição/ões	2
adoçamentos	1
Adolfo Coelho	5
Afonso	1
agregado	1
água	2
água	1
alardes	1
aldeão	1
Aldeias	1
alegóricos	1
alegorismo	1
alfinete	1
Alfredo Apell	1
algarvias	1
algibeira	1
alma	1
alteração/ões	2
alturas	1
alusão	2
alvo	1
alvorecer	1
amadorismo	1
ambiente	1
ambiguidades	1
Ana Alves Leite	1
análise	1
anedotário	1
anedotas	1
animismo	1
anseios	1
antropológica	1
antropólogo	1
aparecimento	1
apogeu	1
apologéticas	1

Substantivos	freq
apropriação	1
aproveitamentos	1
apuro	1
árabes	1
arabistas	1
ares	1
argúcia	1
argumentação	1
arqueólogo	1
arraia-miúda	1
arrojo	1
arte/s	7
artificialismo	2
árvore	2
As Três Cidras do Amor	3
Askunken	1
aspectos	2
assunto/s	2
atenção	1
atino	1
atitude	1
Atlântida	1
atração	1
Aurora	2
autenticidade	1
auto-retrato	1
aventuras	1
aventureiros	1
averiguação	1
avós	1
bagatelas	2
banda	1
Bandello	1
barriga	1
bases	1
beleza	3
Bernardim Ribeiro	1
boatos	1
boca/s	5
Boccacio	2
bolos	1
bom-senso	2
bondade	1
borralho	1
brechas	1

Tabela de Levantamento de Substantivos
José Gomes Ferreira

Substantivos	freq
brilho	1
bruxa	1
bruxedos	1
budismo	1
buraco	1
buscas	1
C/contosP/populares	5
cabeça	1
cabelos	1
cadeias	1
cálculos	1
camadas	2
campo	1
campónios	1
canal/is	2
carácter	1
característica	1
carência	1
carne	1
Carochinha	1
casa	2
caso/s	2
castigo	1
cautelas	1
Cendrillon	2
Cenicenta	1
cetim	1
chapim	1
chaves	1
cheiro	1
China	1
Chuva	1
ciclo	3
ciência	2
Cinderella	1
Cinema	3
circunstâncias	1
ciúmes	1
civilização/ões	2
clareza	1
classe/s	2
classificação	1
cobras	1
códices	1
coincidência	1

Substantivos	freq
coisa/s	4
colaborador	1
coleção	1
colectânea	1
colocação	1
colónias	1
colonizadores	1
combate	2
começo	1
comédia	1
comentários	1
compêndios	1
complexidades	1
complicações	1
compreensão	2
comprovação	1
comunicação	2
conceito	1
concepção	1
conclusão	1
Condessa d'Aulnoy	1
condição/ões	2
configuração	1
confinos	1
congêneres	1
conhecimento	1
conjecturas	1
conquista	1
consciências	1
Consiglieri Pedroso	5
contacto	1
contadeiras	1
contarelos	1
conteúdo	1
conto/s	40
conto/s tradicional/is	2
Contos de Encantamento	1
Contos Populares Portugueses	2
Contos Populares Russos	1
contrário	2
convencional	1
cópia	1
cor/es	2
coragem	1
corruptelas	1

Tabela de Levantamento de Substantivos
José Gomes Ferreira

Substantivos	freq
cortes	1
crédito	1
criação/ões	3
criança/s	2
cristal	1
cristalização	1
critério	1
crosta	1
cultivo	1
cultos	2
cultura	2
cunho	1
curiosidade	1
décadas	1
dedos	1
defeitos	1
deformação	1
deformidades	1
demagogos	1
descida	1
desconfiança	1
desconsolo	1
desdouro	1
desenhos animados	1
desenredos	1
desenrolar	1
desenvolvimento	1
despeito	1
desportos	1
destrinça	1
destruição	1
desviações	1
desvios	1
deuses	1
dia	3
dia-a-dia	1
dificuldade/s	4
difusão	1
Dinastia	1
direitos	1
distinção	1
ditos	1
divisão	1
divulgação	2
documentos	2

Substantivos	freq
Dom Duarte	1
Dom João Manuel	1
domínio	1
dona	1
donzela	2
doutrinação	1
doutrinas	1
ecletismo	1
edição	1
Egipto	1
eleição	1
Elementargedanke	1
elemento/s	3
elos	1
emaranhamento	1
emprego	1
empresa	1
entendimento	1
enunciado	1
enxertos	1
episódios	3
eras	1
erro	1
erudição	1
eruditos	2
escada	2
escândalo	1
escárnio	1
escol	1
escola	3
Escola Mitológica	2
escrava/os	4
escrevinhador	1
escritores	3
escrúpulo	1
esfacelar	1
esfolamento	1
esforços	1
esgravatar	1
esmagamento	1
esmiuçamentos	1
esmola	1
espaço	1
especialistas	1
especiarias	1

Tabela de Levantamento de Substantivos
José Gomes Ferreira

Substantivos	freq
espectáculo/s	2
espelhos	1
espírito	3
espontaneidade	2
esqueletos	1
Estações	1
estádios	1
estados	1
estilo	2
estorvos	1
estrangeiros	1
estratagemas	1
estrelas	1
estremeções	1
estrutura	2
estudiosos	1
etnólogo/s	3
evocações	1
exactidão	1
exageros	1
exemplo/s	8
Exercício Literário	1
expansão	1
experiência/s	2
explicação/ões	2
exposição	2
face	1
facto/s	2
fadas	2
faláceas	1
falseamento	1
fantasia	1
Faraó	1
fatalidade	1
fechadura	1
feições	1
feiticeiras	1
feitio	1
fenómenos	1
fervor	1
fidelidade	1
filha/os	2
filmes	1
filólogo/s	2
fim	3

Substantivos	freq
fio	1
fixação	1
focos	1
fogo	1
folclorista	2
fome	2
fonte/s	4
força	2
forma	2
formação	1
fradinhos	1
frase	1
freudismo	1
fronteiras	1
função	1
fundador	1
fundo	3
fúria	1
fusão	1
generalizações	1
gênero	3
génese	1
gênio	1
gente	3
gentinha	1
gerações	
gigantes	1
globo	1
glosas	1
gosto	2
gozo	1
Grisélis	1
guerra	1
hagiolários	1
herança	1
heroísmos	1
hindus	1
hipócritas	1
hipóteses	3
histórias	8
histórica	1
historieta	1
home	1
homem/ns	7
honra/s	2

Tabela de Levantamento de Substantivos
José Gomes Ferreira

Substantivos	freq
horas	1
idade/s	2
idéia	1
identidade	2
idioma	1
ilação	1
ilusão	1
imagem	1
imaginação	1
imensidão	1
impérios	1
importância	1
impostura	1
Imprensa	2
impulsão	1
impulsos	1
incremento	1
Índia	1
indianistas	1
índole	1
infância	1
infantas	1
inferno	1
influência	1
inibições	1
insignificâncias	1
instantes	1
instinto	1
íntegra	1
inteligência	1
interesse	1
interpretações	2
intervalos	1
intervenção	1
introdução	1
intróito	1
intuição	1
intuito	1
invasores	1
invenção/ões	3
invento	2
inverossimilhança	1
investigadores	1
irmãos	4
irmãos Grimm	4

Substantivos	freq
irreverência	1
Jacob Grimm	1
Japão	1
jardim	1
jardineiro	1
Jorge Ferreira de Vasconcelos	1
José Gomes Ferreira	1
jovem	1
justaposições	1
Kalila e Dimna	1
Kinder-und-Hausmärchen	1
lábios	1
labirintos	1
lado	2
lances	1
lapsos	1
lareiras	1
latitudes	1
lavadeira	1
lavra	1
lei/s	2
leigos	1
leito	1
leitor/es	2
leituras	1
lembranças	1
lençóis	1
lendas	2
letrados	2
liberdade	2
limitações	1
língua	4
linguagem	1
linha/s	3
linho	1
literato	1
literatura	1
livraria	1
Livro do'Conde Lucanor	1
livro/s	8
lobisomens	1
Luís da Câmara Cascudo/Cascudo	4
Luísa	1
lume	1
lustros	1

Tabela de Levantamento de Substantivos
José Gomes Ferreira

Substantivos	freq
luta	2
Luz	3
madrasta	1
madre	1
mãe	1
magia	2
maioria	3
mana	1
manancial	1
maneira	4
maneirismos	1
manutenção	1
mãos	1
mar/es	2
Marias Sabidas	1
maridos	1
massa	1
matéria	1
material	1
Max Muller	1
mazelas	1
medos	1
meio/s	2
melhoria	1
memória	2
menina	3
Menina e Moça	1
menosprezo	1
mentiras	1
mestres	1
metamorfoses	1
método	1
minas	1
Missas	1
mistério	2
mito/s	6
mitógrafo	1
mitólogo/s	2
moda/s	2
modernidade	1
modificações	1
momento/s	2
monólogos	1
monumentos	1
Moralidade	1

Substantivos	freq
moralizadores	1
mordaças	1
mortes	1
mudança	2
mulheres	1
mundo	5
musicatas	1
mutações	1
N/negra	2
nações	1
narrações	1
narrador/es	5
narrativas	1
naturalidade	1
natureza	2
navegadores	1
netos	1
noite/s	5
nome/s	3
norma	1
nota	1
Novelística	2
Novenários	1
núcleos	1
nudez	1
Nuvens	1
objectivos	1
objecto	1
obra/s	5
obsessão	1
Ocidente	1
ocorrência	1
ódio	2
ofício	1
olharapos	1
olhos	1
Oliveira do Douro	1
ombros	1
onzenices	1
operários	1
opinião	1
opróbrios	1
oralidade	1
Oriente	1
origens	4

Tabela de Levantamento de Substantivos
José Gomes Ferreira

Substantivos	freq
originalidade	1
orla	1
osso/s	3
Ourilhe	1
ouro	1
ouvidos	1
ouvintes	1
padre-nossos	1
país	2
país/es	3
paisagem	1
paixão/ões	3
palavra/s	4
palpites	1
panaceia	1
pandemónio	1
papel	1
parábolas	1
paradigma	1
parlendas	1
parte	2
participação	1
particularidades	1
partida	1
pasma	1
passado	1
passagem	1
passo/s	2
Patchatandra	2
patranhas	1
pátria	1
património	1
pé	2
peças	1
pedras	1
Pedros de Malas Artes	1
peias	1
pejo	1
pele	2
pena	1
pendor	1
Península	1
pequena-'burguesia	2
pergunta	1
perícia	1

Substantivos	freq
perigo	1
peripécias	1
Perrault	2
persistência	1
personagens	3
personalidade	1
perspectiva	1
peso	1
pesquisadores	1
peçoas	3
peugada	1
piolhos	1
planeta	2
pluralidade	1
poço	1
poder	1
poesia	2
poligenismo	1
polpa	1
pomba	2
pombinha	1
ponto	5
ponto de vista	1
popular	1
populismos	1
pormenor	1
portentos	1
Portugal	3
povo/s	8
praías	1
prazer	1
pré-lógicos	1
precaução	1
preciosidades	1
prefação	1
prefaciador	1
prefácio/s	3
preferências	1
Prelo	1
preocupação	1
prestígio	1
preta	2
pretensão	1
pretexto/s	2
princesa	4

Tabela de Levantamento de Substantivos
José Gomes Ferreira

Substantivos	freq
Príncipes das Palmas Verdes	1
princípio	1
problema	6
processo	1
prodígios	1
produção	2
produto	1
proezas	1
professores	1
profissão	1
progresso/s	2
prolóquios	1
propalar	1
proprietária	1
provas	1
proveniência	1
prudência	1
publicação	2
publicidade	1
pureza	1
quadros	1
qualidade	1
queda	1
raças	2
Rádio	2
raiva	1
raízes	1
rama	1
ramificações	1
ramo	2
rapariga	1
rapidez	1
rastilho	1
razão/ões	2
realidade	2
rebuscas	1
receio	1
recolhas	1
recordações	1
recorte	1
rectângulo	1
referências	1
refúgio	1
regalias	1
regiões	1

Substantivos	freq
regra	2
rei/s	2
reino	1
reintegração	1
relance	1
religiosidade	1
relutância	1
remate	1
remédio	1
reparos	1
repetições	1
representações	1
repressão	1
resíduos	1
respeitabilidade	1
responsabilidade	1
resposta	1
ressurreições	1
resultados	1
resumo	1
reviravoltas	1
revoluções	1
rio	1
riqueza	1
risco	
ritmo	1
ritualismo	1
ritualistas	1
Rodopis	1
rosto	1
rua	2
S/sol	3
sábios	4
sabor	2
sandália	1
sangue	1
sapatinho	1
saudade	1
saúde	1
secção	1
século/s	8
seda	1
sede	1
seduções	1
seguidor	1

Tabela de Levantamento de Substantivos
José Gomes Ferreira

Substantivos	freq
Semanas de Paixão	1
senhores	1
senso	3
sentido	2
sequazes	1
seqüência	1
seres	1
série	1
sermonários	1
serões	1
serviço	1
sessões	1
significado	3
simbólicos	1
simbolismo	1
sinceridade	2
singeleza	1
sistemas	2
sítios	1
situação	1
socapa	1
sociológica	1
sonho	1
soninho	1
Staéputa	1
sub-sistemas	1
substituição	1
substrato	1
subtilezas	1
suor	1
superstições	1
suposição	1
tabernas	1
tabuleiro	1
talvez	1
tamanho	1
tambor/es	2
tarefa	1
tédio	1
teia	2
teima	1
temor	1
tempo	9
Teófilo/Teófilo Braga	7
teoria	3

Substantivos	freq
teorizadores	1
termo	1
terra	3
testemunhos	1
texto/s	2
tia	1
Timoneda	2
tom	1
tornozelos	1
totalidade	1
totemismo	1
trabalho	2
tradução	1
Trancoso	3
transformações	1
transfusões	1
transição	1
translação	1
transmissão	5
transporte	1
trapalhada	1
trasgos	1
Treva	2
troca	1
troça	1
Ulissipo	1
universalismo	1
utopias	1
valor	2
variantes	1
veias	1
veleidades	1
velhotas/es	2
velocidade	1
veniagas	1
ventos	1
verdade	3
verificação	1
versão/ões	5
via	1
viagens	1
viajantes	1
vícios	1
vida	3
virgens	1

Tabela de Levantamento de Substantivos
José Gomes Ferreira

Substantivos	freq
virtude/s	3
vista	2
vitória	1
vocação	1
volume	1
vulgarização	1
vulgo	1
zulus	1

A Rainha Moura Virada no Avesso

Substantivos de Maior Frequência
José Gomes Ferreira

Substantivos	freq
Adolfo Coelho	5
arte/s	7
boca/s	5
C/contosP/populares	5
Consiglieri Pedroso	5
conto/s	40
exemplo/s	8
histórias	8
homem/ns	7
livro/s	8
mito/s	6
mundo	5
narrador/es	5
noite/s	5
obra/s	5
ponto	5
povo/s	8
problema	6
século/s	8
tempo	9
Teófilo/Teófilo Braga	7
transmissão	5
versão/ões	5

Tabela de Campos Semânticos
Almeida Garrett

Religião/ Misticismo/ Espiritualismo	Natureza
adoração	atmosfera
alma	aves
anjo	bosques
benção	caminho
claustros	campo/s
crença/s	céo
culto	côr/es
curia	dia/s
Deus/es	especie
discipulos	estação
divindade	estrellas
doutrinas	flor/flôr/es
espírito	florescencia
espiritualismo	fogo
estandarte	fontes
fé	frescura
fervor	fructos
frade	gralha
gloria	luz
grinalda	manancial
harpas	manhãs
hymnos	marte
idolatria	matagaes
latim	natureza
louvores	noites
matrimonio	oiro
milagres	pavão
monges	planetas
mythos	prados
paganismo	primavera
preceitos	raça
promessas	ramo
prophecias	rosa
protestantismo	rouxinol
Providencia	satellites
religião	senda
reliquias/reliquias	seves
sanctuario	sol
sudario	sombra/s
Vaticano	sons
	terra
	terreno
	tom/ns
	trevas
	zangãos

Tabela de Campos Semânticos
Guera Junqueiro

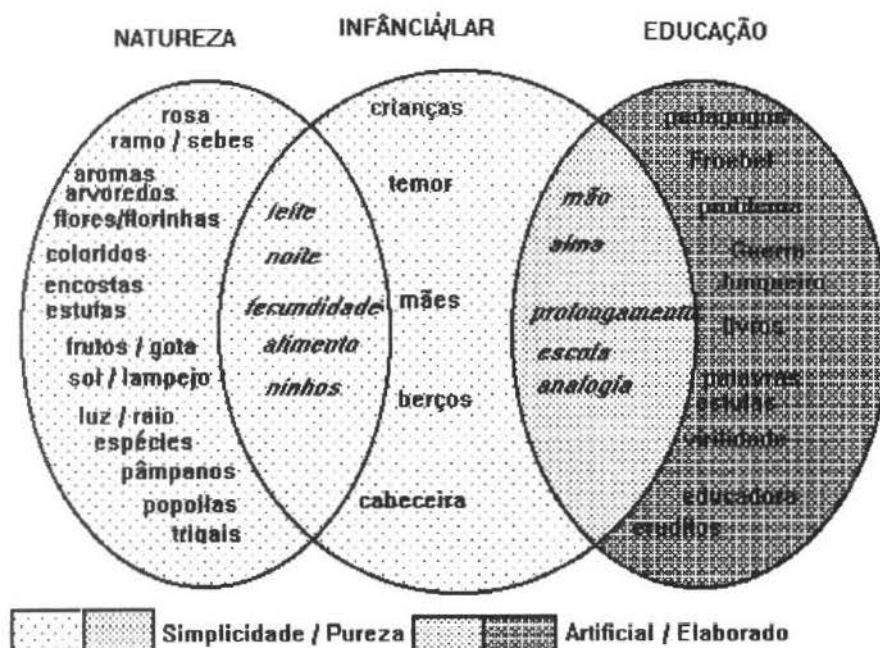


Tabela de Campos Semânticos
Teófilo Braga

Literatura Escrita/ Saber institucionalizado

A árvore que falla e o pássaro que canta	ficções	P/povo/s
A Bilha de Leite	Filha da burra	paradigmas
A Branca Flor	Francisco Rodrigues Lobo	parallelismos
A Duqueza	Gado Gajão	Patchatantra
A princeza que rompia sete pares de calçado...	Garoupinha	Patranhas
A vacca e o lobo	Gaston Paris	Pedagogia
A/arte/s	genio	personagens
Afanasiéff	Gonçalo Fernandes Trancoso	phenomenos
artigo	Grimm	Pitré
B/bibliotheca	Gubernatis	Platão
Benfey	Herbart	poesia
Blade	História da Litteratura	processo
C/caso/s	historia litteraria	prosa
C/conto/s	Historia/s	Psyche
C/conto/s popular/es	Historias de proveito e exemplo	Psychologia
C/contos tradicionaes	introducção	publicação
Cacheirinha	investigação/ões	quinhentista
Canarinho verde	investigador	Rainha do verde
Cancioneiro	L/litteratura/s	Ralston
Canções	Laura Gozembach	redacção
capitulo	Lendas	redondilha
cathegorias	Lenormant	Rei d'Hostia
classificação	Liebrecht	Rei Dom João
collecção/ões	linguagem	Reis Damaso
collector/es	litterato	Rivista de Letteratura popolare
Comparetti	livraria	Romanceiro
Contes de la mère Oie	livro	Romances
Contes du Vieux loup	locução/ões	Sagen
Contos da Carochinha	M/mytho	Schwank
Contos tradicionaes do povo portuguez	Marchen	sciencia
Cosquin	Maria do paosinho	serie
crítica	Maria Subtil	sermões
crítica litteraria	Max Muller	Sindabad
D. Phillippe	mestre/s	Soropita
dialectologia	Mme. De Beaumont	Spencer
Direito	monographias	Sr. Dr. Alvaro Rodrigo de Azevedo
disciplina	movimentos	Sr. Silvio Romero
discursos	nações	Stanislao Prato
documentos	narrador/es	Stephanovic
Dom José pequeno	narrativa/s	Straparola
Dr. João Teixeira Soares/ Teixeira Soares	notas	subjectivismo
Dr. Reinhold Kohler/ Reinhold Kohler/ Kohler	Novellario	texto
Dr./ Sr. Ernesto do Canto	Novellas	thema/s
E/estudo/s	Novellistica	titulo
Edade Media	O afillado de S. João	traducção
edição	O celeiro	tratado
educação	O filho do ladrão	verso
Epopeas	O forte no meio do mez	Waitz
erudição	O monte de ouro	Widter
escolas	O padre das mãos bonitas	Wolf
escripta	O parvo	Zola
estylo	O preto fingido	
F/fabula/s	O rei que achava a quinta despedaçada	
F/facetas	obra	
fabliau	Os Dois Irmãos	
	Os trez homens que queriam comer ...	

Tabela de Campos Semânticos
Teófilo Braga

Oralidade/ Folclore		
A árvore que falla e o pássaro que canta	Historia da Litteratura	Romances
A Bilha de Leite	Historia/s	Sagen
A Branca Flor	Historias de proveito e exemplo	Schwank
A Duqueza	improvisador	scienciaSindabad
A princeza que rompia sete pares de calçado...	investigação/ões	Soropita
A vacca e o lobo	investigador	Sr. Dr. Alvaro Rodrigo de Azevedo
A/arte/s	L/litteratura/s	Sr. Silvio Romero
Adagiario	Laura Gozembach	Stephanovic
Afanasieff	Lendas	Storie
alcunha	Lenormant	Straparola
amas	linguagem	Superstições
C/caso/s	M/mytho	T/tradição/ões
C/conto/s	Marchen	Tales
C/conto/s popular/es	Maria do paosinho	verso
C/contos tradicionaes	Maria Subtil	versões
Cacheirinha	Max Muller	Waitz
Canarinho verde	Mme De Beaumont	Widter
Cancioneiro	narrador/es	Wolf
Canções	narrativa/s	
Chistes	Novellario	
colheita	Novellas	
Comparetti	Novellistica	
Conseja	O afilhado de S. João	
Contes de la mère Oie	O celleiro	
Contes du Vieux Loup	O filho do ladrão	
Conti	O forte no meio do mez	
Contos da Carochinha	O monte de ouro	
Contos tradicionaes do Povo portuguez	O padre das mãos bonitas	
Contrafavole	O parvo	
Cosquin	O preto fingido	
Cuco	O rei que achava a quinta despedaçada	
Cuento	Os Dois Irmãos	
dialectologia	Os trez homens que queriam comer...	
ditado	P/povo/s	
Ditos	parallelismos	
Dom José pequeno	Patchatantra	
Dr. João Teixeira Soares/ Teixeira Soares	Patranhas	
Dr. Reinhold Köhler/ Reinhold Köhler/ Köhler	patronheiro	
Dr./ Sr. Ernesto do Canto	personagens	
E/exemplo/s	Petit Poucet	
Enigmas	Pitré	
Epopéas	Platão	
Exempi	poesia	
F/fabula/s	Proverbio	
F/facécias	Psyche	
fabliau	raças	
Filha da burra	Racconti	
Francisco Rodrigues Lobo	Rainha do verde	
Gado Gajão	Ralston	
Garoupinha	ransmissão	
gíria	recitador	
Gonçalo Fernandes Trancoso	Rei d'Hostia	
Grimm	Rei Dom João	
Gubernatis	Religios	
Herbart	Rivista de Letteratura popolare	
	Romanceiro	

Tabela de Campos Semânticos
Teófilo Braga

Geografia	Natureza
Açores	archipelago
Alemanha	caminho
Algarve	campo
archipelago	cidras
Coimbra	colheita
Entre Douro e Minho	dia/s
Estremadura	gado
Europa	globo
França	l/ilha/s
Ilha da Madeira	leite
l/ilha/s	mina
Inglaterra	natureza
Minho	noite
nações	raças
Portugal	
povoações	
provincia/s	
Roma	
San Jorge	
San Miguel/S. Miguel	
San Pedro	

Tabela de Campos Semânticos
Silvio Romero

Oralidade/ Folclore	
A onça e o bode	Mãe d'água
A onça e o veado	Maria Borradeira
Amiga folhagem	micura
bailados	mito/s
Bernal Francês	músicas
caboclista	nacionalidade
caboclo/s	Noiva Roubada
Caipora	O Bicho Manjaleu
canções	O cágado e a fruta
cantigas	O cágado e o jacaré
Cantos Populares do Brasil	O cágado e o teiú
Carlos Frederico Hartt/ Dr. Hartt	O macaco e o rabo
caso/s	O rabo e o gato
ciclo/s	O sargento-verde
Cobra Grande	O Selvagem
Comparetti	Os três coroados
congós	paralelismo/s
conto/s	poesia
Contos Populares	povo/s
costumes	Príncipe cornudo
Couto de Magalhães	quadrihas
D. Duarte e Donzilha	Ranci
D. Infanta	reisados
D. Maria e D. Arico	rénard
danças	romances
deus/es	Rugo-Ma-Tane
Dr. Gustavo Dodt	Silvio Romero
fábula/s	taieiras
folclore	Tane-Mahuta
Haumia-Tikitiki	Tangaroa
história	Tawir-che-Matéa
historietas	temas
ieroquis	Teófilo Braga
ikatere	tradição oral
irmãos Grimm	Tu-Matuenga
Jeropari	Tu-te-wehi-wehi
João e Maria	urus
lenda/s	versos
língua	whanaka
linguagem	xácaras

Tabela de Campos Semânticos
Silvio Romero

Literatura Escrita/ Saber Institucionalizado	
A onça e o bode	lições
A onça e o veado	língua
Adolfo Coelho	linguagem
Amiga Folhagem	literatura
autor/es	livro
Bernal Francês	Maria Borralheira
caboclista	mito/s
canções	nota
cantigas	O Bicho Manjaléu
Cantos Populares do Brasil	O cágado e a fruta
Carlos Frederico Hartt/ Dr. Hartt	O cágado e o jacaré
carta	O cágado e o teiú
caso/s	O macaco e o rabo
coletânea	O rabo e o gato
Comparetti	O sargento-verde
compilador	O Selvagem
conto/s	obra
Contos Populares	originais
Couto de Magalhães	Os três coroados
D. Duarte e D. Donzilha	páginas
D. Infanta	palavras
D. Maria e D. Arico	papel
Dr. Gustavo Dodt	paradigmas
escritores	paralelismo/s
estudantes	poesia
estudos	Príncipe cornudo
fábula/s	professor
Gonçalves de Magalhães	psicologia
Gonçalves Dias	quadrinhas
história	rénard
historietas	romances
ilustração	Saraiva
instituições	Silvio Romero
inteligência	Tobias Barreto
introdução	transcrito
irmãos Grimm	Tylor
João e Maria	versos
José Bonifácio	xácaras
lenda/s	

Tabela de Campos Semânticos
Silvio Romero

Ciências/ Etnografia/ Jargão Científico	
aborígenes	galego
adaptação	gênero/s
Adolfo Coelho	gerérés
africano/s	humanidade
agente	ideias
Alemanha	ieroquis
América	ikateré
americanos	ilustração
analogia	imigração
análogo	indígena/s
asiáticos	índio/s
aspectos	indivíduos
assimilação	influência
bailados	irmãos Grimm
branco/s	Jeropari
Brasil	jiquis
brasileiro/s	lendas
caboclista	língua
caboclo/s	linguagem
caborés	linhagem
canções	literatura
cantigas	livro
Carlos Frederico Hartt/ Dr. Hartt	mamelucos
caso/s	manipulação
ciclo/s	mestiço
clima	mito/s
Comparetti	moçarabes
compilador	mulatos/as
congos	negro/s
costumes	Nova-Zelândia
Couto de Magalhães	origem/ns
cruzamento	paradigmas
danças	pardos
Darwin	parentes
descendentes	Polinésia
desenvolvimento	população/ões
Dr. Gustavo Dotz	Portugal
elemento/s	português/eses
Emboabas	psicologia
ente/s	quadrinhas
espécie	raça/s
espécimes	sangue/s
estrangeiros	seleção
estudos	selvagem/ns
Europa	seres
europeu/s	sub-raça
extinção	substâncias
fator/es	Teófilo Braga
fenômenos	tradição oral
folclore	tupis
fusão	xácaras

Tabela de Campos Semânticos
José Lins do Rego

Infância	Literatura Escrita	História do Brasil/ Brasilidade
engenho	histórias	Brasil
histórias	livro	engenho
menino	Silvio Romero	Sergipe
Velha Totônia/velhinha	Trancoso	Silvio Romero

Sentimentos	Moral	Oralidade
alegria	bem	histórias
ansiedade	vontade	ouvintes
coração		Trancoso
prazer		Velha Totônia
		voz

Tabela de Campos Semânticos
Monteiro Lobato

Oralidade/ Folclore

anedotas
boca
contos
folclore
histórias
língua
negras
palavra
superstições
tia Esméria
Tia Nastácia

Família/ Lar/ Relações Familiares

avô
boneca
casa
D. Benta
Emília Emilinha
Esméria
filhos
leite
mamãe
menino
pais
Pedrinho
tetéia
tia
Tia Nastácia
varanda
vovô

Literatura Escrita/ Saber Institucionalizado

ciência
contos
dicionário
folclore
folk
idéia
língua
lore
palavra
sabedoria

Universo Lobatiano

D. Benta
Emília
Pedrinho
Tia Esméria
Tia Nastácia

História do Brasil/ Brasilidade

escrava
Esméria
negras
Tia Nastácia

Tabela de Campos Semânticos
Câmara Cascudo

Literatura Escrita/ Saber Institucionalizado		
Aarne-Thompson	Estado	O. Dahnhardt
Academia Scientiarum Fennica	estudo/s	obra-prima
Adolfo Coelho	Etnografia	obra/s
American Folklore Society	Etnografia Portuguesa	Old Deccan Days
Andrew Lang	exempli	Oliveira Martins
anecdotes	exemplo	originalidade
Antti Aarne	facecias	P/povo/s
Antropologia	fairy play	P/psicologia
antropologista	Fernan Caballero	palavra
Artur L. Campa	Fernando-Luis	papiro
aspectos	Fernão Lopes	patranha
autoria	folcloristas	patronos
autoridade	Folk Lore Society	Paul Sebillot
Beaumanoir	Folk-lore	pensamento
Brugsch	folk-tale/s	perífrases
Cancionero Popular de Tucuman	Folklore as an Historical Science	pesquisa
caso	Folklore Fellows Communications	Portuguese Folk-Tales
ciclo	forais	prefácio
ciência	formação	processo
citação	Formula Tales	Prof. Archer Taylor
classificação	fórmulas	Prof. Aurelio M. Espinosa
coleção/ões	Franz Boas	Prof. Ernst Phippison
comunicação	frases	Prof. Lindolfo Gomes
Congresso	Galeno	Prof. Ralph S. Boggs
conhecimento	George Laurence Gomme	Prof. Robert Lehmann Nitsche
consejas	ginasiano	Prof. Stith Thompson/ Stith Thompson
Consiglieri Pedroso	governo	programas
Constituições	H/história/s	Psychology and Folklore
conti/racconti	Heli Chatelain/ Chatelain	publicação
conto/s	ideia/s	Ratselmarchen
conto/s populares	Indiana University	razão
Contos e Fabulas Pop. da Bahia	índice	registro
Contos Pop. da Trad. oral do Est. de Minas	informação	repertórios
Contos Populares da História Natural	introdução	Rodolfo Lenz
Contos Populares do Brasil	J. Leite de Vasconcelos	Rodriguez Marin
Contos Populares Portugueses	João da Silva Campos	Rui de Pina
Contos Tradicionais do Povo Português	João Rubeiro	Satyves
contrafavole	jokes	schwank
copyright	Juan Alfonso Carrizo	seção/ões
criação	Ketten-Marchen	Silvio Romero
Crônica	Klpen	sistematização
cronista	kocchs	skarki
cuentos	letras	Stanford University
Cuentos Populares Espanoles	linguagem	stories
Cuentos-de-hunca-acabar	literatura	tales of magic
cultura	literatura oral	tema/s
curios	livro/s	Teófilo Braga
D. Fernando	Manuel Galdino Pessoa	The Frost-bitten Foot
D. João I	Marchen	The Mind of Primitive Man
datas	Marrett	The Types of the Folk-tale
documento	mentalidade/s	título
Dois Irmãos	mestre	tomos
Dom Apolinar Barber	método	tradução/ões
doutrina	Miss H. Monteiro	Unfinished Tales
E.E.U.U.	Miss Mary Frère	Universidade/s
egiptólogos	mitologia	Van Gennep
Endless Tales	movimento/s	versos
enigma	Mrs. D'Orbigny	Verzeichnis der Marchentypen
enredos	narrador/es	vocabulo
episódios	narrativa/s	volume/s
escolas	Naturgeschichtliche Volksmarchen	W. R. S. Ralston
escriba		

Tabela de Campos Semânticos
Câmara Cascudo

Oralidade/ Folclore/ Etnologia		
A/anedota/s	encantamento	narrador/es
Aarne - Thompson	Endless Tales	narrativa/s
adivinhação	enigma	negro/s
Adolfo Coelho	enredos	novilho-sagrado
África	Espanha	O. Dahnhardt
africanos	Espanhóis	oralidade
ama	Etnografia	P/povo/s
American Folklore Society	Etnografia Portuguesa	Papa-Figo
Anana	exempli	patranha
anansi	exemplo	Paul Sébillot
andou-andou-andou/andou-andou	facécias	porandubas
Andrew Lang	fairy play	Portugal
anecdotes	Fernan Caballero	português/es
Anepu	Fernando-Luís	Portuguese Folk-Tales
Angola	folcloristas	prinspa/o
anonimato	Folk Lore Society	Prof. Archer Taylor
Antii Aarne	Folk-lore	Prof. Ernst Philippson
Antropologia	folk-tale/s	Prof. Lindolfo Gomes
antropologista	Folklore as an Historical Science	Prof. Ralph S. Boggs
Armachis	Folklore Fellows Communications	Prof. Robert Lehmann Nitsch
Artur L. Campa	Formula Tales	Prof. Stith Thompson/ Stith Thompson
Batau	fórmulas	Psychology and Folklore
Beaumanoir	Franceses	RamsésMiamum
belgas	Franz Boas	Ratselmarchen
boca	gentes	repertórios
branco	George Laurence Gomme	Rio de Janeiro
Brasil	Gigante	Rio Grande do Norte
Brugsch	gíria	rituais
Cancionero Popular de Tucuman	H/história/s	Riu de Pina
caráter	Heli Chatelain/ Chatelain	Rodolfo Lenz
caso	Hindus	Rodriguez Marin
cerimônia/charada	Índia	russos
Chnum	índigena/s	sacrifício
ciclo	ingleses	Sarttyves
colheita	Itália	schwank
comunicação	italianos	Seti Merneftá
consejas	J. Leite de Vasconcelos	Sheherazada
Consigliari Pedroso	Japim	Silvio Romero
contadeira	Ji ningonongo	skarki
contadores	ji-sabu	stories
conti/racconti	João da Silva Campos	Sudão
conto/s	João Ribeiro	Surinã
conto/s popular/es	jokes	tales of magic
Contos e Fábulas Pop. da Bahia	Juan Alfonso Carruo	Tamurupará
Contos Pop. da Trad. oral do Est. de Minas	Ketten-Marchen	tapiucaba
Contos Populares da História Natural	kocchs	tema/s
Contos Populares do Brasil	Latham	Teófilo Braga
Contos Populares Portugueses	Lilita	The Frost-bitten Foot
Contos Tradicionais do Povo Português	Liriolay	The Mind of Primitive Man
contos-sem-fim	literatura oral	The Types of the Folk-tale
contrafávele	Luanda	Tot
costumes	Ma-kishi	tradição/ões
cuentos	mãe/s-preta/s	trava-línguas
Cuentos Populares Espanoles	Manuel Galdino Pessoa	uatá-uatá-uatá
Cuentos-de- nunca- acabar	Marchen	uende-uende
cultura	Marrett	Unfinished Tales
Curupira	mi-soso	urmythus
decifração	micura	Van Gennep
Demônio	misoso	variantes
Diabo	Miss H. Monteiro	versos
divulgação	Miss Mary Frère	Verzeichnis der Marchentypen
Dois Irmãos	mitologia	voz
Dom Apolinar Barber	motivo/s	W. R. S. Ralston
egiptólogos	Mrs. D'Orbiney	walked-walked
Egito	muie	

Tabela de Campos Semânticos
José Gomes Ferreira

Literatura Escrita/ Saber Institucionalizado		
A Gata Borralheira	Dom Duarte	Max Muller
A Gata Borralheira	Dom João Manuel	Menina e Moça
Adolfo Coelho	doutrinação	mestres
alegóricos	doutrinas	método
alegorismos	edição	mito/s
Alfredo Apell	Elementargedanke	mitógrafo
Ana Alves Leite	elemento/s	mitólogo/s
análise	erudição	modernidade
anedotário	eruditos	narrações
anedotas	escol	narrador/es
antropológica	escola	narrativas
antropólogo	Escola Mitológica	Novelística
apologéticas	escrevinhador	Oliveira do Douro
arabistas	escritores	oralidade
argumentação	especialistas	originalidade
arqueólogo	espectáculo/s	palavra/s
arte	estilo	papel
As Três Cidras do Amor	estrutura	paradigma
Askunken	estudiosos	parlendas
averiguação	etnólogo/s	Patchatandra
Bandello	exactidão	Pedros de Malas Artes
Bernardim Ribeiro	exemplo/s	pequena-burguesia
Boccacio	Exercício Literário	perícia
Carochinha	experiência/s	Perrault
caso/s	fenómenos	personagens
Cendrillon	filmes	pesquisadores
Cenicienta	filólogo/s	poder
ciclo	folclorista	poesia
ciência	frase	prefação
Cinderella	freudismo	prefaciador
Cinema	fundador	prefácio/s
civilização/ões	género	Prelo
classificação	hagiolários	Príncipes das Palmas Verdes
códices	hipóteses	processo
coleção	histórias	professores
colectânea	idéia	prolóquios
colônia	idioma	provas
colonizadores	imprensa	publicação
comédia	indianistas	publicação
compêndios	inteligência	publicidade
complexidades	introdução	publicidade
Condessa d'Aulnoy	introito	razão/ões
configuração	investigadores	recolhas
congêneres	irmãos Grimm	recorte
conjecturas	Jacob Grimm	resultados
Consiglieri Pedroso	Jorge Ferreira de Vasconcelos	ritmo
conto/s	José Gomes Ferreira	Rodopis
conto/s tradicional/is	Kalila e Dimna	sábios
Contos de Encantamento	Kinder-und-Hausmärchen	série
Contos Populares	leitor/es	sistemas
Contos Populares Portugueses	leituras	sociológica
Contos Populares Russos	lendas	sub-sistemas
cópia	letrados	substrato
corruptelas	língua	Teófilo Braga
criação/ões	linguagem	teoria
critério	literato	teorizadores
cultivo	literatura	texto/s
cultos	livraria	tradução
cultura	Livro do Conde Lucanor	Trancoso
desenhos animados	livro/s	utopias
Dinastia	Luís da Câmara Cascudo/ Cascudo	verificação
documentos	maneirismos	volume

Tabela de Campos Semânticos
José Gomes Ferreira

Oralidade/ Folclore/ Antropologia		
A Gata Borralheira	fantasia	parábolas
adágios	feiticeiras	parlendas
Adolfo Coelho	folcloristas	Patchatandra
Alfredo Apell	gigantes	patranhas
Ana Alves Leite	glosas	Pedros de Malas Artes
anedotário	Grisélis	Perrault
anedotas	hagiolários	personagens
antropólogo	hindus	pesquisadores
As Três Cidras do Amor	histórias	peugada
Askunke	historietas	pluralidade
Bandello	home	poesia
Boccacio	idioma	poligenismo
bruxa	indianistas	popular
bruxedos	irmãos Grimm	populismos
C/contos P/populares	Jacob Grimm	povo/s
campônios	Jorge Ferreira de Vasconcelos	Príncipes das Palmas Verdes
Carochinha	José Gomes Ferreira	prolóquios
caso/s	Kalila e Dimna	raças
Cendrillon	Kinder-und-Hausmärchen	recolhas
Cenicienta	lendas	ritualismo
ciclo	língua	ritualistas
Cinderella	linguagem	Rodopis
comédia	literatura	serões
comunicação	lobisomens	socapa
Condessa d'Aulnoy	Luís da Câmara Cascudo	sociológica
Consiglieri Pedroso	magia	Staéputa
contadeiras	Marias Sabidas	superstições
conto/s	Max Muller	tambor/es
conto/s tradicional/is	mito/s	Teófilo Braga
Contos de Encantamento	mitógrafo	teoria
Contos Populares Portugueses	mitólogo/s	teorizadores
Contos Populares Russos	narrações	totemismo
corruptelas	narrador/es	Trancoso
cultura	narrativas	transmissão
deuses	Novelística	trasgos
ditos	onzenices	variantes
Escola Mitológica	oralidade	versão/ões
etnólogo/s	ouvintes	vulgo
exemplo/s	palavra/s	zulus
fadas		

Tabela de Campos Semânticos
José Gomes Ferreira

Guerra/ Luta/ Poder/ Confronto
apropriação
castigo
classe/s
colónias
colonizadores
combate
conquista
direitos
divisão
documentos
domínio
doutrinação
doutrinas
Faraó
força
gentinha
guerra
impérios
intervenção
invasores
lei/s
liberdade
luta
manutenção
massa
mordaças
ódio
poder
princesa
regalias
regra
rei/s
reino
repressão
revoluções
revoluções
riqueza
seguidor
senhores
temor
vitória
vulgo

ANEXO III

As Trez Cidras do Amor

Teófilo Braga

Era uma vez um principe, que andava á caça; tinha muita sede, e encontrou trez cidras; abriu uma, e logo ali lhe appareceu uma formosa menina, que disse:

— Dá-me agua, senão morro.

O principe não tinha agua, e a menina expirou. O principe foi andando mais para diante, e como a sede o apertava partiu outra cidra. D'esta vez appareceu-lhe outra menina ainda mais linda do que a primeira, e tambem disse:

— Dá-me agua, senão morro.

Não tinha ali agua, e a menina morreu; o principe foi andando muito triste, e prometeu não abrir a outra cidra senão ao pé de uma fonte. Assim fez; partiu a ultima cidra, e d'esta vez tinha agua e a menina viveu. Tinha-se-lhe quebrado o encanto, e como era muito linda, o principe prometeu casar com ella, e partiu d'ali para o palacio para ir buscar roupas e levar-a para a corte, como sua desposada. Emquanto o principe se demorou, a menina olhou d'entre os ramos onde estava escondida, e viu vir uma preta para encher uma cantarinha na agua; mas a preta vendo figurada na agua uma cara muito linda, julgou que era a sua propria pessoa, e quebrou a cantarinha dizendo:

— Cara tão linda a acarretar agua! não deve ser.

A menina não pôde conter o riso; a preta olhou, deu com ella, e enraivecida fingiu palavras meigas e chamou a menina para ao pé de si, e começou a catar-lhe na cabeça. Quando a apanhou descuidada, metteu-lhe um alfinete n' um ouvido, e a menina tornou-se logo em pomba. Quando o principe chegou, em vez da menina achou uma preta feia e suja, e perguntou muito admirado:

— Que é da menina que eu aqui deixei?

— Sou eu, disse a preta. O sol crestou-me emquanto o principe me deixou aqui.

O principe deu-lhe os vestidos e levou-a para o palacio, onde todos ficaram pasmados da sua escôlha. Elle não queria faltar á sua palavra, mas ria calado a sua vergonha. O hortelão, quando andava a regar as flôres, viu passar pelo jardim uma pomba branca, que lhe perguntou:

"Hortelão da hortelaria,
Como passou o rei
E a sua preta Maria?

Elle, admirado, respondeu:

— Comem e bebem,
E levam boa vida.

"E a pobre pombinha
Por aqui perdida!

O hortelão foi dar parte ao principe, que ficou muito maravilhado, e disse-lhe:

— Arma-lhe um laço de fita.

Ao outro dia passou a pomba pelo jardim e fez a mesma pergunta; o hortelão respondeu-lhe, e a pombinha vôu sempre, dizendo:

Pombinha real não cae em laço de fita.

O hortelão foi dar conta de tudo ao príncipe; disse-lhe elle:

— Pois arma-lhe um laço de prata.

Assim fez, mas a pombinha foi-se embora repetindo:

— Pombinha real não cae em laço de prata.

Quando o hortelão lhe foi contar o succedido, disse o príncipe:

— Arma-lhe agora um laço de ouro.

A pombinha deixou-se cair no laço; e quando o príncipe veio passear muito triste para o jardim, encontrou-a e começou a affagal-a; ao passar-lhe a mão pela cabeça, achou-lhe cravado n'um ouvido um alfinete. Começou a puchal-o, e assim que lh'o tirou, no mesmo instante reappareceu a menina, que elle tinha deixado ao pé da fonte. Perguntou-lhe porque lhe tinha acontecido aquella desggrça, e a menina contou-lhe como a preta Maria se vira na fonte, como quebrou a cantarinha, e lhe catou na cabeça, até que lhe enterrou o alfinete no ouvido. O príncipe levou-a para o palacio, como sua mulher, e diante de toda a cõrte perguntou-lhe o que queria que se fizesse á preta Maria.

— Quero que se faça da sua pelle um tambor, para tocar quando eu fõr á rua, e dos seus ossos uma escada para quando eu descer ao jardim.

Se ella assim o disse, o rei melhor o fez, e fõram muito felizes toda a sua vida.

(Porto)

A Moura Torta

Silvio Romero

Uma vez havia um pai que tinha três filhos, e, não tendo outra cousa que lhes dar, deu a cada um uma melancia, quando eles quiseram sair de casa para ganhar a sua vida. O pai lhes tinha recomendado que não abrissem as frutas senão em lugar onde houvesse água. O mais velho dos moços, quando foi ver o que dava a sua sina, estando ainda perto da casa, não se conteve e abriu a sua melancia. Pulou de dentro uma moça muito bonita dizendo: "Dai-me água, ou dai-me leite". O rapaz não achava nem uma cousa nem outra; a moça caiu para trás e morreu.

O irmão do meio, quando chegou a sua vez, se achando não muito longe de casa, abriu também a sua melancia, e saiu de dentro uma moça ainda mais bonita do que a outra; pediu água ou leite, e o rapaz não achando nem uma cousa nem outra, ela caiu para trás e morreu.

Quando o caçula partiu para ganhar a sua vida, foi mais esperto e só abriu a sua melancia perto de uma fonte. No abri-la pulou de dentro uma moça ainda mais bonita do que as duas primeiras, e foi dizendo: "Quero água ou leite". O moço foi à fonte, trouxe água e ela bebeu a se fartar. mas a moça estava nua, e então o rapaz disse a ela que subisse num pé de árvore que havia ali perto da fonte, enquanto ele ia buscar a roupa para lhe dar. A moça subiu e se escondeu nas ramagens. Veio uma moura torta buscar água, e vendo na água o retrato de uma moça tão bonita, pensou que fosse o seu e pôs-se a dizer: "Que desaforo! pois eu sendo uma moça tão bonita, andar carregando água...!"

Atirou com o pote no chão e arreventou-o. Chegando em casa sem água e nem pote levou um repelão muito forte, e a senhora mandou-a buscar água outra vez; mas na fonte fez o mesmo, e quebrou o outro pote. Terceira vez fez o mesmo, e amoça, não se podendo conter, deu uma gargalhada.

A moura torta, espantada, olhou para cima e disse: "Ah! é você, minha netinha!... Deixe eu lhe catar um piolho". E foi logo trepando pela árvore arriba, e foi catar a cabeça da moça. Infincou-lhe um alfinete, e a moça virou uma pombinha e avoou! A moura torta então ficou no lugar dela. O moço, quando chegou, achou aquela mudança tamanha e estranhou; mas a moura torta lhe disse: "O que você quer? foi o sol que me queimou!... Você custou tanto a vir me buscar!"

Partiram para o palácio, onde se casou. A pombinha então costumava a voar por perto do palácio, e se punha no jardim a dizer: "Jardineiro, jardineiro, como vai rei, meu senhor, com a sua moura torta?" E fugia. Até que o jardineiro contou ao rei, que, meio desconfiado, mandou armar um laço de diamante para prende-la, mas a pombinha não caiu. Mandou armar um de ouro, e nada; um de prata, e nada; afinal um de visgo, e ela caiu. Foram leva-la, que muito a apreciou. Passados tempos, a moura torta fingiu-se pejada e pôs matos abaixo para comer a pombinha. No dia em que deviam bota-la na panela, o rei, com pena, se pôs a cata-la, e encontrou-lhe aquele carocinho na cabecinha, e, pensando ser uma pulga, foi puxando e saiu o alfinete e pulou lá aquela moça linda como os amores. O rei conheceu a sua bela princesa. Casaram-se, e a moura torta morreu amarrada nos rabos de dois burros bravos lascada pelo meio.

(Pernambuco)

A moura-torta

Monteiro Lobato

Era uma vez um pai de três filhos, que não tendo dinheiro com que dotá-los deu a cada um uma melancia, quando eles falaram em sair a correr mundo. Mas recomendou que não as abrissem em lugar onde não houvesse água.

O filho mais velho, ansioso por saber de sua sina, abriu a melancia à beira do caminho logo adiante. De dentro pulou uma moça muito linda, a gritar: "Dai-me água ou leite!" mas como ali não houvesse água nem leite, ela inclinou a cabececinha e morreu.

O filho do meio, que havia tomado por outra estrada, também resolveu conhecer sua sina e abriu a melancia num ponto onde não havia nem sombra de água perto. Surgiu de dentro uma jovem ainda mais bela, que disse: "Dai-me água ou leite!" Mas como não houvesse por ali nem uma nem outra coisa, ela também pendeu a cabecinha e morreu.

O filho mais moço, porém, deu muito tento à recomendação paterna, de modo que só abriu a sua melancia ao pé duma fonte. Também de dentro pulou uma moça belíssima, que pediu água ou leite. O moço deu-lhe água da fonte, que ela bebeu a fartar, mas como estivesse nua, o moço pediu-lhe que subisse a uma árvore e lá ficasse escondidinha entre as folhas enquanto ele ia buscar-lhe um vestido. A moça subiu à árvore e escondeu-se entre as folhas.

Logo depois apareceu uma moura-torta, com um pote à cabeça. Vinha enchê-lo naquela fonte. Olhou para a água e viu o reflexo da moça escondida na árvore.

— Ora que desaforo! Pois se eu sou uma beleza assim, como é que ando a carregar água para os outros? — E jogou o pote, quebrando-o em vinte pedaços.

Mas ao voltar para casa tomou uma grande descompostura da patroa, que a mandou à fonte com outro pote. A moura-torta foi e novamente viu o reflexo da moça na água. E quebrou o segundo pote.

A moça na árvore não conteve uma gargalhada. A moura-torta olhou para cima e percebeu tudo, jurou vingar-se.

— Linda, linda moça — disse ela fazendo voz macia — que bela cabeleira tu tens, minha flor. Que vontade de correr os dedos por esses lindos fios de ouro! Deixa-me que te penteie.

A moça, sem desconfiar de nada, deixou. A moura-torta subiu à árvore e começou a pentear aquela belíssima cabeleira loura. Súbito, zás! — fincou-lhe um alfinete na cabeça. Imediatamente a moça virou uma pombinha e voou. A moura-torta, muito contente, ficou no lugar dela.

Nisto apareceu o moço com o vestido, mas ao ver a sua beleza transformada naquele monstro arregalou os olhos.

— Que queres? — disse a moura. — Demoraste tanto que o sol me queimou, deixando-me preta assim.

O moço deu um suspiro; mas como se tratasse de sua sina, não podia evitar coisa nenhuma. Levou a moura para o palácio e com ela se casou, tudo na maior tristeza.

Desde o primeiro dia começou a aparecer por ali uma pombinha, que se sentava nas árvores do jardim e dizia ao jardineiro: "Jardineiro, jardineiro, como vai o rei meu senhor e mais a sua moura-torta?" Dizia isso e voava, mas tanto repetiu aquela frase que o jardineiro falou ao rei.

O rei, já meio desconfiado, mandou armar uma armadilha de prata para pegar a pombinha. A pombinha não caiu no laço. mandou armar uma armadilha de ouro - e nada. Uma de diamante - e nada. Por fim o jardineiro fez uma de visgo e nessa a pombinha ficou presa.

O jardineiro levou-a ao rei, o qual a pôs numa gaiola muito linda.

Imediatamente a moura-torta manifestou desejo de comer a pombinha assada, e tanto insistiu que o rei foi obrigado a dar licença para aquele crime. Mas no dia em que a pombinha ia morrer, o rei tomou-a nas mãos e afagou-a. Percebeu logo em sua cabeça um carocinho. Olhou. Era uma cabeça de alfinete. Puxou-o - e logo que o alfinete saiu a pombinha se transformou na linda moça da melancia.

— Oh! és tu, minha amada! - exclamou ele, na maior alegria.

A moça contou-lhe toda a traição da moura-torta. O rei, furioso mandou amarrá-la na cauda de uma burro bravo e soltá-la pelos campos.

A Moura Torta

Câmara Cascudo

Era uma vez um Rei que tinha um filho único, e este, chegando a ser rapaz, pediu para correr mundo. Não houve outro remédio senão deixar o Príncipe seguir viagem como desejava.

Nos primeiros tempos nada aconteceu de novidades. O Príncipe andou, andou, dormindo aqui e acolá, passando fome e frio. Numa tarde ia ele chegando a uma cidade quando uma velhinha, muito corcunda, carregando um feixe de gravetos, pediu uma esmola. O Príncipe, com pena da velhinha, deu dinheiro bastante e colocou nos ombros o feixe de gravetos, levando a carga até pertinho das ruas. A velha agradeceu muito, abençoou e disse:

— Meu netinho, não tenho nada para lhe dar: leve essas frutas para regalo mas só abra perto das águas correntes.

Tirou do alforje sujo três laranjas e entregou ao Príncipe que as guardou e continuou sua jornada.

Dias depois, na hora do meio-dia, estava morto de sede e lembrou-se das laranjas. Tirou uma, abriu o canivete e cortou. Imediatamente a casca abriu para um lado e outro e pulou de dentro uma moça bonita como os anjos, dizendo:

— Quero água! Quero água!

Não havia água por ali e a moça desapareceu. O Príncipe ficou triste com o caso. Dias passados sucedeu o mesmo. Estava com sede e cortou a segunda laranja. Outra moça, ainda mais bonita, apareceu, pedindo água pelo amor de Deus.

O Príncipe não pôde arranjar nem uma gota. A moça sumiu-se como uma fumaça, deixando o Príncipe muito contrariado.

Noutra ocasião o Príncipe tornou a ter muita sede. Estava já voltando para o palácio de seu Pai. Lembrou-se do sucedido com as duas moças e andou até um rio corrente. Parou e descascou a última laranja que a velha lhe dera. A terceira moça era bonita de fazer raiva. Muito e muito mais bonita que as duas outras. Foi logo pedindo água e o Príncipe mais que depressa lhe deu. A moça bebeu e desencantou, começando a conversar com o rapaz e contando sua história. Ficaram namorados um do outro. A moça estava quase nua e o Príncipe viajava a pé, não podendo levar sua noiva naqueles trajes. Mandou subir para uma árvore, na beira do rio, despediu-se dela e correu para casa.

Nesse momento chegou uma escrava negra, cega de um olho, a quem chamavam a Moura Torta. A negra baixou-se para encher o pote com água do rio mas avistou o rosto da moça que se retratava nas águas e pensou que fosse o dela. Ficou assombrada de tanta formosura.

— Meu Deus! Eu tão bonita e carregando água? Não é possível... Atirou o pote nas pedras, quebrando-o e voltou para o palácio, cantando de alegria. Quando a viram voltar sem água e toda importante, deram muita vaia na Moura Torta, brigaram com ela e mandaram que fosse buscar água, com outro pote.

Lá voltou a negra, com o pote na cabeça, sucumbida. meteu o pote no rio e viu o rosto da moça que estava na árvore, mesmo por cima da correnteza. Novamente a escrava preta ficou convencida da própria beleza. Sacudiu o pote bem longe e regressou para o palácio, toda cheia de si.

Quase a matam de vaias e puxões. Deram o terceiro pote e ameaçaram a negra de uma surra de chibata se ela chegasse sem o pote cheio d'água. Lá veio a Moura torta no destino. Mergulhou o pote no rio e tornou a ver a face da moça. Esta não podendo conter-se com a vaidade da negra, desatou uma boa gargalhada. A escrava levantou a cabebeça e viu a causadora de toda sua cnplicação.

— Ah! É vossimicê, minha moça branca? Que está fazendo aí, feito passarinho? Desça para conversar comigo.

A moça, de boba, desceu, e a Moura Torta pediu para pentear o cabelo dela, um cabelão louro e muito comprido que era uma primor. A moça deixou. A Moura Torta deitou a cabeça no sseu colo e começou a catar, dando cafuné e desembaraçandoas tranças. Assim que a viu muito entretida, fechando os olhos, tirou um alfinete encantado e fincou-o na cabeça da moça. Esta deu um grito e virou-se numa rolinha, saindo a voar.

A negra trepou-se na mesma árvore e ficou esperando o Príncipe, como a moça lhe tinha dito, de boba.

Finalmente o Príncipe chegou, numa carruagem dourada, com os criados e criadas trazendo roupa para vestir a noiva. Encontrou a Moura Torta, feia como a miséria. O Príncipe assim que a viu, ficou admirado e perguntou a razão de tanta mudança. A Moura Torta disse:

— O sol queimou minha pele e os espinhos furaram meu olho. Vamos esperar que o tempo melhore e eu fique como era antes.

O Príncipe acreditou e lá se foi a Moura Torta de carruagem dourada, feito gente. O Rei e a Rainha ficaram de caldo vendo uma nora tão horrenda como a negra. Mas, palavra de Rei não volta atrás e o prometido seria cumprido. O Príncipe anunciou seu casamento e mandou convite aos amigos.

A Moura Torta não acreditava nos olhos. Vivia toda coberta de seda e perfumada, dando ordens e ainda mais feia do que carregando o pote d'água. Todos antipatizavam com a futura Princesa.

Todas as tardes o Príncipe vinha despairecer no jardim e notava que uma rolinha voava sempre ao redor dele, piando triste de fazer pena. Aquilo sucedeu tantas vezes que o Príncipe acabou ficando impressionado. Mandou um criado armar um laço num galho e a rolinha ficou presa. O criado levou a rolinha ao Príncipe e este segurou com delicadeza, alisando as peninhas. Depois coçou a cabecinha da avezinha e encontrou um caroço duro. Puxou e saiu um alfinete fino. Imediatamente a moça desencantou-se e apareceu bonita como os amores.

O Príncipe ficou sabendo da malvadeza da negra escrava. Mandou prender a Moura Torta e contou a todo o mundo a perversidade dela, condenando-a a morrer queimada e as cinzas atiradas ao vento.

Fizeram uma fogueira bem grande e sacudiram a Moura Torta dentro, até que ficou reduzida a poeira.

A moça casou com o Príncipe e viveram como Deus com seus anjos, querida por todos. Entrou por uma perna de pinto e saiu por uma de pato, mandou dizer El-Rei Meu Senhor que me contassem quatro...

Lourença Maria da Conceição

Natal, Rio G. do Norte

As Três Cidras do Amor

Gomes Ferreira

Era uma vez um rei, e este rei tinha um filho, que era muito amigo da caça.

Um dia, quando andava nuns campos, encontrou umavelhinha muito aflita com muita fome. O príncipe não levava dinheiro, mas trazia de comer para enquanto andasse por fora.

Chamou os criados e mandou dar de tudo à velhinha. Ela comeu, bebeu, e, depois de estar farta, agradeceu muito ao príncipe, dizendo-lhe:

— Não vos posso mostrar a minha gratidão de outra maneira, porque nada tenho; mas aqui tendes estas três cidras, em sinal do meu reconhecimento.

E recomendou-lhe que nunca as abrisse senão ao pé de uma fonte, e que quando as abrisse que fosse sempre ao comprido e nunca ao través.

O príncipe guardou as cidras, despediu-se da velha, e continuou o seu caminho.

Quando já tinha andado bastante, lembrou-se de abrir uma das cidras, mas esqueceu-se de a abrir ao pé de uma fonte, como a velha lhe tinha recomendado. Imediatamente saiu de dentro uma formosa menina, que lhe disse:

— Dá-me água, senão morro!

O príncipe lembrou-se então do que lhe dissera a velha, e a menina, como ele não lhe desse de beber, morreu.

O príncipe ficou com muita pena, mas como tinha ainda duas cidras, estava mais consolado, e foi andando o seu caminho. Mais adiante abriu outra cidra, mas tornou a esquecer-se que havia de ser ao pé de uma fonte.

No mesmo instante lhe apareceu uma linda menina, que disse como a primeira:

— Dá-me água, senão morro!

Como ali não havia água, a menina morreu. O príncipe estava cada vez mais triste, e não se atrevia a abrir a terceira cidra com medo que lhe acontecesse o mesmo. mas estava com tantos desejos de ver o que ela tinha, que foi procurar uma fonte e ali a abriu.

No mesmo instante saiu-lhe de dentro uma formosa menina, mais linda do que nenhuma das outras, que disse também para ele:

— Dá-me água, senão morro!

O príncipe, que trazia uma concha, tirou água da fonte e deu de beber à menina.

A menina restabeleceu-se, mas, como era muito delicada e estava muito fraca, o príncipe teve medo de a levar até ao palácio, que era ainda muito longe.

Disse-lhe então que subisse para uma árvore que ali estava, enquanto ele ia buscar uma carruagem para ela ir.

A menina assim o fez, e o príncipe foi-se embora.

Daí a um pouco de tempo apareceu uma preta muito feia, que vinha buscar água à fonte, para o seu senhor.

A preta começou a olhar para a água e, como estava muito clara, viu a cara da menina. A preta, julgando então que era a cara dela, começou a dizer:

— Preta, preta tão bonita, vir buscar água à fonte!... Quebra, quebra o cantarinho!

— É dava uma pancada com o cântaro; mas como ele era de cobre, não se partia.

A preta olhava outra vez para a água e, vendo a cara da menina, tornava a repetir:

— Preta, preta tão bonita, vir buscar água à fonte!... Quebra, quebra o cantarinho!
E dava outra pancada com o cântaro.

A menina dava-lhe muita vontade de rir, mas não se queria rir com medo que a preta a visse.

Até que à terceira vez a menina não se pôde conter e soltou uma grande gargalhada.

A preta começou a olhar para todos os lados sem ver ninguém, até que por fim olhou para cima e viu a menina em cima da árvore.

Começou a fazer-lhe muita festa e a pedir-lhe que descesse.

A menina não queria, porque dizia que estava à espera do príncipe.

A preta, como era bruxa, começou a fazer ainda mais festas à menina e a dizer-lhe:

— Anda cá, minha menina, deixa-me ao menos catar-te a cabecinha!

Tanto fez, tanto fez, que a menina desceu.

A preta assim que apanhou a menina, principiou a fingir que a catava e a fazer-lhe muitas perguntas a respeito do príncipe, a que a menina respondia com toda a verdade.

A preta, assim que soube tudo, tirou um grande alfinete que tinha pregado em si e espetou-o na cabeça da menina.

Imediatamente a menina se transformou numa pomba e desapareceu.

A preta subiu para a árvore em lugar da menina e pôs-se a esperar pelo príncipe, que chegou daí por um bocado.

Olhou para cima da árvore e ficou muito admirado de ter deixado uma menina tão bonita e de achar uma preta tão feia. Principiou a zangar-se muito, mas a preta começou a chorar e a dizer que era um triste fado que a perseguia, e que tão depressa estava bonita como uma preta muito feia.

O príncipe acreditou e teve dó dela, e mandou-a descer da árvore, levando-a para o palácio.

No outro dia pela manhã levantou-se muito cedo e foi para o jardim passear.

Daí a um bocado viu vir uma pomba muito bonita, chegar ao pé do jardineiro, e dizer:

— Hortelão da minha horta, como passa o príncipe com a sua preta, negra, cachorra e torta?

Acabando de dizer isto, fugiu.

O hortelão não lhe respondeu nada; mas foi ter com o príncipe e disse-lhe:

— O que quer Vossa Alteza que eu responda àquela pomba?

— Dize-lhe que passo bem e que levo boa vida! - disse o príncipe.

No outro dia voltou a pomba e tornou a dizer:

— Hortelão da minha horta, como passa o príncipe com a sua preta, negra, cachorra e torta?

O hortelão respondeu-lhe:

— Passa bem e leva boa vida!

A pomba então disse:

— Coitadinha de mim, que ando aqui perdida!

O hortelão foi dizer ao príncipe o que a pomba tinha respondido.

O príncipe mandou-lhe armar um laço de fita para ver se a apanhava, porque gostava muito dela.

No outro dia a pomba voltou, e disse o mesmo. O hortelão respondeu a mesma coisa, e a pomba, quando olhou para o lado, deu uma gargalhada e disse:

— Ah! ah! ah! laço de fita não é para o meu pé!

— E foi-se embora.

O hortelão foi dizer ao príncipe, e le disse-lhe que armasse no outro dia um laço de prata. A pomba veio, disse as mesmas palavras, e no fim, olhando para o laço, disse a rir:

— Ah! ah! ah! laço de prata não é para o meu pé!

— E foi-se. O hortelão foi outra vez dizer ao príncipe. O príncipe ordenou que lhe pusessem um laço de ouro.

A pomba veio ao outro dia, disse as mesmas palavras, e, olhando para o laço, disse a rir:

— Ah! ah! ah! laço de ouro não é para o meu pé!

— E foi-se outra vez embora. O hortelão foi dizer ao príncipe, e ele muito muito zangado já, ordenou ao hortelão que lhe armasse um laço de brilhantes.

A pomba, ao outro dia, apenas veio, saltou para o laço, e disse:

— Este, sim, é que é para o meu pé!

— E deixou-se apanhar.

A preta, assim que viu que tinha apanhado a pombinha, começou a dizer que estava muito doente, e que queria um caldo dela. O príncipe, com muita pena, começou a dizer que não se havia de matar, e principiou a fazer-lhe muitas festas.

Quando estava a passar-lhe a mão pela cabeça, encontrou um alfinete que estava enterrado e tirou-lho. Imediatamente, no mesmo instante, a pomba se transformou numa linda menina, a mesma que o príncipe tinha deixado em cima da árvore.

O príncipe ficou muito admirado de a ver, e a menina contou tudo o que a preta lhe tinha feito.

O príncipe mandou matar a preta, e da pele fazer um tambor, e dos ossos uma escada para a menina subir para a cama.

Depois, casou com a menina, e foram muito felizes.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia

Alencar, José de. Como E Porque Sou Romancista, SP, Pontes, 1990.

Aubert, Francis Henrik (org.). Askeladden e Outras Aventuras, SP, EDUSP, 1992.

Bastide, Roger. "Dos Duelos de Tambores ao Desafio Brasileiro" in Psicanálise do Cafuné, Curitiba, Guaíra, 1941.

Bettelheim, Bruno. A Psicanálise dos Contos de Fadas, RJ, Editora Paz e Terra, 1986.

Bosi, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira, SP, Editora Cultrix, 1991.

Braga, Teófilo. História da Literatura Portuguesa, Porto, Imprensa Portuguesa Editora, 1870.

Burke, Peter. A Cultura Popular na Idade Moderna, SP, Companhia das Letras, 1989.

Calvino, Italo. Fiabe Italiane, Torino, Einaudi Editore, 1990.

-----, Seis Propostas Para o Próximo Milênio, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

Candido, Antonio. O Método Crítico de Silvio Romero, SP, EDUSP, 1988.

-----, A Educação Pela Noite e Outros Ensaios, SP, Editora Ática, 1989.

-----, Formação da Literatura Brasileira, Belo Horizonte, Livraria Itatiaia Editora Ltda., 1975.

-----, Recortes, SP, Companhia das Letras, 1993.

-----, Literatura e Sociedade, SP, Companhia Editora Nacional, 1985.

Cascudo, L. da Câmara. Contos Tradicionais do Brasil, RJ, Ediouro, s/d.

Chartier, Roger. A História Cultural: Entre Práticas e Representações, Lisboa, Difel, 1988.

-----, L'Ordre des Livres: Lecteurs, Auteurs, Bibliothèques en Europe entre XIVe et XVIIIe Siècle, Paris, Alinea, 1992.

-----, Lectures et Lecteurs dans la France d'Ancien Regime, Paris, L'Univers Historique, 1992.

-----, Les Usages de l'Imprimé, Paris, Fayard, 1992.

Chiappini, Lúcia & Aguiar, Flávio Wolf de (orgs.). Literatura e História na América Latina, SP, EDUSP, 1993.

Comte, Auguste. Catecismo Positivista, São Paulo, Nova Cultural, 1988.

Darnton, Robert. O Grande Massacre de Gatos, RJ, Edições Graal Ltda., 1988.

-----, Edição e Sedição: O Universo da Literatura Clandestina no Século XVIII, São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

Del Fiorentino, Teresinha A.. Utopia e Realidade: O Brasil no Começo do Século XX, 1a. ed., São Paulo/ Brasília, Cultrix/INL, 1979.

Eagleton, Terry. Teoria da Literatura: Uma Introdução, SP, Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1983.

-----, The Ideology of the Aesthetic, Basil Blackwell, 1990.

Ferreira, J. G. e Oliveira, Carlos de (orgs.). Contos Tradicionais Portugueses, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1957.

Finnegan, Ruth. Oral Traditions and Verbal Arts, New York, Routledge, 1992.

Garrett, Almeida. Romanceiro, Porto, Livraria Simões Lopes, 1949.

Grimm, J. e W.. Os Contos de Grimm, SP, Edições Paulinas, 1989.

Hallewell, Laurence. O Livro no Brasil, São Paulo, T. A. Queiroz/EDUSP, 1985.

Herculano, Alexandre. Lendas e Narrativas, Mira-Sintra, Europa-América, 1980.

Ianni, Octavio. A Sociedade Global, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1992.

Junqueiro, Guerra. Contos Para a Infância, Porto, Lello & Irmãos Editores, 1953.

-----, Antologia Para a Juventude, Porto, Lello & Irmãos Editores, 1958.

Katona, Imre. "Reminiscences of Primitive Divisions of Labor Between Sexes and Age Groups in the Peasant Folklore of Modern Times" in Toward a Marxist Anthropology, Mouton, Den Haag, 1979.

Lajolo, Marisa & Zilberman, Regina. Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias, São Paulo, Ática, 1985.

-----, Um Brasil Para Crianças; Para Conhecer a Literatura Infantil Brasileira : História, Autores e Textos, São Paulo, Global, 1986.

Lajolo, Marisa. O Que É Literatura, SP, Editora Brasiliense, 1987.

-----, A Leitura Rarefeita, SP, Editora Brasiliense, 1991.

Lemaire, Ria. Passions et Positions, Amsterdam, Rodopi, 1987.

----- "Repensando a História Literária", trad. Heloísa Buarque de Hollanda, in Historiography of Women's Cultural Traditions, Foris Publications, Dordrecht, Holanda/USA, 1987.

----- "Literatura Oral e Literatura Escrita - Um Confronto de Leitores" in Actas do Terceiro Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, s/d.

----- "As Cantigas Que a Gente Canta, Os Amores Que a Gente Quer" in A Mulher na Literatura, Belo Horizonte, ANPOLL, UFMG, 1990.

Lobato, J. B. Monteiro. Histórias de Tia Nastácia, SP, Editora Brasiliense, 1990.

Lord, Albert B.. The Singer of Tales, New York, Atheneum, 1978.

Llull, Ramón. Libro de la Orden de Caballeria, Madrid, Alianza Editorial, 1992.

Machado Neto, Antonio Luís. Estrutura Social da República das Letras: Sociologia da Vida Intelectual Brasileira, São Paulo, Grijalbo/ EDUSP, 1973.

Ménard, Philippe. Les Fabliaux - Contes à Rire du Moyen Âge, Paris, Presses Universitaires de France, 1983.

Ong, Walter J.. Orality and Literacy, New York, Methuen, 1982.

Ortiz, Renato. Românticos e Folcloristas, SP, Editora Olho d'Água, 1991.

----- A Consciência Fragmentada, RJ, Editora Paz e Terra S.A., 1980.

Pereira, Lúcia Miguel. História da Literatura Brasileira: Prosa de Ficção (de 1870 a 1920), Belo Horizonte/ Itatiaia, São Paulo/ EDUSP, 1988.

Pizarro, Ana (coord.). La Literatura Latinoamericana Como Proceso, Bibliotecas Universitarias, Centro Editor de America Latina, 1985.

Pound, Ezra. ABC da Literatura, Editora Cultrix Ltda, 1989.

Propp, V.. Les Racines Historiques du Conte Merveilleux, Paris, Gallimard, 1983.

Proust, Marcel. Sobre a Leitura, Campinas, Pontes, 1991.

Rama, Ángel. A Cidade das Letras, SP, Editora Brasiliense S. A., 1985.

Robles, Federico Carlos Sainz de (org.). Cuentos Viejos de La Vieja España, Madrid, Aguilar S. A. de Ediciones, 1949.

Romero, Silvio. Contos Populares do Brasil, RJ, Livraria José Olympio Editora, 1954.

-----, Uma Esperteza, Rio de Janeiro, Tipografia da Escola, 1887.

Roy, Claude. Trésor de la Poésie Populaire, Paris, Seghers Éditeur, 1954.

Santos, Idelette Muzart Fonseca dos. "A Memória da Literatura Oral: Seleção e Esquecimento" in Literatura e Memória Cultural, Belo Horizonte, ABRALIC, 1990.

Saraiva, A. J. e Lopes, O.. História da Literatura Portuguesa, Porto, Porto Editora, 1989.

Schwarz, Roberto. Que Horas São?, São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

Sodré, Nelson Werneck. História da Literatura Brasileira, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1960.

Vernant, J. P. e Vidal-Naquet, P.. Mito e Tragédia na Grécia Antiga, SP, Livraria Duas Cidades Ltda., 1977.

Watt, Ian. A Ascensão do Romance, SP, Companhia das Letras, 1990.

Wilde, Oscar. Histórias de Fadas. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1992.

Williams, Raymond. O Campo e a Cidade. SP, Companhia das Letras, 1989.

Zilberman, Regina. Estética da Recepção e História Literária. SP, Editora Ática S.A., 1989.

Zumthor, Paul. A Letra e A Voz. SP, Companhia das Letras, 1993.

-----, La Poésie et La Voix dans La Civilisation Médiévale. Paris, Presses Universitaires de France, 1984.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1. A Leitura das Histórias em Família.
2. Chapeuzinho Vermelho ficou muito admirada ao ver como a avó era esquisita em seu treje de dormir.
3. Você está vendo que não podemos mais alimentar nossos filhos.
4. A alegria de ser tão bela trouxe-lhe o desejo de se banhar na fonte, o que logo fez.
5. O filho do rei, que retornava da caça, viu-a e a achou tão linda que quis saber o que fazia ela ali sozinha.

Todas as ilustrações são de Gustave Doré, Que constam da edição francesa de 1883 e foram retiradas do livro de Contos de Perrault, Trad. de Regina Regis Junqueira, publicado pela Editora Itatiaia, em Belo Horizonte, 1985.